

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FLAVIO VALDIR KIRST**

**ESPORTE  
E  
VALORES SOCIAIS**

**VITÓRIA  
2009**

FLAVIO VALDIR KIRST

**ESPORTE  
E  
VALORES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, na área de concentração História Cultural da Educação Física e do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva.

VITÓRIA

2009

K61e Kirst, Flavio Valdir.

Esporte e valores sociais / Flavio Valdir Kirst. – 2009.

144 f.

Orientador: Otávio Guimarães Tavares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,  
Centro de Educação Física e Desportos.

1. Esporte. 2. Sociologia-esporte. 3. Valores sociais. I. Tavares, Otávio  
Guimarães. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de  
Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 796

CDD 796

**FLAVIO VALDIR KIRST**

**ESPORTE  
E  
VALORES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física na área de concentração História Cultural da Educação Física e do Esporte.

Aprovada em 25 de julho de 2009.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

---

**Prof. Dr. Valter Bracht**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

A meu pai Ivo, e a minha mãe Maria Helena, meus maiores mestres, que pouco freqüentaram os bancos escolares, mas sempre me incentivaram a seguir esse caminho.

Meu profundo agradecimento,

Ao Prof. Dr. Otávio Tavares, pela orientação dedicada e profundas reflexões compartilhadas;

Ao amigo e grande incentivador Prof. Dr. Robélius De Bortoli, por sempre acreditar e por me fazer acreditar;

A minha amada esposa Evani, sempre paciente, compreensiva e dedicada. Seu apoio e cumplicidade tornam tudo possível.

## RESUMO

Existe consenso sobre o fato que o esporte, enquanto elemento socializador, pode ser fonte de valores orientadores das atitudes dos praticantes, sejam elas positivas ou negativas. No entanto, não existe uma base empírica suficientemente forte para comprovar tais afirmações. O objetivo deste trabalho foi investigar se efetivamente valores presentes no esporte também são válidos em esferas da vida social dos praticantes, tendo como referência os pressupostos de duas teorias sociais: a Teoria Crítica do Esporte e a Teoria do Dilema Brasileiro. Adotamos como instrumento de coleta de dados principal um questionário composto com cinco escalas de atitudes relativas às seguintes categorias de análise: 1) disciplina, 2) modo de navegação social, 3) fungibilidade, 4) meritocracia, 5) princípio do rendimento e 6) reordenação da ordem. O *lócus* da pesquisa foram as Olimpíadas Escolares (2008) em sua etapa nacional, categoria juvenil (15 a 17 anos), realizada em João Pessoa - Paraíba. 498 questionários foram distribuídos aos atletas de atletismo, basquetebol, futsal, judô, handebol e voleibol. Destes, 261 questionários foram respondidos. O teste Qui-Quadrado foi utilizado para medir a discrepância existente entre as frequências observadas e esperadas para as variáveis 'sexo' e 'modalidade esportiva'. Para o aprofundamento de algumas questões foram realizadas entrevistas guiadas com 21 respondentes. Os resultados obtidos confirmaram pressupostos da Teoria Crítica do Esporte em relação às categorias 'disciplina', 'fungibilidade', 'meritocracia' e 'princípio do rendimento'. Observaram-se divergências em relação às noções de respeito incondicional às regras e hierarquias, à crença na vitória como produto de mérito pessoal, e à vitória como o objetivo último. Em relação à Teoria do Dilema Brasileiro, foram confirmados seus pressupostos referentes às categorias 'modo de navegação social', 'meritocracia' e 'reordenação da ordem'. Como conclusão podemos dizer que foi constatada uma ambivalência entre valores sociais contrapostos. Dessa forma podemos apontar, não para a legitimação de uma teoria em detrimento da outra, mas para uma complementaridade entre elas.

Palavras-chave: Valores sociais; esporte.

## ABSTRACT

There is a consensus on the fact that the sport, as socializing tool, could be a source of social guiding values, whether positive or negative. However, there is a lack of empirical data to support such consensus. The aim of this paper was to investigate if the sport values are, in fact, present in other spheres of sportsman/sportswoman social life, taking as theoretical references the Critical Theory of Sport and the Theory of Brazilian Dilemma. We adopted a semi-structured questionnaire with five attitude scales related to the following categories: 1) discipline, 2) ability of social navigation, 3) fungible principle, 4) meritocracy, 5) principle of performance, 6) reorganization of order. The research *locus* was the national round of the 15 to 17 years old School Olympics (João Pessoa, PB, 2008). 498 questionnaires was released to athletics, basketball, futsal, judo, handball and volleyball athletes. 261 questionnaires were answered. The Chi-Square was used to test discrepancies according to sex and sport. To better interpret data, in-depth interviews were conducted with 21 respondents. The results confirmed Critical Theory postulates related to the categories 'discipline', 'fungible principle', 'meritocracy' and 'performance principle'. However, one could observe divergences toward the notions of unconditional respect of the rules and hierarchies, the belief of the victory as a personal merit, and the winning as a ultimate goal. On the other hand, the results confirmed postulates related to the categories of ability of social navigation, meritocracy and the reorganization of order of the Brazilian Dilemma Theory. One could assert an uncertainty between opposed social values. Thus, we can think on complementarities between different social theories rather than an opposition.

Key words: social values; sport

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais gerais para categoria 'disciplina' .....	87
Gráfico 2: Percentuais gerais para categoria 'modo de navegação social' .....	92
Gráfico 3: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 5 .....	95
Gráfico 4: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 6 .....	97
Gráfico 5: Percentuais gerais para categoria 'fungibilidade' .....	99
Gráfico 6: Percentual: 'sexo' versus variável 15 .....	101
Gráfico 7: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 7 .....	103
Gráfico 8: Percentuais gerais para categoria 'meritocracia' .....	105
Gráfico 9: Percentual: 'sexo' versus variável 8 .....	109
Gráfico 10: Percentual: 'sexo' versus variável 11 .....	110
Gráfico 11: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 8 .....	113
Gráfico 12: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 10 .....	114
Gráfico 13: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 11 .....	116
Gráfico 14: Percentuais gerais para categoria 'princípio do rendimento' .....	119
Gráfico 15: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 16 .....	123
Gráfico 16: Percentuais gerais para a categoria 'reordenação da ordem' .....	126
Gráfico 17: Percentual: 'sexo' versus variável 9 .....	129
Gráfico 18: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 18 .....	132
Gráfico 19: Percentual: 'modalidade esportiva' versus variável 19 .....	133

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Freqüências e percentuais para as variáveis gerais. ....	82
Tabela 2 - Freqüências e percentuais gerais para as categorias de valores. ....	83
Tabela 3 – Resultados do teste qui-quadrado para a Tabela de dupla entrada da variável ‘sexo’ versus as demais variáveis. ....	84
Tabela 4 - Resultados do teste qui-quadrado para a Tabela de dupla entrada da variável ‘modalidade esportiva’ versus as demais variáveis.....	85
Tabela 5 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria ‘disciplina’. ....	86
Tabela 6 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 1.....	88
Tabela 7 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 2.....	89
Tabela 8 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 3.....	89
Tabela 9 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 1. ....	90
Tabela 10 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 2. ....	90
Tabela 11 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 4. ....	90
Tabela 12 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria ‘modo de navegação social’. ....	91
Tabela 13 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 5.....	94
Tabela 14 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 6.....	94
Tabela 15 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 5. ....	95
Tabela 16 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 6. ....	96
Tabela 17 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria ‘fungibilidade’. ....	98
Tabela 18: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 15.....	100
Tabela 19: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 7.....	102
Tabela 20: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 7. ....	102
Tabela 21: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 15. ...	104
Tabela 22 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria ‘meritocracia’.....	105
Tabela 23: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 8.....	108
Tabela 24: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 11.....	110
Tabela 25: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 3.....	111
Tabela 26: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 10.....	112
Tabela 27: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus variável 13.....	112
Tabela 28: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 8. ....	113
Tabela 29: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 10. ...	114
Tabela 30: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus variável 11. ...	116

Tabela 31: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 3. ....	117
Tabela 32: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 13. ...	117
Tabela 33 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria 'princípio do rendimento'.....	118
Tabela 34: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 12.....	122
Tabela 35: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 14.....	122
Tabela 36: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 16.....	122
Tabela 37: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 16. ...	123
Tabela 38: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 12. ...	124
Tabela 39: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 14. ...	124
Tabela 40 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria 'reordenação da ordem'. ....	126
Tabela 41: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 9.....	128
Tabela 42: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 17.....	130
Tabela 43: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 18.....	130
Tabela 44: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 19.....	130
Tabela 45: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus variável 20.....	131
Tabela 46: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 18. ...	132
Tabela 47: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 19. ...	133
Tabela 48: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 9. ....	134
Tabela 49: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 17. ...	135
Tabela 50: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus variável 20. ...	135

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 TEORIA CRÍTICA</b> .....	<b>24</b>
2.1 A ESCOLA DE FRANKFURT .....	24
<b>2.1.1 Razão e Ciência</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1.2 Cultura e Indústria Cultural</b> .....	<b>28</b>
<b>2.1.3 Estado e Legitimação do Capitalismo</b> .....	<b>30</b>
2.2 A TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE .....	31
<b>2.2.1 Trabalho e Mercadoria</b> .....	<b>33</b>
<b>2.2.2 Aprimoramento Técnico e Fungibilidade</b> .....	<b>35</b>
<b>2.2.3 Regra e Ordem Social</b> .....	<b>37</b>
<b>2.2.4 Igualdade e Meritocracia</b> .....	<b>39</b>
<b>2.2.5 Educação e Ideologia</b> .....	<b>40</b>
<b>3 TEORIA DO DILEMA BRASILEIRO</b> .....	<b>43</b>
3.1 A CASA, A RUA E OUTRO MUNDO .....	44
<b>3.1.1 A Casa e a Pessoa</b> .....	<b>45</b>
<b>3.1.2 A Rua e o Indivíduo</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1.3 O Outro Mundo e o Renunciador</b> .....	<b>49</b>
3.2 SE NÃO VAI POR BEM, VAI NO “JEITINHO” .....	50
<b>3.2.1 Sabe Com Quem Está Falando?</b> .....	<b>53</b>
<b>3.2.2 Malandros e Malandrags</b> .....	<b>55</b>
<b>3.2.3 Malandros, Caxias e Renunciadores</b> .....	<b>57</b>
3.3 ESPORTE E VALORES SOCIAIS .....	59
<b>3.3.1 O Indivíduo e a Equipe</b> .....	<b>60</b>
<b>3.3.2 Democracia e Meritocracia</b> .....	<b>63</b>
<b>3.3.3 Regras e Racionalidade</b> .....	<b>66</b>
<b>3.3.4 Sorte e Destino</b> .....	<b>68</b>
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>70</b>
4.1 TIPO DE PESQUISA .....	70
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	70
4.3 COLETA DE DADOS .....	73
<b>4.3.1 Dimensões Sociais Analisadas</b> .....	<b>73</b>

<b>4.3.2 Cuidados Legais e Éticos</b> .....	74
<b>4.3.3 Estudo Piloto</b> .....	75
<b>4.3.4 Questionário</b> .....	76
<b>4.3.4 Instrumentos Auxiliares</b> .....	77
4.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA .....	78
<b>4.4.1 O Teste Qui-Quadrado</b> .....	79
<b>5 O ATLETA E OS VALORES SOCIAIS</b> .....	81
5.1 VISÃO GERAL DOS RESULTADOS.....	81
5.2 DISCIPLINA .....	86
<b>5.2.1 Disciplina Versus Sexo</b> .....	88
<b>5.2.2 Disciplina Versus Modalidade Esportiva</b> .....	89
5.3 MODOS DE NAVEGAÇÃO SOCIAL .....	91
<b>5.3.1 Modo de Navegação Social Versus Sexo</b> .....	94
<b>5.3.2 Modo de Navegação Social Versus Modalidade Esportiva</b> .....	95
5.4 FUNGIBILIDADE.....	98
<b>5.4.1 Fungibilidade Versus Sexo</b> .....	100
<b>5.4.2 Fungibilidade Versus Modalidade Esportiva</b> .....	102
5.5 MERITOCRACIA.....	104
<b>5.5.1 Meritocracia Versus Sexo</b> .....	108
<b>5.5.2 Meritocracia Versus Modalidade Esportiva</b> .....	112
5.6 PRINCÍPIO DO RENDIMENTO.....	118
<b>5.6.1 Princípio do Rendimento Versus Sexo</b> .....	121
<b>5.6.2 Princípio do Rendimento Versus Modalidade Esportiva</b> .....	123
5.7 REORDENAÇÃO DA ORDEM .....	125
<b>5.7.1 Reordenação da Ordem Versus Sexo</b> .....	128
<b>5.7.2 Reordenação da Ordem Versus Modalidade Esportiva</b> .....	131
<b>6 CONCLUSÕES</b> .....	136
<b>APÊNDICE</b> .....	142

# 1 INTRODUÇÃO

O esporte ocupa um lugar central na sociedade ocidental contemporânea. O crescente espaço dedicado ao mesmo nas últimas décadas, seja no planejamento de políticas sociais, na indústria e no comércio formal e informal, assim como na imprensa nacional e internacional, dá uma idéia de sua importância na sociedade moderna.

Por estar presente em nosso cotidiano de uma forma tão intensa e ser retratado na mídia de maneira tão rotineira, o fenômeno esportivo dá a muitos a sensação de ser compreensível sem grande esforço. Na verdade, este fenômeno de *falsa transparência* permite que muitas afirmações positivas ou negativas a respeito das práticas esportivas possam ser feitas sem uma base empírica mais sólida e, ainda assim, obterem um grau de aceitação considerável.

Este debate encontra-se presente também nas ciências sociais, onde se observam, de maneira nada surpreendente, compreensões extremamente divergentes a respeito do esporte enquanto prática social. Diversas teorias têm sido desenvolvidas com a intenção de compreender e explicar a relação entre esporte e sociedade.

Para possibilitar uma maior compreensão da relação que ocorre entre o esporte e a sociedade na qual está inserido, é imprescindível que se desenvolva um maior aprofundamento dos mecanismos de socialização. Segundo Cuche (2002), a noção de socialização nasce de uma necessidade sócio-antropológica de explicar a continuidade da cultura através das gerações. Para ele, a socialização pode ser entendida como “[...] o processo de interação de um indivíduo a uma dada sociedade ou a um grupo particular pela interiorização dos modos de pensar, de sentir e agir [...]”. Dessa forma, as pesquisas que buscam investigar os processos de socialização, abordam os “[...] diferentes tipos de aprendizagem aos quais o indivíduo está submetido e pelos quais se opera esta interiorização, assim como os efeitos que eles provocam no comportamento (CUCHE, 2002, p.112)”. Portanto, a questão fundamental a que remete este conceito é: quais são os mecanismos que identificam o indivíduo a determinada sociedade, e que, em última análise, o torna um membro desta? As definições que se seguem podem auxiliar nessa compreensão desse processo.

Segundo Boudon e Bourricaud (2000), o termo socialização se refere aos processos de assimilação dos indivíduos através do contato com os diferentes grupos sociais. Nesse sentido,

Pode-se concebê-los essencialmente como processos de condicionamento pelos quais o agente social, sob a influência de seu meio, registraria e interiorizaria as “respostas” que lhe conviesse dar às diferentes situações em que pudesse se encontrar (2000, p.516-518).

Concordando com, e ampliando o conceito anterior, Bottomore (2001) afirma que

Socializar uma pessoa significa criar um ambiente no qual ela possa aprender uma língua, regras de pensamento conceitual, algo da história da comunidade a que pertence, hábitos práticos necessários à sobrevivência e ao desenvolvimento, regras morais que regem relações com outros membros da comunidade. [...] Ao transferir uma cultura específica para um indivíduo, a comunidade (família, escola, vizinhança, Estado) impõe certas idéias e normas tradicionais ao jovem, e é mais comum que o faça rigidamente, de maneira heteronômica. [Através desse processo] [...] produz um “pequeno homem” em grande escala, uma personalidade conformista que teme a responsabilidade e acaba dando todo o apoio a líderes e movimentos autoritários (p.342).

Conforme explicitado nessas definições, o mecanismo de socialização leva o indivíduo a respostas automatizadas, decorrentes das aprendizagens às quais foi exposto. Em outras palavras, a socialização condicionaria o indivíduo a seguir o conjunto de normas, crenças e valores aos quais foi ambientado, de maneira “cega” e acrítica. Este conceito, segundo Cuche (2002), é nitidamente durkheimniano<sup>1</sup>, principalmente pelo caráter coercitivo atribuído ao processo de socialização.

Em oposição ao paradigma do condicionamento, Boudon e Bourricaud (2000) preconizam o paradigma da interação, a qual concebe a socialização como um processo adaptativo e de otimização, no qual devem ser considerados o grau de interiorização e o poder de coerção social dos elementos interiorizados. Além disso, os autores apresentam duas formas distintas de socialização: a socialização

---

<sup>1</sup> Os limites desse trabalho inviabilizam uma apresentação mais ampla da obra de Émile Durkheim. Para maior aprofundamento, consultar a obra do autor “As Regras do Método Sociológico”, publicada no Brasil pela editora Nacional.

primária, que ocorre durante a infância; e a secundária, que ocorre por toda a vida<sup>2</sup>. Portanto, essa concepção se difere da primeira (paradigma do condicionamento), principalmente por compreender o processo de socialização como algo que acompanha o ser humano por toda sua vida, e não como algo que se encerra na adolescência. Assim, preconizam a realização da análise do processo de socialização através da análise da ação. Dessa forma, afirmam que,

Em face de uma situação nova, o indivíduo é guiado por seus recursos cognitivos e pelas atitudes normativas resultantes do processo de socialização a que está exposto. Entretanto a situação nova o levará eventualmente a enriquecer seus recursos cognitivos ou a modificar suas atitudes normativas. [...] o indivíduo tende, em regra, a procurar a solução que lhe pareça ser a melhor em função de seus recursos e atitudes, bem como da situação tal como a percebe (BOUDON e BOURRICAUD, 2000, p. 519).

Seguindo essa mesma concepção, Berger e Luckmann (*apud* CUCHE, 2002), afirmam que a socialização é um processo sem fim, que permeia toda a vida de um indivíduo, compreendendo momentos de interiorização de modelos de integração normativa, momentos de possível ruptura com este modelo e, na seqüência, a integração de outro modelo e nova interiorização.

Percebe-se, pois, duas idéias conflitantes quanto à natureza do processo de socialização. Por um lado, o paradigma do condicionamento nos remete a concepção de um indivíduo que é socialmente “moldado” durante a infância e adolescência para adequar-se a sociedade de maneira conformista e acrítica. Uma vez socializado, esse indivíduo permaneceria coerente com tal modelo de conduta por toda a vida. De outro lado, o paradigma da interação concebe um indivíduo que busca adaptar-se a novas situações, transmutando condicionamentos anteriores em resposta a novas situações com as quais se confronta.

Segundo González e Fensterseifer (2005), no contexto da educação física, é comumente utilizado o termo “aprendizagem social” em lugar de e com o mesmo sentido do termo socialização. No “Dicionário Crítico de Educação Física”, os autores apresentam a “aprendizagem social” como um termo que designa o

---

<sup>2</sup> Definição também apresentada por Cuche (2002, p. 104).

processo de se tornar um ser social, através da influência de diferentes instâncias. Segundo os autores,

Estas instâncias tendem, em primeiro lugar, a veicular conhecimentos e valores que estão em conformidade com os valores, conhecimentos e normas de comportamento considerados válidos e/ou legítimos no contexto societário mais amplo, representando, assim, um importante elemento do processo de reprodução social. [Em decorrência disso,] [...] envolver-se com o esporte significa envolver-se com uma determinada sociabilidade, portanto com determinados (as) valores e normas de comportamento [...] (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2005, p. 27).

Nesse sentido, o envolvimento do atleta com o esporte lhe coloca em contato com um conjunto de valores e normas comportamentais presentes na sociedade, de maneira geral, e no esporte, em especial.

Assumindo a perspectiva do paradigma da interação, concebemos a idéia de uma relação de influência recíproca entre os valores mobilizados no esporte e a esfera mais ampliada da sociedade na qual ele é gerado.

Partimos do pressuposto de que o esporte é permeado de valores. Valores estes que, conforme afirma a Teoria Crítica do Esporte<sup>3</sup> (BRACHT, 1987, 2005; VAZ, 2001, 2008), influenciam diretamente nas ações/atitudes sociais dos praticantes.

Diversos estudos têm sido realizados em todo o mundo com o objetivo de identificar os valores que permeiam o esporte, suas influências e conseqüências. Como exemplo, podemos citar estudos desenvolvidos em Portugal por Gonçalves (1996a, 1996b), na Espanha por Sanmartín (1995), e no Brasil por Lovisolo e Lucero (2006), DaCosta (2007) e Tavares (1998, 2003), entre outros. Em comum, estes estudos têm o objetivo de identificar o grau de adesão dos sujeitos aos valores tradicionais, ou proclamados, do esporte, segundo a ótica de professores, técnicos, treinadores, alunos e atletas.

No entanto, durante o levantamento bibliográfico realizado para a construção deste trabalho, não foram encontrados estudos que demonstrassem empiricamente a relação entre os valores sociais e os valores proclamados do esporte. Constatando esta lacuna, concentramos nossos esforços na investigação dos valores assumidos

---

<sup>3</sup> No presente trabalho, adotamos a nomenclatura Teoria Crítica do Esporte (TCE), conforme apresentada na obra de Alexandre Vaz, reconhecendo-o como sinônima do termo Teoria Crítica, no tocante a sua aplicação ao esporte, adotado por outros autores.

e aplicados por atletas em sua vivência social e sua relação com os valores proclamados do esporte.

Devido às particularidades do presente estudo, assumimos um recorte teórico que abrange apenas aspectos relacionados a valores sociais (sócio-antropológicos), não lançando mão de estudos no campo da filosofia, psicologia, ou outras áreas que igualmente investigam valores.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “[...] os valores se convertem em cada sujeito em critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam (PUIG, 1993, *apud* CAPARROZ, 2006)”. Este conjunto de elementos, mobilizados pelo indivíduo enquanto orientação normativa, servindo de base para o julgamento da realidade que se lhe apresenta, e que culminam em sua ação social<sup>4</sup>, são representativos das características da dinâmica social na qual são gerados.

Ao contrário da abordagem tradicionalmente adotada em pesquisas deste tipo, não investigamos as atitudes dos respondentes em relação aos valores proclamados do esporte. Se, conforme a Teoria Crítica do Esporte, o esporte “educa”, transmitindo valores e atitudes funcionais para a manutenção e o desenvolvimento do capitalismo, os atletas, mesmo os jovens, estão em princípio socializados e integrados a um conjunto de valores socialmente significativos para este sistema ou modo de produção. Assim, acreditamos que seus corolários podem ser testados através de proposições relacionadas às atitudes e valores da prática social de maneira ampla. Em outras palavras, investigamos o impacto da socialização através do esporte na vivência social do atleta. Os resultados obtidos foram, então, relacionados com valores atribuídos ao esporte moderno<sup>5</sup>, na tentativa de encontrar evidências que confirmem os pressupostos das principais teorias que procuram dar conta desse fenômeno atualmente.

Entretanto, conforme nos lembra DaCosta,

---

<sup>4</sup> Max Weber define ação social como: toda conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo (*apud* LAKATOS, 1982, p. 57).

<sup>5</sup> Assumimos aqui a posição defendida pela Teoria da Ruptura, apresentada por Stigger (2005), segundo a qual o nascimento do esporte moderno ocorreu a partir da Inglaterra, em meados do séc. XVIII.

[...] não podemos perder de vista que o esporte é uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na interação dos homens na cultura, refletindo seus valores e gerando novos; [...] os valores não são essencialmente **do** esporte, mas se refletem **no** esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos e grupos sociais dão à prática esportiva<sup>6</sup> (DACOSTA, 2007, p. 15).

Pode-se afirmar, portanto, que existe uma relação de reciprocidade entre os valores mobilizados no e pelo esporte e aqueles mobilizados na e pela sociedade onde ele é gerado e/ou praticado. Deste modo, parece ser possível investigar se efetivamente um conjunto de valores presentes no esporte também são válidos para outras esferas da vida em sociedade.

Para o embasamento teórico e análise dos dados coletados, utilizaremos os pressupostos de duas teorias sociais: a Teoria Crítica do Esporte (TCE) e a Teoria do Dilema Brasileiro (TDB).

Conforme será abordado de maneira mais aprofundada no capítulo dois, pode-se afirmar que a Teoria Crítica do Esporte apresenta uma negatividade essencial do esporte, indo no sentido contrário de seus entusiastas. A socialização que ocorre através do esporte é interpretada como uma forma de controle social, onde o praticante é adaptado aos valores e normas da sociedade capitalista e os aceita como normais e desejáveis. Uma séria crítica é feita pela TCE ao respeito incondicional às regras, pelo fato da pessoa que a elas se opõe não encontrar espaço dentro do jogo para contestá-las ou modificá-las, antes é excluído ('disciplina'). Isso levaria o indivíduo a proceder de forma similar ante as regras sociais. Outra crítica importante desta teoria se faz à idéia liberal de que todos têm a oportunidade de vencer, bastando para isso apenas o esforço individual ('meritocracia'). Isso legitimaria as diferenças sociais e promoveria o individualismo e a competitividade, situação que interessa diretamente ao sistema capitalista, uma vez que impede a mobilização social. Assim, a educação que ocorre através da prática de esportes levaria o indivíduo a internalizar valores e normas de comportamento que objetivam adaptá-lo à sociedade capitalista. Em última análise, isso significa não questionar as regras vigentes, confiar apenas nos méritos individuais e acreditar na igualdade de oportunidades, não questionando a estrutura social que favorece os mais ricos e impede a ascensão dos mais pobres. Dessa

---

<sup>6</sup> Grifos do autor.

forma, para a Teoria Crítica, o esporte atende os objetivos da sociedade capitalista e reflete a ideologia burguesa.

Como contraponto a generalidade e universalidade da TCE, foi necessário escolher uma abordagem teórica especificamente voltada para o caso brasileiro. Neste contexto, trabalhamos com as teses de Roberto DaMatta sobre o que ele chama de “dilema brasileiro”, qual seja, a forma ambivalente e multifacetada como se estrutura a sociedade brasileira entre o tradicional e o moderno. Tal escolha se deve ao fato de DaMatta ter adotado o esporte de um modo geral, e o futebol em particular, como uma das formas de abordagem e interpretação da sociedade nacional. Vale ressaltar que mesmo em grau menor, este mesmo autor já analisou também como nos relacionamos com os esportes ‘olímpicos’, propondo que estes se diferem do futebol por fornecerem uma experiência individualista, universalista e meritocrática que pouco nos toca.

Assim, conforme será apresentado de forma aprofundada no capítulo três, a Teoria do Dilema Brasileiro compreende o esporte como um drama que, apesar de universal, permite apropriações sociais específicas. Essa apropriação, no caso brasileiro, é um produto da dinâmica social, que oscila entre e concilia diferentes posições, oferecendo ainda experiências sociais niveladoras que superam momentaneamente as hierarquias sociais. O esporte, nessa perspectiva, reflete um ambiente democrático e dá a exata dimensão da justiça, visto que as regras atingem todos os competidores de forma igual. Isso, porém, é relativizado na vivência social, que, por não apresentar tal conformação, não conta com o mesmo tipo de comportamento. O brasileiro, segundo a TDB, oscila entre dimensões comuns ao nosso universo social, tais como nossa casa, sinônimo de aconchego, segurança, personalidade, entre outros; e a rua, “terra” das oportunidades, onde se busca o sustento, onde está o exótico, terreno incerto e perigoso. Assim, a rigidez das leis e normas, compreendidas como parte do universo impessoal e incisivo da rua, pode ceder espaço ao “jeitinho”, que torna pessoal e flexibiliza a regra, agindo por identificação e tornando maleáveis as relações. Para o autor, o fenômeno esportivo encontra-se permeado por estas mesmas particularidades. Isso é evidenciado em nossa opção pelos esportes coletivos, principalmente o futebol, ao invés de esportes individuais e extremamente técnicos. A possibilidade de estabelecer-se um “jeito brasileiro de jogar”, e a dinâmica decorrente do jogo em equipe, ilustra uma

identidade que une jogadores e torcedores no futebol. O mesmo não acontece em esportes como a ginástica olímpica, por exemplo, onde se prima pela execução perfeita de movimentos comuns a competidores do mundo todo. Assim, para DaMatta, transitamos entre o moderno e o tradicional, buscando formas de tornar o ambiente individualista e impessoal da rua, um prolongamento de nossa casa, tornando as relações pessoalizadas e coletivas.

É importante frisar que as duas teorias que embasarão nossas discussões, a TCE e a TDB, não são necessariamente opostas. Na verdade, elas ora apresentam argumentos contrapostos, ora são complementares. Como exemplo disso, observa-se que ambas as teorias concebem a sociedade como hierarquizada e desigual, assim como defendem a idéia da existência de uma relação entre os valores esportivos e sociais. Por outro lado, apresentam uma concepção contraposta do efeito gerado pela meritocracia. Neste caso, a meritocracia esportiva, que para a TCE é funcional para o capitalismo, para a TDB é algo que nos falta para nos modernizarmos. Assim, a proposta não foi de confrontá-las, de negar uma e confirmar a outra. Antes, utilizaremos de ambas as teorias enquanto ferramental interpretativo, tomando como base seus pressupostos, no intuito de investigar a relação existente entre o esporte e a sociedade.

Temos consciência de que a TCE tem sido considerada a margem do campo acadêmico contemporâneo (VAZ, 2008), porém observamos que tal fenômeno não se reflete no âmbito da educação de um modo geral e na área da educação física em particular. Não parece ser difícil concordar com a idéia de que os corolários da TCE ainda encontram grande acolhida na educação física escolar brasileira. Então, a questão da educação e transferência dos valores do esporte competitivo para o campo do convívio social ainda é algo que tem a TCE como referência. De outro lado, também não ignoramos os esforços de crítica e superação da obra de DaMatta como 'intérprete do Brasil'<sup>7</sup>. Todavia, diante da evidência da inexistência de uma teoria alternativa suficientemente forte que tivesse incorporado o esporte em suas análises, a escolha deste referencial teórico pareceu-nos a mais acertada para o momento.

Além das teorias aqui utilizadas, é possível perceber-se ainda outras direções, todas apontadas como correspondentes ao mesmo fenômeno. O fenômeno esportivo,

---

<sup>7</sup> A este respeito ver Toledo (2001).

como já dissemos, encerra compreensões extremamente divergentes no campo das ciências sociais. Mas, para além dos extremos irreconciliáveis, como tentativa de aproximação alguns autores têm buscado novas definições.

Em uma de suas obras, “Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução”, Bracht (2005), um dos principais autores da TCE no Brasil, questiona-se sobre a validade das proposições unilaterais, críticas ou não, a respeito do esporte. Acaba por propor a ambigüidade como um adjetivo inevitável ao fenômeno. O autor observa que a constatação de tal ambigüidade pode ser vista já nas proposições de Adorno, quando este fala em “dupla consciência”, em sua obra “Dialética do Esclarecimento”. Cita ainda que autores como Marilena Chauí e Richard Gruneau apontam na mesma direção. Acaba, então, por concluir que “coloca-se como tarefa de uma sociologia crítica do esporte aprofundar essa temática no sentido de buscar identificar tendencialmente o momento dominante nessa ‘ambigüidade’ [...] (BRACHT, 2005, p. 123)”.

Lovisoló (1995) acredita na existência de valores sociais contrapostos, a partir dos quais operamos. O arranjo desses valores é o que vai definir os julgamentos e atitudes do indivíduo. Estudos realizados pelo autor evidenciam que uma pluralidade de valores: estéticos, éticos e técnicos, tanto sociais como específicos do esporte, relacionam-se reciprocamente no processo de adesão ao esporte. Duas dimensões, a tradicional e a inovadora, conciliam-se na construção de um conjunto de valores, não necessariamente coerente, que dá forma ao que é estética, ética e tecnicamente idealizado no esporte, orientando as regras e condutas dos envolvidos. Um processo dinâmico, envolvendo valores contrapostos, geraria um conjunto de orientações e normas comumente adotadas. Processo similar ocorreria na sociedade. Daí a posição do autor de que “os valores não constituem um conjunto necessariamente coerente. De fato, há tensões, contraposições, inconciliações entre os valores presentes na tradição geral dos esportes e na de cada esporte em particular (LOVISOLÓ, 1995, p.100-101)”. Ainda, segundo essa orientação,

As inconciliações entre as disposições e valores – com os quais nos motivamos e orientamos para jogar, e também com os quais julgamos o jogo -, criam um amplo campo de debates – orientados por preferências, que envolve comentaristas, espectadores e profissionais de cada esporte –

e podem gerar regras que procurem conciliar transitoriamente os valores inconciliáveis (LOVISOLO, 1995, p.101).

Em estudos realizados com atletas olímpicos, Tavares (2003) demonstrou que os sujeitos podem realizar mediações entre valores sociais em decorrência dos espaços/dimensões sociais nos quais convivem. Como opção à lógica dualista, o autor acredita que a mediação é uma ferramenta teórica mais adequada quando se pretende compreender atitudes. “Isto significa tentar superar dicotomias pela perspectiva de entender as atitudes dos indivíduos como frutos de escolhas em boa parte racionais (TAVARES, 2003, p.105)”. Assim como Lovisolo (1995), o autor identifica três grupos de valores atuando como determinantes das atitudes dos atletas: o valor da técnica, da ética e da estética. A atitude do atleta “[...] é também um exercício de conciliação entre os valores pessoais, os valores daquela sub-cultura<sup>8</sup> esportiva em particular e os valores da tradição geral do esporte (TAVARES, 2003 p.143)”. Em outras palavras, o atleta opera segundo valores orientadores técnicos e táticos, na busca pelo melhor desempenho e resultados; segundo valores éticos, que compreendem tanto regras escritas como convenções de ordem moral, tais como o *fair play*<sup>9</sup>; e segundo valores estéticos, que idealizam o belo, orientando o estilo, o ritmo e a plasticidade do jogo.

Em face deste quadro de referências, nossa hipótese central é de um determinado nível de ambivalência/mediação entre valores sociais contrapostos por parte dos sujeitos.

Os dados coletados acabaram por confirmar essa hipótese. Um conjunto de assertivas da Teoria Crítica do Esporte foi observado, confirmando alguns de seus pressupostos. De igual forma, um conjunto de assertivas da Teoria do Dilema Brasileiro foi confirmado. Porém, algumas assertivas de ambas as teorias foram claramente negadas ou dividiram opiniões. Em decorrência disso, mais do que a

---

<sup>8</sup> O autor se refere assim às modalidades esportivas, esclarecendo que “não se trata de entender a tradição de cada modalidade esportiva como uma forma mutilada da tradição geral, mas como um arranjo particular de valores que vai determinar, ainda que provisoriamente, entre outras coisas, a maneira como os atletas atuam (TAVARES, 2003, 140)”.

<sup>9</sup> “Cobre as noções de amizade, de respeito pelo outro, e de espírito esportivo, representa um modo de pensar, e não simplesmente um comportamento. O conceito abrange a problemática da luta contra a batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito às regras, o doping, a violência (tanto física quanto verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção (Código de Ética Esportiva do Conselho da Europa, 1996, *apud* TAVARES, 1998, p. 63)”.

afirmação dos pressupostos de uma ou outra teoria, parece mais correto assumir certa ambivalência, e até mesmo certa complementaridade entre elas.

Após essa breve introdução, o segundo capítulo apresenta a Teoria Crítica, iniciando com uma breve revisão a suas raízes históricas, umbilicalmente ligadas à Escola de Frankfurt, passando por sua apropriação do esporte enquanto objeto de estudo, numa vertente que ficou conhecida como Teoria Crítica do Esporte, chegando até a sua discussão e aplicação especificamente nos trabalhos desenvolvidos no Brasil. O terceiro capítulo apresenta a tentativa de compreensão das peculiaridades da sociedade brasileira presente na obra de Roberto DaMatta, inaugurada com o livro “Carnavais, Malandro e Heróis” e posteriormente desenvolvida numa série de artigos e livros. Essa abordagem, que ficou conhecida como Teoria do Dilema Brasileiro, trabalha com a idéia de uma sociedade que oscila entre valores sociais tradicionais e modernos. O capítulo encerra com os trabalhos onde o autor situa o esporte como fonte de análise de nossa sociedade. No capítulo quatro são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, desde a elaboração dos instrumentos, testes piloto realizados, coleta de dados, até a apresentação dos instrumentos estatísticos utilizados no tratamento dos dados coletados. Pelo fato das teorias que embasam este trabalho não atribuem distinções significativas relativas às categorias classe social, religião ou a distribuição geográfica, nos instrumentos utilizados essas dimensões não foram abordadas. No capítulo cinco são apresentados e discutidos os dados coletados, compreendendo três enfoques diferentes: a análise dos dados gerais obtidos, na seqüência a comparação dos resultados obtidos em relação ao sexo dos respondentes e, finalmente, a comparação dos resultados obtidos em relação à ‘modalidade esportiva’ praticada pelo atleta. O capítulo seis apresenta as conclusões alcançadas através deste estudo, reflexões e indicações de possível alcance dos resultados.

## 2 TEORIA CRÍTICA

A Teoria Crítica é uma corrente teórica construída por um conjunto de autores ligados a “Escola de Frankfurt”. Ela se baseia em uma abordagem ou ótica do conflito, que analisa a sociedade a partir de suas contradições (BRACHT, 1987). Segundo a análise da socióloga Bárbara Freitag (1988) as linhas temáticas desenvolvidas pelos teóricos da Teoria Crítica, seguem as mudanças ocorridas na história do *Institut fuer Sozialforschung* (Instituto de Pesquisa social), em constante transformação durante toda sua existência. Refletem ainda as diferentes interpretações sociais de seus principais autores.

No presente capítulo, apresentamos um breve histórico da “Escola de Frankfurt” e dos estudos realizados por seus principais teóricos. Na seqüência, trataremos especificamente da Teoria Crítica em sua aplicação ao esporte, apresentada por Vaz (2003) como Teoria Crítica do Esporte, nomenclatura adotada neste trabalho.

### 2.1 A ESCOLA DE FRANKFURT

A “Escola de Frankfurt”, como ficou conhecida, constituiu-se através do trabalho desenvolvido a partir do *Institut fuer Sozialforschung*, criado em 1923 na cidade de Frankfurt - Alemanha. “Seus primeiros colaboradores foram típicos *Kathedersozialisten* (socialistas de cátedra), raros numa época em que a maior parte dos marxistas rejeitava o trabalho acadêmico, envolvendo-se em militâncias partidárias (FREITAG, 1988, p.10)”. A primeira fase de produção teórica do instituto (1923-1933), antes da Segunda Guerra Mundial, apresenta um acentuado cunho marxista ortodoxo, priorizando a análise da relação capital-trabalho, da lutas de classe e das mudanças estruturais decorrentes do sistema capitalista.

Durante a segunda guerra mundial o instituto foi fechado pelo regime nazista (1933), sendo sua sede transferida primeiramente para Genebra (1933), onde funcionou com o nome *Société Internationale de Recherches Sociales*, e logo após (1934) para a cidade de Nova Iorque, onde passa a se chamar *International Institute of Social*

*Research*, vinculado à Universidade de Columbia. Lá permaneceu até 1950 (ASSOUN, 1991). Neste período, o instituto produziu análises mais aprofundadas das interações sociais próprias do regime capitalista, do qual os Estados Unidos representavam o exemplo mais claro. “Os trabalhos da fase de emigração estão sob o impacto provocado sobre os intelectuais europeus pela cultura americana, expressão máxima do capitalismo moderno (FREITAG, 1988, p.17)”. Nessa época são lançados os fundamentos básicos da do que viria a se denominar Teoria Crítica.

Após o fim da guerra, o instituto retornou a Frankfurt (1950). Com o retorno à Alemanha, uma nova fase da produção conceitual da Teoria Crítica se iniciou, tendo agora como principal fonte de análise a produção artística. Ocorre uma ampliação da Teoria Crítica com o desenvolvimento da Teoria Estética. Os estudos relacionados à racionalidade científica são substituídos pelos estudos da cultura e da indústria cultural. O instituto permaneceu em atividade até o fim dos anos 60. Seus trabalhos, no entanto, permanecem em uso e são ampliados até os dias atuais (FREITAG, 1988).

A principal herança da “Escola de Frankfurt” foi a elaboração da Teoria Crítica, uma corrente teórica que buscou, acima de tudo, desvelar os mecanismos da dominação do capitalismo, influenciando e manipulando a ciência, a cultura e a atuação do Estado. Seus pressupostos foram desenvolvidos principalmente pelos teóricos sociais Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, reconhecidos como os “velhos pensadores” da Teoria Crítica, e Jürgen Habermas, considerado seu “renovador”.

A “Escola de Frankfurt” é assim a etiqueta que serve para marcar um acontecimento (a criação do Instituto), um *projeto científico* (intitulado “filosofia social”), uma *atitude* (batizada de “Teoria Crítica”), enfim uma *corrente* ou movimentação teórica ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes) (ASSOUN, 1991, p.19).

Três temas permeiam a produção teórica da “Escola de Frankfurt”, sendo repetidamente abordados por seus teóricos, seja simultânea ou separadamente: a razão, a cultura e o Estado.

“[...] a dialética da razão iluminista e a crítica à ciência, a dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural, e a questão do Estado e suas formas de legitimação na moderna sociedade de consumo. [...] Os três temas se permeiam, entrelaçam e confundem, tanto na realidade analisada quanto na obra dos autores (FREITAG, 1988, 32-33).

### 2.1.1 Razão e Ciência

Segundo a Teoria Crítica, a “razão” ou “racionalidade científica”, que no início do Iluminismo foi vislumbrada como o instrumento que proporcionaria a libertação do homem dos mitos e deuses, transformou-se no decorrer do tempo numa razão técnica, instrumental, servindo a propósitos repressivos e alienantes.

Na produção da “Escola de Frankfurt” acerca da ciência, três momentos diferentes marcam as discussões em torno dessa temática. No primeiro momento, Horkheimer abre o debate contrapondo “a filosofia de Descartes (teoria tradicional) ao pensamento de Marx (teoria crítica) (FREITAG, 1988, p.37)”, e propõe uma junção de ambas. Segundo ele, a “leitura” da realidade social proposta pelo modelo cartesiano, que cria leis universais, deve ser ampliada à luz do marxismo, capaz de captar a sua dimensão histórica. Isso se efetivaria no método de trabalho da Teoria Crítica.

A teoria crítica começa, pois, com uma idéia relativamente geral da troca simples de mercadorias, representada por conceitos relativamente gerais. Pressupondo todo o conhecimento disponível e assimilando todo o material resultante de pesquisas próprias e alheias, procura mostrar como a economia de troca nas condições atualmente dadas (...) conduz necessariamente ao agravamento das contradições na sociedade, o que em nossa época histórica atual leva a guerras e revoluções (HORKHEIMER, 1947, p.174-175, *apud* FREITAG, 1988, p.39).

Num segundo momento, Adorno, aprofundando o trabalho de Horkheimer, trava um confronto teórico com Popper, contrapondo os pressupostos do positivismo e da dialética<sup>10</sup>. Para Adorno, na razão Iluminista de Kant e Hegel duas dimensões da razão podem ser percebidas: a instrumental e a emancipatória. Esta segunda foi

---

<sup>10</sup> Linha de pensamento ou modo de filosofar que busca a verdade por meio de oposições ou contradições (TURNER, 2000, p.224).

abandonada pelos positivistas, tornando os cientistas alienados<sup>11</sup> a um sistema de posições demarcadas pela lógica capitalista.

Com essa auto restrição o positivismo deixa de refletir a origem histórica do seu pensamento; aceita implicitamente a divisão de trabalho imposta pelas relações de produção capitalista, refugiando-se em suas subáreas do saber. Enquanto busca uma suposta verdade dos fatos, alegando uma falsa neutralidade e objetividade, proíbe-se de refletir sobre os pressupostos de sua “ciência”, ignorando assim as relações de troca e os interesses de lucro e dominação que condicionam e manipulam sua própria área de saber. (FREITAG, 1988, p.50).

A proposta da dialética é aceitar as contradições e transformações, incluindo o não-idêntico a um mesmo conceito, como parte do processo de conhecimento. Se, num primeiro momento, Horkheimer acreditava que a Teoria Crítica engloba a tradicional por ser mais abrangente que ela, nesse segundo momento Adorno está convencido de que os posicionamentos de ambas são incompatíveis, pois os fundamentos epistemológicos são completamente diferentes. O positivismo estava tão alienado ao sistema que perdera sua capacidade de desvendar o real.

Num terceiro momento, Habermas trava um debate com Niklas Luhmann, que acabava de propor uma Teoria Sistêmica da sociedade. Para Habermas, o sistema, impregnado pela razão instrumental, impede a sociedade de refletir sobre suas ações e dinâmicas. Habermas propõe uma nova teoria da sociedade: a Teoria da Ação Comunicativa.

---

<sup>11</sup> Apesar de ter sido usado na Filosofia como indicação de ascensão mística durante a Idade Média, ou como parte indivisível de Contrato Social, conforme empregado por Rosseau (ABBAGNANO, 2000; BOUDON e BOURRICAUD, 2000), a alienação tornou-se um dos conceitos fundamentais da teoria marxista, e por meio desta se popularizou. Segundo Bottomore (2001), ela é sempre produto da ação do homem em relação ao homem. O sentido dado por Marx para o termo é a

[...] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente) (BOTTOMORE, 2001 p.5).

A concepção de uma razão comunicativa implica uma mudança radical de paradigma, em que a razão passa a ser implementada socialmente no processo de interação dialógica dos atores envolvidos em uma mesma situação. [...] Na ação comunicativa cada interlocutor suscita uma pretensão de validade quando se refere a fatos, normas ou vivências, e existe uma expectativa que seu interlocutor possa, se assim o quiser, contestar essa pretensão de validade de uma maneira fundada (*begründet*), isto é, com argumentos. É nisso que consiste a racionalidade para Habermas: não uma faculdade abstrata, inerente ao indivíduo isolado, mas um *procedimento argumentativo* pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, a justiça e a autenticidade (FREITAG, 1988, p.59).

Assim, Habermas ousou ir além de seus mestres, superando as formulações de Adorno e Horkheimer e propondo uma mudança radical de paradigma. Com essa mudança, o que se busca é a reconciliação das duas razões: a instrumental e a dialógica. Para Habermas, a razão só pode ser revelada através do diálogo consensual.

### **2.1.2 Cultura e Indústria Cultural**

A crítica a cultura de massa foi uma das áreas de estudo que mais projetou a Teoria Crítica. Segundo esse pensamento, no período burguês (séc. XIX), a oposição entre exterior (fatos da vida diária) e interior (sentimentos, alma, salvação) projetada nas obras de arte, revela uma forma sutil de alienação. Esta alienação pode ser percebida no adiamento de importantes aspectos da vida humana, pois, nesse momento, o homem projeta sua felicidade e realização para o futuro, para outro lugar, para o paraíso, etc., não questionando a realidade em que vive (FREITAG, 1988).

No mesmo movimento de industrialização de bens de consumo básicos, a arte, antes artesanalmente produzida e destinada a uma minoria, passa a ser reproduzida em escala industrial, e oferecida à “massa” como um produto a ser consumido. Nascia o que foi denominado pela Teoria Crítica de “indústria cultural”. Se antes a arte revelava uma alienação sutil, atingindo principalmente a burguesia, sua principal consumidora, agora sua abrangência era extremamente maior, atingindo pessoas de todas as classes sociais.

A nova produção cultural tem a função de ocupar o espaço do lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte, sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive. A indústria cultural, além disso, cria a ilusão de que a felicidade não precisa ser adiada para o futuro, por já estar concretizada no presente – basta lembrar o caso da telenovela brasileira. E, finalmente, ela elimina a dimensão crítica ainda presente na cultura burguesa, fazendo as massas que consomem o novo produto da indústria cultural esquecerem sua realidade alienada. (FREITAG, 1988, p.72-73).

Nessa forma de uso da arte, o consumo estimulado apresenta-se como um meio para a realização pessoal. Substitui-se, por exemplo, o amor e o sexo vivido pelo amor e o sexo assistido no cinema ou na TV e a liberdade de escolha acaba limitando-se às possíveis opções de consumo dos produtos que o mercado oferece. A arte torna-se o “ópio do povo”, por assim dizer, dando uma falsa impressão de liberdade e realização.

Quanto mais firmes as posições da indústria cultural se tornam, mais ela pode objetivamente relacionar-se com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, governando-as, disciplinando-as, mobilizando a diversão: ao progresso cultural não se coloca barreiras. [...] A afinidade original entre sociedade e divertimento, mostra-se, no entanto, em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. [...] Divertir-se significa, acima de tudo: não dever refletir, esquecer o sofrimento, ainda onde ele esteja claro (HORKHEIMER, ADORNO, 1997, p.166-167. *apud* VAZ, 2003, p.7)

Mas, apesar de seu uso como meio alienante, é na arte que os representantes da Teoria Crítica identificam uma das poucas esferas da sociedade onde insurgem a crítica e a denúncia às imperfeições e contradições sociais. Um elemento artístico bastante estudado pelos teóricos de Frankfurt, principalmente por Adorno, foi a música, através da qual acreditava ser capaz de realizar “leituras” da dinâmica social mais profundas do que a própria ciência. Assim, embora utilizada como forma de alienação das massas, a cultura conserva seu caráter expressivo e autêntico, não permitindo-se manipular plenamente. “A dimensão conservadora e emancipatória da cultura e da obra de arte encontram-se, pois, de mãos dadas (FREITAG, 1988, p.77).

Percebe-se, assim, no desenvolvimento da “Escola de Frankfurt” um movimento que vai da crítica marxista tradicional à dimensão estética. Se no princípio os temas estavam relacionados diretamente à Marx, à classe operária, à razão e à ciência, após o retorno à Alemanha e principalmente após Adorno assumir a direção do instituto, houve uma transição desses temas na direção dos assalariados e pequenos produtores, da cultura e da indústria cultural (ASSOUN, 1991).

Depois que a cultura se transformou gradativamente em indústria cultural, depois que a arte perdeu sua aura, dissolvida no consumo de massa, e depois que a filosofia e a ciência se reduziram ao positivismo, em que sua pobreza somente permite a reflexão afirmativa do existente, restam poucas alternativas à sociedade moderna de assegurar sua auto-reflexão e crítica. Uma delas seria a estética, e mais especificamente a música, que preserva ainda, segundo Adorno, a utopia de um mundo melhor, implicando, assim, um potencial crítico do passado e do presente. (FREITAG, 1988, p.81).

### **2.1.3 Estado e Legitimação do Capitalismo**

Assim como nos temas anteriores, percebem-se três momentos distintos em relação ao estudo do tema Estado. Os dois primeiros correspondem ao início das atividades do instituto, na Alemanha, e a produção durante o período em que esteve em solo americano, sucessivamente.

No primeiro momento, identifica-se que o Estado atua no plano econômico, manipulando as crises econômicas no intuito de proteger empresários e cartéis, e no plano político, intermediando o conflito entre os proprietários e a classe trabalhadora. “Desta forma o Estado capitalista moderno assume feições monopolísticas, aproximando-se cada vez mais da forma estatal adotada pela União Soviética (socialismo de Estado) (FREITAG, 1988, p.89)”. Caiam por terra os pressupostos defendidos pelo Estado liberal e a sua crença numa economia auto-regulada.

Num segundo momento os representantes da Teoria Crítica estão preocupados com a utilização da razão científica como legitimadora da economia e promotora do sistema capitalista. Em outras palavras, o Estado passa a operar através de uma racionalidade instrumental, uma “*ideologia tecnocrática*, segundo a qual as questões políticas não podem mais ser resolvidas politicamente, à base de negociações e

lutas, e sim, tecnicamente, de acordo com o princípio instrumental de meios ajustados a fins (FREITAG, 1988, p.94)". O Estado passa a respaldar cientificamente suas ações, considerando ilógicas e irracionais qualquer manifestação de desacordo que pudesse mobilizar lutas político-ideológicas.

Enquanto no primeiro momento se enfatizou o crescente intervencionismo do Estado na base econômica da organização da sociedade, mostrando-se aqui as mudanças estruturais nela ocorridas, a discussão do segundo momento restringiu-se a desvendar e explicitar a íntima relação existente entre a razão instrumental (científica e técnica) e a racionalidade econômica do capitalismo moderno e a dominação burocrática. (FREITAG, 1988, p.96-97).

Num terceiro momento, devido à crescente intervenção do Estado na economia, através da utilização da racionalidade instrumental como instrumento ideológico, os estudiosos da Teoria Crítica passam a defender "a tese de que as políticas sociais do Estado não tem outra função senão controlar o fluxo e refluxo da força de trabalho no mercado, a fim de atender plenamente às necessidades conjunturais e estruturais do capital privado. (FREITAG, 1988, p.102)". Compreende-se aqui o Estado como um instrumento utilizado pelo sistema capitalista para garantir a manutenção da ordem social.

## 2.2 A TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE

O esporte enquanto fenômeno social foi abordado pelos autores clássicos da "Escola de Frankfurt" apenas de forma indireta, nos aspectos em que este se relacionava com a economia, a política e, principalmente, a indústria cultural. A partir da década de 1960, nos trabalhos desenvolvidos no contexto da *Nova Esquerda*<sup>12</sup>, o esporte passa a ser abordado com grande profundidade, sendo promovido a tema primário. O movimento teórico que privilegiou o estudo do esporte como meio de "leitura" social ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte e teve sua gênese na

---

<sup>12</sup> Nomenclatura criada a partir do movimento estudantil de 1967 e 68, ocorrido simultaneamente na Europa e nos Estados Unidos, o qual popularizou os trabalhos dos teóricos de Frankfurt, passando, só então, a caracterizá-los com o nome de Teoria Crítica (FREITAG, 1988, p.131).

Europa e América do Norte. Bero Rigauer, Jean-Marie Brohm e Gerard Vinnai tornam-se os principais representantes dessa corrente teórica (VAZ, 2001, 2003; BRACHT, 2005). Seu aparato teórico está alicerçado na crítica da cultura e da economia política, e “não apenas os trabalhos, mas até certo ponto o *espírito*<sup>13</sup> das obras de Horkheimer, Adorno e Marcuse animou a Teoria Crítica do Esporte (VAZ, 2003, p.6)”. Também os estudos de Jürgen Habermas, entre outros, foram essenciais na construção desta corrente teórica.

A Teoria Crítica do Esporte nasce da necessidade de fazer oposição às idéias positivo-funcionalistas do esporte moderno<sup>14</sup>. Até a década de 1960, apesar terem havido algumas poucas críticas em períodos anteriores, “[...] o esporte e sua aura de “pureza” oriunda do ideal olímpico permaneciam quase inquestionáveis como fenômenos positivos para as sociedades modernas (VAZ, 2003, p.2)”. Segundo a perspectiva defendida pela Teoria Crítica do Esporte, o positivismo e funcionalismo presente na interpretação do esporte, “[...] deveria ser substituído pelo ‘materialismo histórico’, visão social de mundo que seria privilegiada, porque transformadora e vinculada aos interesses dos subalternos (VAZ, 2001, p.88)”.

Desde seu início, a crítica tecida pela Teoria Crítica do Esporte não foi endereçada ao esporte praticado pela burguesia capitalista, mas sim ao esporte em si mesmo. Em sua estrutura básica, o esporte é concebido como um produto da sociedade burguesa, reproduzidor de seus valores e um de seus principais legitimadores. Neste prisma, mesmo o esporte praticado no socialismo de caserna (militar) foi alvo de importantes críticas, principalmente em sua prática voltada para as Olimpíadas.

[...] tratava-se de questionar o esporte de alto rendimento e de espetáculo em sua inteireza, considerando que os ideais olímpicos constituíam um engodo para reforçar as condições de dominação impostas tanto às classes subalternas quanto, de um ponto de vista mais particular, ao corpo. [...] ele educaria para a submissão e para o comportamento autoritário [...] uma expressão da sociedade capitalista (VAZ, 2003, p.4).

---

<sup>13</sup> Vale lembrar que Vaz nunca esclareceu o que quis dizer com isto.

<sup>14</sup> Considera-se esporte moderno o modelo de esportes desenvolvidos na Inglaterra a partir do século XVIII, tendo como características básicas a “competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento. Guttmann (1979) identificou sete características básicas: 1. secularização (*Weltlichkeit*); 2. igualdade de chances; 3. especialização dos papéis; 4. racionalização; 5. burocratização; 6. quantificação; 7. busca do *record* (BRACHT, 2005, p.14-15)”.

Cavalcanti (1981), apresentando uma introdução às idéias de Jean-Marie Brohm, afirma que a organização dos esportes é definida segundo quatro princípios: rendimento, hierarquização, organização burocrática e publicidade. Todos esses princípios são aplicações práticas do capitalismo, ou seja, o esporte seria uma reprodução do sistema capitalista e, por esse motivo, atenderia a funções políticas que visam à manutenção do sistema.

Os trabalhos desenvolvidos pela Teoria Crítica do Esporte repercutiram por toda Europa, América do Norte e América Latina. No Brasil, sua popularização ocorreu a partir dos últimos anos da ditadura militar, com seu ápice nos anos 80 e 90, ligada aos movimentos educacionais que buscavam superar o tecnicismo. Os estudos desenvolvidos por Kátia Brandão Cavalcanti (1981), e Valter Bracht (1987) foram pioneiros na divulgação das idéias da Teoria Crítica do Esporte no Brasil (VAZ, 2001). Muitos outros se juntaram a eles, principalmente na sua aplicação à educação física escolar. Atualmente, juntamente com Bracht, um dos principais teóricos da Teoria Crítica do Esporte no Brasil é Alexandre Fernandes Vaz.

### **2.2.1 Trabalho e Mercadoria**

A relação “esporte e trabalho” é a tese central da Teoria Crítica do Esporte (VAZ, 2003). Os elementos próprios do mundo da industrialização e seus pressupostos formam a base para o desenvolvimento do esporte moderno e, em consequência disso, o esporte atua como um legitimador do capitalismo burguês.

O esporte não é um sistema à parte, mas de diversas formas interligado com o desenvolvimento social, cuja origem está na sociedade burguesa e capitalista. Embora constitua um espaço específico de ação social, o esporte permanece em interdependência com a totalidade do processo social, que o impregna com suas marcas fundamentais: disciplina, autoridade, competição, rendimento, racionalidade instrumental, organização administrativa, burocratização, apenas para citar alguns elementos. Na sociedade industrial, formas específicas de trabalho e produção tornaram-se tão dominantes como modelo, que até o chamado tempo livre influenciaram normativamente [...] (RIGAUER, apud VAZ, 2003, p.7).

Segundo os autores da Teoria Crítica do Esporte, o esporte é originalmente desenvolvido como um espaço para o lazer e o descanso, o espaço do “não trabalho”. No entanto, a estrutura esportiva reproduz o modelo industrial-capitalista, uma vez que há exigência técnica, respeito à hierarquia, busca do maior rendimento possível, competição em detrimento da cooperação, entre outros. Devido a isso, o esporte encontra-se totalmente conformado ao trabalho. Mesmo incorporado pelo indivíduo como atividade de lazer, o esporte acaba por reproduzir a prática de exploração promovida nas relações entre patrões e empregados. Uma vez que o indivíduo aceita tal relação de subordinação, torna-se acrítico e condescendente, entendendo como natural a exploração vivida nas relações de trabalho.

Nesse contexto, o modelo que melhor reflete essa dinâmica é o esporte de alto rendimento. A crescente mercadorização, a busca incessante de superação e a mecanização dos movimentos (VAZ, 2003) tornam o esporte de alto rendimento um claro exemplo de reprodução da estrutura típica do trabalho, conforme sua manifestação no sistema capitalista. Daí resulta a seguinte derivação lógica: “[...] se esporte de alto rendimento é trabalho, e trabalho na sociedade capitalista é trabalho alienado, então alienação também é o que acontece no esporte de alto rendimento (BRACHT, 2005). Sendo o esporte de alto rendimento a referência para todos os seguimentos esportivos (BRACHT, 1987, 1992), constata-se que o mesmo ocorre com toda e qualquer manifestação esportiva. Constata-se então que a prática de esportes forma um sujeito alienado, e forja um “conformista feliz e eficiente (WEIS, 1979, *apud* BRACHT, 1987, p. 182)”.

Na medida em que reproduz aspectos do trabalho, o esporte também assume a forma de mercadoria. O caráter mercadológico do esporte moderno é algo claramente observável (VAZ, 2002). Percebe-se, por exemplo, que o rendimento de determinado atleta (trabalhador) é a medida de seu “valor” (em dinheiro), enquanto todo e qualquer espetáculo esportivo (produto do trabalho) gera um grande montante financeiro em decorrência de produtos esportivos, marcas financiadoras de equipes e atletas, além, logicamente, das taxas cobradas dos torcedores que desejam presenciar o jogo. Assim,

[...] a Teoria Crítica do Esporte procura mostrar a correspondência estrutural e a identificação conceitual entre esporte e trabalho, sobretudo no que se refere aos processos de racionalização. O trabalho junto à linha de

produção seria uma imagem correspondente àquela do atleta submetido aos princípios do treinamento esportivo, às repetições coordenadas das calculadas cargas de esforço. Nesse contexto, poderia ser dito que o esporte reproduz a lógica do trabalho, reforçando seu caráter de mercadoria, de reificação e de disseminador de ideologia. Além disso, seria ele repressivo, canalizando energias pulsionais potencialmente libertadoras, para fins que perpetuariam a dominação individual e de classe (VAZ, 2001, p.89).

## 2.2.2 Aprimoramento Técnico e Fungibilidade

O aprimoramento técnico tem acompanhado o desenvolvimento do esporte moderno ao longo de sua história. O desejo de um rendimento cada vez maior, a busca da precisão dos movimentos e a análise matemática da evolução adquirida, dão uma idéia dessa tendência. Trata-se de “‘transformar’ o próprio corpo em máquina, de forma que não se possa mais perceber a distinção entre ambos (VAZ, 2001, p.94)”.

O esporte moderno opera em fina sintonia com um vasto aparato técnico e acaba por conceber o próprio corpo de forma técnica, matematicamente mensurável, racionalmente controlável. O rendimento do atleta é medido e planejado, o treinamento é periodizado em decorrência de metas a serem alcançadas e obstáculos de ordem física, psicológica ou natural a serem vencidos.

É por meio da técnica que se estabelecem os processos mais refinados de domínio, que expressam, por sua vez, a fé no progresso infinito e sem limites do corpo e dos resultados esportivos, expressões marcantes da *razão instrumental*. [...] é necessário tornar-se indiferente à dor, a própria e a dos outros, ser duro consigo mesmo. É preciso, mesmo que paradoxalmente, tratar o corpo como um obstáculo a ser vencido, *domado* (VAZ, 2001, p.95).

O paradoxo do domínio da natureza através do domínio do próprio corpo é algo que só pode ser culturalmente concebido. Para Horkheimer e Adorno (*apud* VAZ, 2001, p.93) “é só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, ‘corpus’”.

Com o advento da ciência e a supervalorização da racionalidade, concebeu-se o corpo humano como algo passível de ser moldado, preparado e aperfeiçoado, como um objeto, desvinculado de sentimentos e emoções. No que concerne ao corpo humano, assim como em outros objetos da ciência, “o aumento do poder do sujeito implica a alienação da natureza, sobre a qual o poder é exercido. Significa, portanto, alienação de si mesmo (VAZ, 1999, p.95)”. Operando numa lógica sacrificial, o esporte acaba por reforçar aspectos extremamente masoquistas em sua busca por superação infinita. O corpo “natural” já não é exemplo de beleza, vigor e, principalmente, desempenho (*performance*). A exemplo do que ocorre com o herói homérico, o indivíduo moderno sacrifica-se para poder sobreviver, torna-se vítima de si mesmo para libertar-se de sua natureza. “[...] a forja do sujeito está associada ao sacrifício de parte de si mesmo, daquilo que é mais vivo, pelo mecanismo da renúncia à satisfação imediata e ilimitada das pulsões (VAZ, 1999, p.98)”. Aqui reina a idéia de que “os fins justificam os meios”.

Ao corpo treinado, nega-se a dimensão social e emocional. Ocorre a perda da subjetividade e da autonomia do sujeito.

Tudo que lembra o corpo, que liga o sujeito à lembrança de uma prototípica unidade fundamental com a natureza, deve ser recalcado. As pulsões que nos levam à diluição no espaço e no tempo, que nos tiram a historicidade aproximando-nos simbolicamente da morte, ao emergirem em momentos limítrofes colocam em risco a unidade do sujeito, e com ela a civilização. Por isso é tão importante que a separação entre sujeito e objeto se mantenha intransponível, que o sujeito permaneça petrificado, idêntico a si mesmo. (VAZ, 1999, p.99).

O corpo é reduzido a uma materialidade desqualificada, observado e estudado como uma máquina, como um cadáver. Já não há mais um ser humano, dotado de um conjunto singular de conhecimentos, crenças e valores orientadores, vontade e sonhos próprios. “O olhar da ciência designa-lhe uma fungibilidade inespecífica, assim como um corpo morto assemelhar-se-á quimicamente, cada vez mais, a outro corpo morto (VAZ, 1999, p.104)”.

Apesar da crítica a técnica, a Teoria Crítica do Esporte não objetiva extrair a técnica das práticas corporais, pois, conforme nos alerta Bracht (2000) a técnica é indispensável à realização de qualquer atividade esportiva ou lúdica, bem como de

todas as atividades humanas. Compreende-se que a técnica consiste num meio para alcançar determinados fins e, portanto, é inerente a própria condição racional humana. A crítica é tecida à forma como a técnica instrumental é aplicada ao ser humano, desconsiderando as dimensões psíquicas e emocionais na busca incessante pelo aperfeiçoamento. O que se propõe é a “humanização” das técnicas, ou seja, “[...] o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte (BRACHT, 2000, p. 16)”.

É na vida burocratizada, no amor canalizado para as máquinas e equipamentos, na tecnificação do próprio corpo, na indiferença e na incapacidade de identificação, que reside o círculo demoníaco que desemboca na consciência reificada, incapaz de auto-reflexão, assim como no caráter manipulatório (VAZ, 2001, p.95).

### **2.2.3 Regra e Ordem Social**

No título de seu artigo: “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, Bracht (1987) deixa clara a posição da Teoria Crítica do Esporte em relação às regras esportivas. A crítica é tecida à exigência do cumprimento incondicional das regras esportivas. Bracht observa que, quando uma pessoa se opõe a alguma regra inerente ao esporte que pratica, ela não encontra espaço para discutir ou modificar tal regra. A regra é colocada acima de tudo e de todos e aquele que se opõe a ela é punido, pode ser momentaneamente impedido de praticá-lo ou até mesmo excluído. Como um jargão popular afirma: “a regra é clara!”.

Segundo o princípio marxista, as leis e normas da sociedade moderna são oriundas da classe dominante (burguesa), intencionalmente projetadas para a promoção do domínio e controle das classes trabalhadoras (proletariado) e a manutenção do sistema. (COSTA, 2004; LAKATOS, 1986). Se o esporte condiciona seus praticantes a aceitar regras impostas, sem questioná-las, desenvolve a atitude de respeito incondicional a todas as regras, tanto no esporte quanto na vida em sociedade (BRACHT, 2005). “[...] tal postura colabora com o dominador, pois este será muito pouco interessado em mudar, porque isto pode representar a perda de privilégios

(BRACHT, 1992, p.61)”. Em outras palavras, as regras são construídas pelos “donos do poder” (burguesia), na intenção de tirar vantagem das pessoas socialmente inferiores e manter os privilégios adquiridos. Ao aceitar as regras incondicionalmente, como elementos imutáveis, naturais e justos, as classes socialmente oprimidas corroboram e legitimam a exploração sofrida.

Sem jamais pôr em questão a ordem estabelecida, o papel do esporte consiste em inculcar o espírito de disciplina, de obediência, fazendo abstração da própria pessoa. Como meio de integração e adaptação do indivíduo à sociedade, o esporte contenta-se em celebrar e não em contestar. Como instituição de compensação, a sua principal função é a de preparação para o trabalho e a recuperação da força de trabalho. [...] O esporte também consiste num meio bastante eficaz de manutenção da ordem pública na medida em que exerce um controle ideológico profundo sobre as massas, e além disso, contribui para minimizar as barreiras sociais temporariamente, por ocasião dos encontros esportivos (CAVALCANTI, 1981, p.305-306).

Em decorrência da submissão às regras assumida pelos desportistas, a Teoria Crítica do Esporte interpreta a socialização pretendida através do esporte como uma forma eficiente de controle social, onde o praticante é adaptado aos valores e normas da sociedade capitalista e os aceita como normais e desejáveis.

Segundo Cavalcanti (1981) existe uma confusão semântica nessa questão. O que o esporte promove não é a socialização: tornar social, o que caracterizaria uma ampliação da visão social de seus praticantes, e sim a sociabilização: tornar sociável, ajustando seus praticantes aos moldes sociais. Socializar aqui seria o processo de adaptar o atleta à sociedade capitalista, inculcando os valores inerentes a ela.

[...] socialização significa o processo de transmissão dos comportamentos socialmente esperados. Mais especificamente, a socialização para o desempenho de determinado papel social envolve a aquisição de capacidades (habilidades) físicas e sociais, valores conhecimentos, atitudes, normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições, como por exemplo a família, a escola, o esporte, e ainda através dos meios de comunicação (BRACHT, 1992, p.74-75).

## 2.2.4 Igualdade e Meritocracia

Para Cavalcanti (1981), a igualdade de direitos difunde uma idéia burguesa de igualdade universal, sendo refletida no esporte. Segundo a visão positivista do esporte, as regras esportivas garantem a igualdade de condições e, conseqüentemente, a participação igualitária de pessoas das mais variadas classes sociais, níveis de aptidão física ou opções político-ideológicas. Em outras palavras, significa dizer que, salvaguardadas as mesmas condições para todos, sempre vencerá aquele que reúne as melhores condições técnicas e habilidades individuais, sendo a vitória a coroação de seu esforço numa clara demonstração de justiça e democracia.

A Teoria Crítica do Esporte se opõe radicalmente à idéia liberal de que todos têm a oportunidade de vencer, sendo necessário para isso apenas o esforço individual. Essa idéia legitima as diferenças sociais e promove o individualismo e a competitividade, que interessam diretamente ao sistema capitalista (BRACHT, 1987). Em última análise, o esporte condiciona seu praticante a não questionar as regras vigentes, que beneficiam os poderosos e oprimem a classe trabalhadora, confiando apenas nos méritos individuais. Também não questiona a estrutura social, que favorece os mais ricos e impede a ascensão dos mais pobres.

No esporte coloca-se em destaque a idéia de que todos têm a oportunidade de vencer (vencer no esporte = vencer na vida), através do esforço pessoal e individual, bastando para isso que se esforce e que tenha talento (como Pelé, Zico, Bernard e outros), o que em última análise justifica e explica as diferenças sociais, negando toda e qualquer determinação social. Esta crença de que no esporte desaparecem as desigualdades, colabora também para um certo abrandamento das contradições ou conflitos sociais (BRACHT, 1992, p.62-63).

A pessoa que credita suas conquistas apenas ao seu esforço individual busca a competição em detrimento da cooperação. Acredita que a eficiência individual garante o sucesso e a ascensão social. Numa transferência inevitável, quando alguém se destaca socialmente, obtendo lucro, prestígio e *status*, isto é percebido como conseqüência direta de seus méritos pessoais. O oposto também é verdadeiro, ocorrendo uma transferência da responsabilidade de todo e qualquer infortúnio ao próprio sujeito, isentando a conjuntura político-social de qualquer

responsabilidade. Assim, o esporte atende os objetivos da sociedade capitalista, promovendo o individualismo que reforça as diferenças de classe e legitima a ideologia burguesa.

Além disso, a visão de igualdade de chances e meritocracia enfraquece a mobilização social com a crença de que todos devem competir entre si, concorrendo pela vitória e o sucesso. Logo, devo superar meu “adversário”, não cooperar com ele, afinal, só pode haver um vencedor. Para que alguém vença é necessário que outros percam. Essa crença desvia a consciência de luta de classes e cooperativismo. Por outro lado, a constante alternância de vencedores e perdedores nos esportes dá a falsa impressão de que, também na vida, alguém que hoje se encontra socialmente inferior poderá a qualquer momento “virar o jogo” e se tornar vitorioso (BRACHT, 1987).

### **2.2.5 Educação e Ideologia<sup>15</sup>**

Para a Teoria Crítica do Esporte, não há a menor dúvida de que o esporte educa. No entanto, essa educação serve a propósitos ideológicos, transmitindo “em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc. (BROHM, 1989, *apud* TORRI e VAZ, 2006, p.186)”.

---

<sup>15</sup> Originalmente, o termo ideologia designava a análise das sensações e das idéias. Devido a hostilidades de alguns ideologistas franceses a Napoleão, este deu um sentido depreciativo ao termo, “[...] pretendendo com isso identificá-los como ‘sectários’ ou ‘dogmáticos’, pessoas cerceadoras de senso político e, em geral, sem contato com a realidade (Picavet, *Les idéologues*, Paris, 1891. *apud* ABBAGNANO, 2000, p.531)”. Segundo Bottomore (2001), o conceito de ideologia, numa visão marxista, expressa uma distorção do pensamento que é originado de contradições culturais e que busca ocultar tais contradições. No início de suas reflexões, Marx associa a ideologia a uma inversão promovida pela religião. “A inversão religiosa compensa, no espírito, uma realidade deficiente, reconstitui na imaginação uma solução coerente que está além do mundo real, para compensar as contradições desse mundo real”. Num segundo momento de sua produção intelectual, durante a construção do Materialismo Histórico, “a ideologia surge como um novo conceito negativo e restrito. É negativo porque compreende uma distorção, uma representação errônea das contradições. É restrito porque não abrange todos os tipos de erros e distorções”. Nesse segundo momento, mais do que a crítica ao idealismo, Marx e Engels afirmam que “as distorções ideológicas não podem ser superadas pela crítica, só podem desaparecer quando as contradições que lhes deram origem forem resolvidas na prática (BOTTOMORE, 2001, p.184)”.

Para Cavalcanti (1981), o esporte representa um desvio cultural, afastando a criança da sociedade durante o processo de aprendizagem das habilidades e regras desportivas. Nesse sentido, o esporte educaria, através da disciplina e obediência incondicional, não a sociedade real, mas para a sociedade ideal. Essa sociedade ideal, aqui concebida, consistiria no ideal capitalista burguês. “Pelo esporte, a criança é preparada para a vida adulta, pois espera-se dela a transferência da aprendizagem repressiva vivenciada dentro desse laboratório social artificial para a realidade concreta que é a sociedade capitalista (CAVALCANTI, 1981, p.307)”. Assim, a educação através do esporte levaria o indivíduo a internalizar valores e normas de comportamento que lhe possibilitarão se adaptar à sociedade capitalista. Uma vez internalizados, esses valores e normas se naturalizam, moldando a conduta do indivíduo, tornando-se seus próprios valores e, portanto, desejáveis e inquestionáveis (BRACHT, 1987, 1992, 2005).

Enquanto promotor da ideologia burguesa, o esporte cumpriria então um papel coadjuvante na estabilização do sistema capitalista, apresentando estreita ligação com o modelo do trabalho industrial.

[...] o esporte desenvolveu-se em afinidade com o processo social global, o que determinou suas características, por exemplo, a disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, organização, entre várias outras. Esses aspectos, que fazem parte da estrutura da sociedade capitalista, impregnariam o esporte, principalmente o de alto rendimento, mas também o de lazer. Essa afinidade se daria por um paralelismo nos sistemas de ação do esporte e do trabalho, no cientificismo de ambos, na execução repetitiva, na sobrecarga comum aos dois e no caráter de mercadoria que possuem (RIGAUER, apud TOPRRI e VAZ, 2006, p.190).

A educação promovida através do esporte é, então, uma ferramenta extremamente eficiente na formação ideológica social. Uma vez aprendidos, esses valores já não são mais questionados, antes, são incorporados. Torna-se o praticante de esportes socialmente alienado, pronto para atuar no mercado de trabalho sem questioná-lo. Aqui, o esporte atenderia claramente à função de aparelho ideológico do Estado. Segundo Brohm, o esporte cumpre as seguintes funções sociais:

1. O esporte é um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência, etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e *outputs*; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc.
2. O esporte é uma cristalização ideológica da competição permanente, que é representada como “preparação para as asperezas da vida.”
3. O esporte é uma ideologia baseada no mito do progresso infinito e linear, como se expressa na curva dos recordes.
4. Finalmente, o esporte é a ideologia do *corpo-máquina* – o corpo torna-se um robô, alienado pelo trabalho capitalista. O esporte baseia-se na *fantasia do ser “fit”, do corpo produtivo*. (BROHM, apud VAZ, 2003, p.8)

Este conjunto de funções sociais cumpridas pelo esporte forma a base dos elementos aprendidos através de sua prática. Em resumo, o esporte educa, no entanto, os elementos que compõem esta educação são reprodutores do sistema capitalista burguês. Os valores universais do esporte refletem os valores e elementos da ideologia burguesa, encobrendo a dominação e exploração de classe e tornando toda sorte de injustiças sociais como algo aceitável, natural e, portanto, inquestionável. O esporte educa preparando um exército de pessoas submissas e conformadas ao capitalismo burguês, incapazes de refletirem criticamente e se mobilizarem na busca por melhores condições de vida.

### 3 TEORIA DO DILEMA BRASILEIRO

Teoria do Dilema Brasileiro é a forma como se ocasionou denominar o trabalho desenvolvido pelo antropólogo brasileiro Roberto DaMatta. Suas idéias tornaram-se conhecidas a partir de seu livro “Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro”, que teve sua primeira edição em 1979, onde apresenta uma “leitura” da sociedade brasileira através da análise de alguns de seus principais rituais e seus respectivos personagens. Tomando como base de análise as relações sociais estabelecidas em eventos como o carnaval, as paradas militares e as procissões religiosas, DaMatta decodifica um “jeito de ser” de um povo que oscila entre o moderno e o tradicional, entre a lei e o “jeitinho”, entre o indivíduo e a pessoa. Utilizando-se de

[...] temáticas até então consideradas de pouca importância para o conhecimento do Brasil, incapazes de lançar luz sobre os grandes temas da sociedade, da política e da economia, o professor Roberto DaMatta recria o que gosto de pensar como a “sociologia do avesso” do Brasil. Ensina uma sociologia ousadamente original e brasileira [...] seguindo o simples e salutar princípio que os antropólogos costumam aplicar às outras sociedades, mas não às suas, ou seja, enfocando o que é significativo para as pessoas, é possível conhecer os nós e as ligações feitas pelo “avesso”. [...] Roberto DaMatta inaugura com *Carnavais, malandros e heróis* um imenso e ambicioso programa de pesquisas acerca das múltiplas dimensões da brasilidade (GUEDES, 2001, p.125-127).

A escolha de rituais comuns da vida do brasileiro como objeto de análise, opção adotada na obra de DaMatta, põe em foco aquilo que é significativo em nosso universo social. Entre carnavais, procissões e paradas, descobrimos um jeito único de ser e de viver, com oscilações e complementaridades que personificam e dão identidade ao povo brasileiro. DaMatta (1997), afirma que “[...] o ritual é um dos elementos mais importantes, não só para transmitir e reproduzir valores, mas como instrumento de parto e acabamento desses valores [...] (p.31)”, e que “a resposta social, coletiva é, fundamentalmente, uma resposta que surge marcando individualidades, aquilo que aparece como “cultura”, “valores”, “ideologia” [...] (p.38)”. O ritual unifica a maneira de realizar algo, sendo um instrumento capaz de dar identidade e singularidade ao coletivo.

No que tange ao objetivo do presente estudo, DaMatta corrobora com nossas aspirações, quando afirma que o rito é parte do mundo personificado e reificado, que

[...] nos coloca um problema de contrastes; daí a necessidade absoluta de estudar o mundo social tomando como ponto de partida as relações entre seus momentos mais importantes: o mundo cotidiano e as festas; a rotina e o ritual; a vida e o sonho; a personagem real e a paradigmática (DAMATTA, 1997, p. 37).

Em outras palavras, os ritos nacionais revelam a forma como transitamos, sem opções radicais ou excludentes, entre contrastes como riqueza e pobreza, igualdade e distinção, obrigação e prazer, entre a imposição e a indulgência. “Aos inimigos a lei, aos amigos, tudo!”, como diz o ditado popular.

Em nossa análise dos impactos decorrentes da prática esportiva no comportamento social de seus agentes, utilizaremos o prisma analítico dos valores, presentes de forma intensa nos ritos e práticas esportivas, e sua correlação com os valores sociais. Para tanto, cabe uma leitura mais aprofundada desta *brasilidade* e suas particularidades.

### 3.1 A CASA, A RUA E OUTRO MUNDO

Para DaMatta (1997), embora submetida a fatores sociais, políticos e econômicos comuns, a sociedade brasileira tem uma conformação única. Lidamos com aspectos aparentemente contraditórios de nossa cultura de maneira natural, utilizando-os de forma complementar. Transitamos entre diferentes tempos e espaços, tais como o Carnaval, o Dia da Pátria e a procissão do santo de nossa devoção, com o mesmo nível de envolvimento e dedicação. Decorre daí que, em nossas relações sociais, um mesmo fenômeno possa ser interpretado de diferentes formas.

[...] a chave para entender a sociedade brasileira é uma chave dupla. De um lado, ela é moderna e eletrônica, mas de outro é uma chave antiga e trabalhada pelos anos. É típica de nosso sistema essa capacidade de misturar e acasalar as coisas que tenho discutido no meu trabalho como uma atividade relacional [...] (DAMATTA, 1984, p.19).

Dessa forma, apesar de adotarmos uma legislação moderna, baseada no princípio da igualdade de direitos e deveres, constantemente nos vemos “às voltas” com uma série de situações nas quais o “jeitinho”, baseado num conjunto de relações familiares e de compadrio (tradicional), muda o curso da situação. Isso ocorre basicamente porque em nossa forma de agir utilizamos uma lógica dual: ora da *casa* e ora da *rua*. Daí decorre que em nossas relações socialmente estabelecidas, distinguimos completamente a *pessoa*, conceito ligado a *casa*, família e amigos, atmosfera de acolhimento e cumplicidade; e o *indivíduo*, conceito que remete a *rua*, com suas leis impessoais, onde se trava a “*luta*” do dia-a-dia. À parte dessa oscilação entre a *casa* e a *rua*, tratamos com distinção duas esferas de nossa existência: de um lado estão as coisas “deste mundo”, no qual estão incluídas *casa* e *rua*; do outro lado está tudo que remete ao sagrado, que exige de nós a renúncia das “coisas do mundo” para herdarmos o “outro mundo”.

Assim, qualquer evento pode ser sempre “lido” (ou interpretado) por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso), pelo código da rua (que está aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) e por um código do outro mundo (que focaliza a idéia de renúncia do mundo com suas dores e ilusões e, assim fazendo, tenta sintetizar os outros dois). Os três códigos são diferenciados, mas nenhum deles é exclusivo ou hegemônico em teoria. (DAMATTA, 2000, p.48)

### 3.1.1 A Casa e a Pessoa

A *casa*, muito além do espaço físico, congrega toda uma gama de sentimentos, valores, relações, formas de agir e de pensar. A *casa* tem uma dimensão moral, permeada de valores e realidades. “Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, conseqüentemente, as mesmas tendências (DAMATTA, 1984, p.24)”. Em outras palavras, a *casa* é composta por pessoas com as quais nos identificamos. Nela nos sentimos acolhidos, compreendidos, estamos “à vontade”. Na *casa* “[...] nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também

uma dimensão moral e social. Assim, na *casa*, somos únicos e insubstituíveis (DAMATTA, 1984, p.25)”.

Percebemos nossa casa como um espaço exclusivo, singular, onde tudo é melhor, bom, belo e descente. Para DaMatta (1984, 1997, 2000), dentro da cosmologia brasileira, a *casa* exprime uma complexa rede de símbolos, fazendo parte de sua ordem mais profunda. É na *casa* que estão as *peessoas*, a “nossa gente”. Quando queremos dizer que alguém é íntimo, podendo inclusive participar de aspectos da vida normalmente velados, dizemos que essa pessoa é “de casa”. Da mesma forma, há uma grande diferença quando dizemos que uma criança ou uma moça é “de casa” (“de família”) ou “de rua”.

Temos assim que, no Brasil, a

[...] casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia [...] (DAMATTA, 2000, p.53).

A *casa* é também onde temos nosso primeiro contato com a hierarquia. Nela “as relações são regidas *naturalmente* pelas hierarquias do sexo e das idades, com os homens e mais velhos tendo a precedência [...] (DAMATTA, 1997, p.91)”. É em casa que conhecemos um termo que permeia todas as relações sociais no Brasil, um valor observado tanto na *casa* quanto na *rua*: o respeito. Ele está presente de forma intensa nas relações familiares, sendo claramente observado no relacionamento entre pais e filhos. O respeito dá uma idéia bastante clara de níveis de poder. Embora acreditemos que ele deva estar presente em todos os relacionamentos, o respeito devido aos hierarquicamente superiores (começando com os pais) é uma regra largamente difundida em nossa sociedade. Mais adiante discutiremos sua influência na prática do “sabe com quem está falando?”.

Dessa forma, a *casa* representa um lugar especial, “nosso”. É onde estão as *peessoas*, entes queridos e singulares, amados e respeitados. É o local onde comemos, dormimos, nos higienizamos e nos satisfazemos. Na *casa* tudo está “no seu lugar”, os espaços e níveis de poder são plenamente conhecidos e respeitados.

A *casa* é sinônimo de segurança, pois tudo “[...] que remete ao uso, cuidados e recuperação do corpo – e que, como consequência, implica descanso e renovação – está ligado ao mundo doméstico (DAMATTA, 1997, p.95)”. Na *casa*, a *pessoa* é vista e respeitada como única, insubstituível, fazendo parte de uma complexa rede de relacionamentos, que a acompanham durante toda sua vida.

### 3.1.2 A Rua e o Indivíduo

A *rua*, no universo social brasileiro, representa o impessoal, o imprevisto, o perigoso. “[...] a regra básica do universo da rua é o engano, a decepção e a malandragem, essa arte brasileira de usar o ambíguo como instrumento de vida [...] (DAMATTA, 1997, p.91)”. Enquanto a *casa* é o lugar onde vivem as *pessoas*, confiáveis e dignas, o que costumamos chamar de “pessoas de bem”,

[...] é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral - ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família. Do mesmo modo, a rua é local de individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos [...] (DAMATTA, 2000, p. 55)

Na *rua* também reinam as leis, impessoais e imparciais. É o mundo da modernidade (oposto a *casa* e a família, que são tradicionais), onde o *indivíduo*, sem nome nem face, é a medida de tudo. É onde está tudo que é público, o que é de todos e que, por isso mesmo, é percebido como não sendo de ninguém<sup>16</sup>. É o ambiente controlado pelo “governo” e pelo “destino”, elementos sobre os quais não exercemos qualquer tipo de controle.

[...] a rua se move sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de “povo” e de “massa”. [...] falamos da “rua” como um lugar de “luta”, de “batalha”, espaço cuja crueldade se dá no fato de contrariar frontalmente todas as nossas vontades. Daí por que dizemos que a rua é equivalente à “dura realidade da vida”. [...] não há,

---

<sup>16</sup> Exemplo disso é nossa dificuldade no zelo e preservação de locais públicos, objetos e móveis de uso coletivo, alvos freqüentes de vandalismo e “quebra-quebra” como forma de protesto.

teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso [...] (DAMATTA, 1984, p.29).

Mas é também na *rua* onde se “luta” em busca do “pão de cada dia”. É na *rua* que se encontram as oportunidades, a esperança de prosperidade financeira, a ação e o movimento que leva às mudanças. Logo, não há como “fugir” da *rua*, pois ela é complementar a *casa*, e embora o trabalho seja visto como castigo<sup>17</sup> é a única forma de pessoas “de bem”, e que não nasceram em “berço de ouro”, “ganharem a vida”.

A *casa* e a *rua*, como categorias sociológicas, indicam uma oposição. Esta oposição, porém, não é excludente e sim complementar. A razão de ser de uma é o contraponto da outra. A *casa* é lugar de harmonia, descanso e aconchego, enquanto a *rua* guarda as oportunidades de sustento da família e um futuro melhor. Além disso, existem diferentes gradações entre os dois pólos, de modo que, a *casa* conserva espaços, tais como as janelas, varanda e sala-de-estar, que “abrem-se” para a *rua*, ao passo que, sempre que possível, procuramos adequar os ambientes da *rua*, principalmente o local de trabalho, ao “formato” da *casa*. “Assim, a própria *rua* pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da *casa*, ao passo que zonas de uma *casa*, podem ser percebidas em certas situações como parte da *rua* (DAMATTA, 1997, p.96)”. Só é possível compreender o universo social brasileiro se mantivermos a consciência dessas duas faces, que embora opostas, apresentam grande número de gradações através das quais se entrelaçam e se completam.

O Quadro 1 apresenta um resumo das peculiaridades e aspectos distintivos dessas duas esferas do mundo social brasileiro (*casa* e *rua*), demonstrando a diferença existente nas diretrizes que orientam o sujeito (indivíduo e pessoa) em decorrência do tempo/espaço em que se encontra.

---

<sup>17</sup> DaMatta (1982) lembra que a palavra trabalho “deriva do latim *tripaliare*, que significa castigar com o *tripaliu*, instrumento que, na Roma Antiga, era um objeto de tortura”. No Brasil associamos o trabalho com punição, e não poderia ser diferente, dada nossa herança escravocrata, onde até recentemente, pessoas descentes não trabalhavam, sendo esse papel relegado à categoria mais “baixa” da sociedade: o escravo.

<b>INDIVÍDUO</b>	<b>PESSOA</b>
Livre, tem direito a um espaço próprio.	Preso à totalidade social à qual se vincula de modo necessário.
Igual a todos os outros.	Complementar aos outros.
Tem escolhas, que são vistas como seus direitos fundamentais.	Não tem escolhas.
Tem emoções particulares.	
A consciência é individual.	A consciência é social (isto é, a totalidade tem precedência).
A amizade é básica no relacionamento = escolhas.	A amizade é residual e juridicamente definida.
O romance e a novela íntima, individualista (obra do autor) são essenciais.	A mitologia, as formulações paradigmáticas do mundo são básicas como formas de expressão.
Faz as regras do mundo onde vive.	Recebe as regras do mundo onde vive.
Não há mediação entre ele e o todo.	A segmentação é a norma.

**QUADRO 1 – ASPECTOS DISTINTIVOS ENTRE INDIVÍDUO E PESSOA**

### **3.1.3 O Outro Mundo e o Renunciador**

A *casa* e a *rua* representam importantes categorias sociológicas para uma compreensão do universo social brasileiro. Elas fazem parte de uma dimensão de nossa compreensão da vida que percebemos como sendo parte “desse mundo”, compondo a vida terrena, mortal e falível. A dimensão oposta é nossa relação com “o outro mundo”, lugar do sagrado, eterno e justo. Assim, em nossas relações sociais, estabelecemos outro tipo de dilema, opondo “esse mundo” e o “outro mundo”.

A relação do brasileiro com o sagrado é analisado por DaMatta (1997, 2000) em ritos religiosos como a peregrinação e a procissão, ambos habitantes comuns de nosso ambiente social. O rito da peregrinação é percebido como um movimento de busca, transmutação e comunhão, que ocorre no caminhar. O que se deseja é a busca de reequilíbrio, que após a peregrinação a harmonia retorne e se estabeleça na vida do peregrino e de todos “os seus”. O peregrino, então, é aquele que sai em

busca do sagrado, alcançando-o através da caminhada e reequilibrando assim sua vida. Já na procissão, o movimento é inverso. O sagrado, personificado na imagem do santo ou santa, deixa os altares das catedrais para “caminhar” conosco<sup>18</sup>, passa pela “minha” rua, em frente a minha casa. Esse rito simboliza o sagrado que se compadece e sai em defesa do devoto. Enquanto na peregrinação saímos em busca de Deus, na procissão, Deus vem ao encontro e caminha com o povo.

Fato comum a todos os rituais do sagrado é a exigência da renúncia das “coisas desse mundo”, o “desapego das coisas materiais”.

[...] as festas da igreja ou do "outro mundo" são ocasiões em que a sociedade se junta pelo lado do espaço da renúncia e do abandono do mundo. Espaço que demarca o poder do outro lado das coisas, algo como uma realidade que permite chegar ao extremo da compensação moral. (DAMATA, 2000, p.62)

Em momentos onde o sagrado é acessado, as regras da *casa* e da *rua* ficam “em suspenso”, dando lugar a um mecanismo de neutralização, onde “[...] se decide por uma relação fundada no afastamento e no extremo respeito (DAMATTA, 1997, p. 81)”. Evita-se qualquer tipo de conflito hierárquico “desse mundo”, pois no ambiente sagrado, o “filho de fulano”, assim como o indigente, torna-se “filho de Deus”, e o patrão, o empregado, o juiz e o marginal, se transformam em “iguais”, “pecadores” e “irmãos”. Daí a necessidade de renúncia, uma vez que às “coisas terrenas” não tem “peso” nas relações estabelecidas com o sagrado. Ao adentrar o ambiente do “outro mundo”, todo sujeito abre mão de sua posição social e poder, torna-se um renunciador. Unem-se “num só cordão” todas as classes sociais, raças e ideologias, numa trégua que tem tempo e espaço para acontecer.

### 3.2 SE NÃO VAI POR BEM, VAI NO “JEITINHO”

Segundo DaMatta (1997, 2000), a sociedade brasileira foi constituída nos moldes de um sistema aristocrático, hierarquizante, que regeu durante séculos as relações

---

<sup>18</sup> Durante as procissões, as imagens dos santos são retiradas das igrejas e carregadas pelos fiéis pelas ruas da cidade. Após o ritual, elas retornam ao altar da igreja, e lá permanecem até o ano seguinte, para cumprir o mesmo ritual.

existentes entre senhores e escravos (sistema tradicional). No decorrer de nossa história, uma moldura igualitária foi sendo adotada, pautando principalmente nossa legislação (sistema moderno). No entanto, nas relações sociais não ocorreu uma transição completa de um sistema para outro. O que ocorreu na verdade foi uma sobreposição, ou seja, o modelo moderno encobriu a estrutura tradicional sem, contudo, modificá-la. Como resultante desse processo, operamos com códigos sociais que transitam entre a lei, igualitária e impessoal, e uma hierarquia, que distingue e personaliza.

Em momentos onde a lei impõe barreiras, aparentemente intransponíveis, a reação comum do brasileiro não é revoltar-se contra a lei e tentar mudá-la. O que normalmente ocorre é a tentativa do sujeito de tornar-se uma exceção àquela regra, o que popularmente conhecemos como “jeitinho”. O “jeitinho” coloca-se a meio caminho entre a lei e a completa ausência de regras. Ele não muda a regra, apenas a relativiza.

Segundo DaMatta (1984), em nosso país as leis não condizem com a realidade social. Inúmeras possibilidades de gradações acabam por diferenciar o tratamento dado a pessoas em diferentes posições sociais. O autor defende a tese de que o “jeitinho” ganha espaço em nosso meio pelo fato das leis brasileiras seguirem o mesmo conjunto de gradações da hierarquia historicamente estabelecida.

Isso que ocorre diariamente no Brasil, quando, digamos, um bacharel comete um assassinato e tem direito a prisão especial e um operário, diante da mesma lei, não tem tal direito porque não é, obviamente, bacharel... [...] Sustento que é precisamente essa possibilidade de gradação que permite a interferência das relações pessoais com a lei universal, dando-lhe – em cada caso – uma espécie de curvatura específica que impede sua aplicabilidade universal que tanto clamamos e reclamamos. (DAMATTA, 1984, p.98).

Dito de outra forma, desejamos que a lei seja implantada e respeitada integralmente, valorizamos sua aplicação comum e a segurança que proporciona. Porém, sempre que observamos gradações na própria lei, que permitem um tratamento diferenciado a pessoas de diferentes classes e status sociais, legitimamos o uso do “jeitinho” como forma de flexionar a lei a nosso favor, seja de forma autoritária ou através do uso da criatividade e perspicácia.

Devido a nossa herança aristocrática hierarquizante, no Brasil, cada um aprende desde cedo “qual é o seu lugar”, e como se relacionar socialmente sem perder a consciência deste “lugar”. Quando, em situações incomuns, os “limites sociais” não estão sendo respeitados, surgem expressões como o “sabe com quem está falando?”, com o claro objetivo de diferenciar sujeitos e reafirmar posições hierárquicas. O “sabe com quem está falando?” causa embaraço a todos que compõe a cena. Isso ocorre porque em nossas relações diárias, evitamos a todo custo o conflito, mesmo que seja em defesa de nossos direitos legais, pois “[...] num mundo que tem de se mover obedecendo às engrenagens de uma hierarquia que deve se vista como algo natural, os conflitos tendem a ser tomados como irregularidades (DAMATTA, 1997, p.184)”. Assim, o “sabe com quem está falando?”, aplicado no intuito de encerrar um conflito, teria a função de restabelecer a “ordem normal das coisas”. Esta é uma das faces do conhecido “jeitinho”.

Uma segunda forma do “jeitinho”, socialmente mais agradável e valorizada que a anterior, é observada na maneira inteligente e perspicaz de agir de uma figura emblemática de nosso imaginário social: o “malandro”. A “malandragem” consiste na utilização dos mais variados meios, principalmente pautados num conjunto de relações pessoais, com o objetivo de modificar uma situação de evidente desvantagem, transformando-a em benefício próprio. O “malandro” não enfrenta a lei ou se revolta contra ela. Ele apenas utiliza-se de meios que a relativizem, flexionando-a ao seu favor.

O que se vê então é

[...] um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração do brasileiro balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada [...] (DAMATTA, 1984, p.95-97).

O “jeitinho” está associado diretamente ao ambiente da *casa*, uma vez que, para obter tal relativização da lei, é necessário que o agente da lei e o sujeito que tenta burlá-la partilhem de um elo em comum. Isso pode dar-se através de uma identificação do agente com o sujeito (grau de parentesco, amizade, compaixão pela situação), ou a partir do respeito (ou medo) gerado pela posição social ocupada pelo sujeito (hierarquicamente superior ou relacionado com alguém que seja), levando o agente da lei, em ambos os casos, a ceder.

### **3.2.1 Sabe Com Quem Está Falando?**

Um rito autoritário e que demarca claramente posições hierárquicas, é o uso da expressão: “sabe com quem está falando?”. Ele implica sempre uma separação radical e autoritária de duas posições sociais real ou teoricamente diferenciadas, sendo usado por alguém que deseja mostrar sua posição superior (DAMATTA, 1997).

O “sabe com quem está falando?” é um recurso do qual se lança mão quando ocorre um impasse gerado pela igualdade de direitos e deveres, garantidos por uma lei ou regra. Assim, ele surge como um marco distintivo, na tentativa de resolver tal impasse através da imposição de um pretense direito, adquirido em decorrência da posição social ocupada, a qual colocaria tal sujeito acima da regra vigente. “Quem se considera agredido (pela regra geral) torna-se o agressor, com o aparentemente fraco e desconhecido transformando-se em forte e mais que conhecido (DAMATTA, 1997, p.211)

A primeira vista pode parecer que o uso do “sabe com quem está falando?” seja exclusivo de pessoas que ocupam altos cargos ou que sejam detentores de grandes riquezas. Porém dois aspectos podem ser observados na sua utilização. O primeiro deles é que seu uso não está condicionado à pessoa que detém determinado status, mas inclui também todas as pessoas de seu círculo de relações (familiares, amigos, etc.). Assim, a resposta que vem logo após o “sabe com quem está falando?” tanto pode ser do tipo: “sou o juiz...”, “sou o senador...”, “sou o empresário...”; quanto: “sou o filho do senador...”, “esposa do empresário...”; ou ainda: “sou a empregada do

juiz...”, sou o motorista do senador...”, “sou amigo do policial...”, entre outros. O segundo aspecto a ser observado é que o “sabe com quem está falando?” não se restringe a posições de reconhecido poder social, sendo de uso comum em todas as camadas sociais. Podemos observar facilmente expressões como “sou o puxador de samba da escola...”, “sou o encarregado da equipe...”, entre outros, buscando um ponto de diferenciação diante de uma situação de impasse.

Isso reforça a constatação de que nossa sociedade é alicerçada nas relações existentes entre as *pessoas* – categoria que designa qualidades exclusivas, aspectos personalizados e dimensão clara da rede de contatos estabelecida (dimensão tradicional) –, e não entre *indivíduos* – categoria que designa direitos e deveres assegurados por lei e que igualam a todos (dimensão moderna). Na *rua* – ambiente regido por leis, impessoal – sou tratado como *indivíduo*, igual entre tantos outros. Na *casa* – ambiente regido por um conjunto de relações de amizade e de compadrio – sou tratado como *pessoa*, alguém único, especial. Dessa forma, o principal objetivo do “sabe com quem está falando?” seria o de transformar o ambiente impessoal num ambiente pessoal, transformar o indivíduo em pessoa.

[...] tudo indica que uma das razões sociais do ritual de separação em estudo é precisamente o de permitir e legitimar a existência de um nível de relações sociais com foco na pessoa e nos eixos e dimensões deixados necessariamente de lado pela universalidade classificatória da economia, dos decretos e dos regulamentos (DAMATTA, 1997, p.195).

Constata-se assim, que o “sabe com quem está falando?” é usado apenas no ambiente da *rua*, estando completamente ausente no ambiente da *casa* (família, comunidades, pequenas sociedades). Sua principal função é distinguir, num ambiente de “iguais”. “[...] ao sair do meu domínio e desfazendo minhas relações, não sou nada (DAMATTA, 1997, p.215)”. Sendo nossos princípios mais arraigados moldados pela hierarquia e pelas relações pessoais, buscamos desesperadamente algo que nos diferencie.

### 3.2.2 Malandros e Malandragens

O “malandro” é um dos principais arquétipos do imaginário social brasileiro. Ele é caricaturado como o sujeito “boa praça”, esperto, bem quisto na vizinhança, muito bem relacionado e que possui um talento especial: consegue tirar proveito das situações mais adversas, utilizando-se de “mil maneiras” para relativizar as leis e normas sociais em seu próprio benefício. O “malandro” é o que podemos chamar de “profissional do jeitinho”.

O “malandro” é uma espécie de “vingador”. Dada a percepção social de que as leis nem sempre são justas e imparciais, podendo beneficiar poucos e prejudicar muitos, o “malandro” é aquele que não se curva diante da lei, ao contrário, curva a lei para seu próprio bem. DaMatta (1997) analisa o mito de Pedro Malasartes, um brasileiro pobre que, motivado pelas injustiças sociais que presencia, vale-se de sua esperteza para enganar e tirar proveito dos ricos e poderosos. Nas histórias de Pedro Malasartes, a lei está explicitamente a serviço dos ricos e poderosos, que se valem dessa situação para explorar e lucrar sobre os pobres. Malasartes é o típico “malandro”, que em meio aos meandros da lei, utilizando-se de uma forte teia de relações pessoais, busca um “jeitinho” para beneficiar-se a si mesmo ou a outros socialmente marginalizados. É um “herói vingador”.

Socialmente, o “malandro” é visto como um marginal, às vezes no limite da legalidade. Porém, pelas peripécias que lhe logram êxito sobre ricos e poderosos, é admirado e ovacionado. Na educação recebida em família, tornar-se um “malandro” jamais é uma opção. Uma pessoa “de bem” jamais deverá tornar-se um “malandro”. E aí encontramos mais uma face do dilema brasileiro: o herói pode ser admirado, mas não deve ser imitado, pois ele representa uma saída possível, porém não desejável.

Mas, além do “malandro profissional”, aquele que incorpora tal personagem a maior parte de seu tempo, cada brasileiro carrega em seu bojo de possibilidades o “trunfo” da “malandragem” (esta, tratada com mais indulgência). Ele é um papel que pode ser utilizado por qualquer sujeito que se sinta injustiçado, prejudicado ou limitado por uma lei. “É um papel social que está a nossa disposição no momento em que achamos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe ou jeito (DAMATTA, 1984, p.103)”. A argumentação típica da malandragem pode ser no

sentido de penalizar o agente da lei (“se o senhor me multar, perco meu emprego!”), buscar com ele uma identificação (“sou morador do seu bairro!”), apontar uma falha da lei (“o documento não especifica a hora, apenas o dia!”), entre outros. O poder de persuasão é o que determina o desfecho da situação.

Assim, quando expira o prazo para pagar uma conta, por exemplo, e tentamos evitar a multa argumentando algo como a greve de ônibus ou a falta de energia elétrica (a popular “desculpa”), estamos buscando um “jeitinho” de relativizar a regra, ou seja, assumimos temporariamente o papel do “malandro”. Assim, a “malandragem”

[...] trata-se mesmo de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o “jeitinho” promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. Essa é a sua importância, esse é o seu aceno. Aí está a sua razão de existir como valor social (DAMATTA, 1984, p.104-105).

O “malandro” apela para a consciência do agente ou utiliza-se das contradições da lei para relativizá-la, obtendo benefícios próprios. O “sabe com quem está falando?” coloca-se acima da lei que se apresenta, requisitando supostos direitos relativos à posição social ocupada por ele ou por alguém da rede de relações que possui. Em ambos os casos, a lei é relativizada e desmoralizada, e o sujeito consegue burlá-la. Pode-se afirmar que, se alguém possui o “trunfo” de uma posição social de destaque, ou tenha relações estreitas com pessoas que a possuem, possivelmente se valerá dele para sai-se bem de uma situação conflitante. Em caso contrário, quando o sujeito não vislumbra a possibilidade de “dar uma carteirada<sup>19</sup>”, buscará uma forma de convencer o representante da lei de que o seu caso é especial, e que, portanto, merece ser tratado de forma diferenciada. Em ambos os casos, o que se procura com o “jeitinho”, é demonstrar que a lei em questão não se aplica aquela pessoa ou situação.

---

<sup>19</sup> Ato popularmente conhecido, onde o sujeito mostra um documento de identificação - que pode ser uma insígnia policial, carteira de estudante, entre outros - para adentrar locais particulares, como casas de shows e eventos, sem pagar o ingresso ou obtendo desconto. Esse procedimento é comum, tanto por quem tem documentos originais, quanto por aqueles que os falsificam para obter benefícios. Esta é uma das formas clássicas do “sabe com quem está falando?”.

### 3.2.3 Malandros, Caxias e Renunciadores

Segundo DaMatta (1997), no universo social brasileiro, três momentos rituais elucidam claramente os princípios norteadores de nossa identidade. Os eventos religiosos apresentam ambientes de neutralização, promovendo a evitação e o respeito; eventos sociais oficiais, como as paradas militares, ambientes de reforço, onde são reafirmadas e legitimadas as diferenças e hierarquias; enquanto o carnaval brasileiro apresenta um exemplo de inversão, onde tudo está “fora de lugar”. No rito do carnaval, uma categoria social como o pobre, se transforma em um nobre da corte, o rico se torna mendigo e “brinca” lado a lado com o marginal, porque “o elemento mediador entre elas não é somente o poder e a riqueza, mas o canto, a dança, as fantasias, a alegria” (DAMATTA, 1997, p.81).

[...] nas sociedades tradicionais e semitradicionais, onde o sistema sempre opera com a casa, a rua e o outro mundo como espaços sociais e princípios ordenadores diferenciados mas complementares da vida, os rituais serviriam como mecanismo visando à unificação geral do sistema e sempre teriam um caráter inclusivo. Mais do que celebrações ou comemorações de um certo domínio, data, princípio estrutural, categoria social, eles seriam verdadeiros focos por onde todo sistema poderia ser visto como uma totalidade. (DAMATTA, 2000, p.63)

Para cada momento ritual há um modelo que define os diferentes comportamentos entre os quais oscilamos. Trata-se de arquétipos, que DaMata (1997, 1984, 2000) analisa e classifica no intuito de orientar a compreensão dos valores que permeiam nossas ações.

O primeiro deles, que foi analisado ainda a pouco, é o “malandro”, o “profissional do jeitinho”. Vimos ainda que, apesar de serem formas completamente diferentes em sua apresentação, tanto a “malandragem” quanto o “sabe com quem está falando?” são diferentes faces do “jeitinho”, ou seja, são formas de relativizar a lei e obter benefícios próprios em situações onde deveria reinar a impessoalidade e a igualdade de direitos e deveres. O ritual social onde o “malandro” é reverenciado é o carnaval, ambiente de inversão onde o morador da favela vira professor, o rico

empresário vira aluno, a empregada doméstica se torna rainha e a “madame” transforma-se em indigente (DAMATTA, 1997).

O segundo arquétipo socialmente constituído é o “renunciador”, já analisado em outro momento. O “renunciador” é aquele que abdica dos poderes “desse mundo”, abrindo mão de privilégios e influências para ganhar o “outro mundo”. Sendo o domínio do “outro mundo” um atributo do “sagrado”, nas situações onde este é invocado ficam em suspenso todas as formas de classificação social, e todos tornam-se “iguais” e, portanto, dignos de respeito e tolerância. Aqui, os níveis cabíveis de hierarquia compreendem “céu e terra”, “Deus e os homens”, “salvação e condenação”. No ambiente do sagrado, ocorre uma profunda neutralização. Daí decorre nosso profundo respeito a tudo que lembra ou invoca o sagrado. O rituais sociais onde todos se transformam em renunciadores são as missas, procissões, peregrinações, terreiros, entre outros.

O terceiro modelo social brasileiro é o “caxias”, arquétipo que leva o nome do patrono do exército brasileiro, simbolizando a ordem, o respeito incondicional às leis e às autoridades empossadas. O “caxias” reina no mundo do *indivíduo*, dos direitos e deveres igualitários, dos decretos e leis aplicados sem restrições ou gradações. Pode-se dizer que o “caxias” é um ideal que perseguimos. Ele é o personagem do mundo “correto”, onde as leis condizem com a realidade social, as pessoas são realmente tratadas como iguais, os direitos são respeitados e todos cumprem os seus deveres. Os rituais sociais onde o “caxias” é glorificado são as “festas da ordem”, das quais a parada militar é seu principal representante<sup>20</sup>. As “festas da ordem” são rituais de reforço, reafirmando e legitimando as diferenças entre classes e poderes socialmente constituídos.

No Brasil, então, podemos ser caxias ou autoritários, como personagens típicos do mundo das leis e da ordem; podemos ser renunciadores e beatos que querem estar fora desse mundo, quando somos religiosos e pretendemos fundar um modo de existência paralelo; e podemos também ser malandros e jeitosos, políticos hábeis e sagazes, quando não enfrentamos a lei com a sua modificação ou rejeição frontal, mas apenas a dobramos ou simplesmente passamos por cima dela. (DAMATTA, 1984, p. 103-104).

---

<sup>20</sup> Ao referir-se a parada militar, DaMatta faz menção a um evento claramente datado, visto que sua obra remonta o período da ditadura militar.

Três dimensões de uma mesma realidade social. O brasileiro é uma mistura desses personagens, oscilando entre um e outro conforme o tempo e o espaço que se lhe apresenta.

### 3.3 ESPORTE E VALORES SOCIAIS

DaMatta (2006) afirma que as “sociologias do esporte” produzidas por pesquisadores europeus e anglo-saxões revelam sua incapacidade de distinção entre os significados que as modalidades esportivas têm local ou nacionalmente, em relação aos outros países. Segundo ele, esses pesquisadores partem do pressuposto (etnocêntrico) de que a forma como determinado esporte se manifesta em seu país é suficiente para uma classificação universal. Transformam uma experiência local em lei universal, “tomando-a como base para algo que seria essência ou intrinsecamente humano. [...] Conseqüentemente, o que ocorre na sociedade do observador é projetado como um traço, disposição ou tendência de toda a espécie humana (DAMATTA, 2006, p.176)”. Assim, tais “sociologias do esporte” seriam parciais e limitadas, enquanto representativas de elementos locais e não universais, conforme pretendem.

Para DaMatta (1994, 2006), o esporte é uma maneira privilegiada através da qual se pode “ler” a sociedade. Os rituais esportivos expressam particularidades de determinada sociedade, e destacam aspectos correntes de sua dinâmica social. Em outras palavras, a dramatização que se estabelece no decorrer das competições esportivas, revela “quem somos”. Em sua obra, na qual privilegia o estudo de personagens e eventos populares representativos da dinâmica social brasileira, DaMatta aponta o esporte – assim como o Carnaval, as paradas militares e procissões – como espaço de grande riqueza de sentido, capaz de nos classificar e singularizar socialmente. Misturando o moderno e o tradicional, o esporte praticado no Brasil é uma lente pela qual podemos compreender aspectos importantes de nossa vida em sociedade.

### 3.3.1 O Indivíduo e a Equipe

Qual é o motivo pelo qual nós brasileiros vibramos de forma mais intensa e apaixonada durante a Copa do Mundo de Futebol do que durante os Jogos Olímpicos? Para DaMatta (2006), apesar de ambas as competições serem espaços onde o país está sendo representado através de seus atletas, a preferência nacional pelo Copa do Mundo de Futebol está associada às particularidades das duas competições e às diferenças relacionadas à dinâmica das modalidades que as representam.

Como já demonstrado anteriormente, o brasileiro oscila entre o universo da *rua* e da *casa*, do *indivíduo* e da *pessoa*, da *lei* e do *jeitinho*. Uma evidente preferência nacional pelo ambiente acolhedor da *casa* e sua dinâmica é a principal medida na classificação dos esportes, estilos de jogo e eventos esportivos, e expressam singularidades da sociedade brasileira.

DaMatta (2006), afirma que nos Jogos Olímpicos, a ênfase maior é dada ao *indivíduo*, o atleta que, seguindo rigidamente um conjunto de exigências técnicas comuns a todos os competidores, busca a superação de todos e de si mesmo para alcançar o mais alto grau de excelência e conquistar a vitória. Este atleta é premiado com uma coroa de louro e uma medalha, representando simbolicamente a união vitoriosa do equilíbrio entre a cabeça e o coração.

Premiar o herói olímpico é, pois, equivalente a glorificar o indivíduo como um personagem crítico do nosso mundo social. Esse "indivíduo" carregado de heroicidade que, acreditando em si mesmo e nos seus recursos, treinou e esforçou-se solitariamente, quase sempre contra tudo e todos, inclusive contra seus eventuais defeitos físicos, sociais e emocionais para, no final, ver sua crença em si mesmo recompensada. (DAMATTA, 2006, p.188-189).

Apesar de diversas modalidades olímpicas serem coletivas, o lugar de honra nos Jogos Olímpicos é destinado ao *indivíduo*. O que está sendo julgado e premiado é a *performance* individual. E, principalmente no que concerne aos esportes individuais, este é o modelo de atleta olímpico.

Por outro lado, na Copa do Mundo de Futebol, um grupo selecionado de atletas é reunido, formando uma única equipe. Estes atletas vão compor uma “família<sup>21</sup>”, que “jogando bonito” (uma referência popular ao jeito brasileiro de jogar futebol) vai mostrar para o mundo o “futebol brasileiro”. Para que esta equipe obtenha sucesso é necessário que os atletas “vistam a camisa”, o que representa uma profunda identificação com “seu país” e “seu povo” (DAMATTA, 2006, 1994, 1984).

A competição acontece, opondo claramente as formas particulares com as quais cada país joga o futebol. A disputa não se dá somente entre jogadores, mas entre os estilos de jogo, onde o jeito “malandro” e cheio de “jogo-de-cintura, próprio do brasileiro, concorre com os estilos de outros países. “[...] o que fascina no caso de uma sociologia do esporte é precisamente a constatação de como um mesmo jogo torna-se universal, justamente, porque permite apropriações sociais específicas em sociedades diferentes (DAMATTA, 2006, p.183)”. Cada país é conhecido internacionalmente por sua maneira particular de jogar, alguns com um estilo mais agressivo, outros priorizando o “toque de bola”, outros ainda por táticas muito bem elaboradas de jogo (frieza calculista). Se as regras são as mesmas, os estilos são os mais variados possíveis. Daí a profunda identificação com a brasilidade de nosso futebol.

Ao final da disputa, os atletas que conquistam as primeiras colocações também recebem medalhas, mas a maior ênfase está na equipe vencedora, que recebe a taça.

A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa / Êh, eta esquadrão de ouro / É bom no samba, é bom no couro.

O brasileiro lá no estrangeiro / Mostrou o futebol como é que é / Ganhou a taça do mundo / Sambando com a bola no pé / Gooool! (Música de Maugeri, Müller, Sobrinho e Dagô).<sup>22</sup>

“A taça do mundo é nossa!”, diz a marchinha popular, numa clara referência ao “futebol brasileiro”, orgulho de toda a sociedade, que se identifica e se sente parte da equipe. Trata-se de uma alusão clara ao estilo de jogo brasileiro, que “samba

---

<sup>21</sup> É comum o uso do termo família para designar uma equipe esportiva. Em 2002, na Copa do Mundo de Futebol, jornais de todo Brasil descreviam o selecionado brasileiro como a “família Scolari”, numa referência ao seu treinador (o pai desta família), Luiz Felipe Scolari. O selecionado de voleibol brasileiro é conhecido atualmente como a “família Bernardinho”, seu atual técnico.

<sup>22</sup> Marchinha popular alusiva a conquista da Copa de Mundo de Futebol de 1958, na Suécia (Música de Maugeri, Müller, Sobrinho e Dagô. Disponível em <http://letras.terra.com.br/temas-diversos/564467/>). Acesso em 20/02/2009.

com a bola no pé”, marcando a identidade de um povo que se reconhece em seus jogadores e sente-se incluído nessa vitória.

Se a conquista de uma medalha olímpica é uma vitória de determinado atleta sobre atletas do mundo todo, a conquista da taça do mundo é a vitória de um país (do “jeito brasileiro”, do nosso “futebol arte” - no caso do Brasil), sobre todos os países do mundo.

Se, portanto, numa Olimpíada tudo se passa como se o local e o nacional fossem vistos como intrusos – como hóspedes não convidados que se insinuam contrariando os verdadeiros ideais olímpicos; no caso da Copa de Futebol, o universal é que se transforma em problema no decorrer de uma disputa onde se exige uma enorme concentração em um dramático enraizamento dentro da equipe que, neste contexto, é – como dizia Nelson Rodrigues – “a pátria em chuteiras”: uma metáfora vibrante, por “concreta” da nacionalidade e do país. (DAMATTA, 2006, p.192).

Enquanto nos esportes individuais, o que faz a diferença é o desempenho de determinado atleta, nos esportes de equipe, o desempenho individual e o conjunto são igualmente valorizados (GUEDES, 2001). Mais do que o talento do atleta, valoriza-se o “trabalho de equipe”. Pode-se afirmar, então, que os esportes de equipe estão socialmente ligados aos valores da *casa*, ao passo que os esportes individuais encontram-se socialmente ligados aos valores praticados na *rua*.

[...] não há dúvida que o entusiasmo pelo futebol e a indiferença pelos Jogos Olímpicos se relacionam à ética social brasileira que até hoje oscila entre o “individualismo” e “pessoalismo”, igualdade e hierarquia, sociedade e Estado Nacional, como categorias sociais contrastivas e até certo ponto antagônicas, mas complementares no caso do Brasil. (DAMATTA, 2006, p.189).

Como categorias contrastantes, porém complementares, os esportes individuais e coletivos representam duas faces de nossa estrutura social. Devido a essa capacidade de transitar entre opostos conceituais é importante que se faça uma leitura cuidadosa de nossa dinâmica social, tratando a realidade brasileira com a singularidade que esta exige. Somos uma sociedade que tem clara preferência pela *casa* e seus valores, porém reconhecemos como necessários os valores individuais,

da *rua*, de forma que mesclamos ambos, aplicando-os no desejo da melhor adequação possível ao ambiente em que estamos.

Assim, admiramos o atleta olímpico, capaz de um elevado autocontrole, disciplina e determinação, porém nos orgulhamos e vibramos muito mais com o jogador “moleque”, que brinca e “samba com a bola no pé”. O amor pelo futebol indica que, no Brasil, apesar do indivíduo ser valorizado em suas qualidades e habilidades pessoais, ele só torna-se completo quando mantém uma identificação profunda com seu povo, representante do verdadeiro “futebol brasileiro”.

O estudo do caso brasileiro tem revelado que uma sociedade pode adotar o indivíduo como sede ou valor englobante do seu aparato jurídico-político e, em paradoxais inversões hierárquicas, ser englobada por valores antagônicos ao individualismo. (DAMATTA, 2006, p.197).

### **3.3.2 Democracia e Meritocracia**

Um dos princípios fundantes do esporte moderno é a valorização do *desempenho*, e não da *substância* (DAMATTA, 1997). Independente de raça, classe ou crença, no decorrer da competição esportiva, uma série de regras visam garantir igualdade de chances aos participantes, para que destaque-se o atleta ou equipe com o melhor desempenho em determinado momento e lugar.

Segundo DaMatta, o futebol pode ser considerado uma das primeiras manifestações palpáveis de democracia em nosso país. Introduzido no Brasil nos primeiros anos da república, este esporte conflitava grandemente com os valores vigentes na época.

Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha. [...] foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade. [...] eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado. (DAMATTA, 1994, p.12).

Tornar-se-ia então o futebol, o espaço onde o povo teve um primeiro contato com a possibilidade de um tratamento igualitário, onde cada participante é avaliado segundo sua atuação. O campo de futebol tornou-se um espaço legítimo de vivência meritocrática.

Finalmente, o futebol proporciona a sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. (DAMATTA, 1994, p.16-17).

Se, cotidianamente, observam-se posições hierárquicas dominadas por um grupo imutável, nos esportes a alternância entre vencedores e perdedores é constante, a possibilidade de mudança é real e os meios para alcançar a vitória são passíveis de serem mobilizados por todos. A vitória e a derrota são resultado direto do mérito do atleta ou equipe.

Mas, exatamente por vincular a vitória ao mérito, o esporte torna evidentes as diferenças, contrariando a visão igualitária ideologicamente instituída.

[...] a atividade esportiva em geral, e dentro dela o futebol, permite ritualizar a competição, o que vai estabelecer ou reafirmar os melhores e os piores, os ganhadores e os perdedores, os primeiros e os últimos, dentro de um quadro estratificado que o credo igualitário tende a mistificar e esconder. (DAMATTA, 1994, p.14).

Não somos todos iguais, e isso fica claro numa competição esportiva, onde alguns competidores têm supremacia técnica e tática sobre outros e a cada nova vitória evidenciam tal diferença. Ao garantirem-se direitos e deveres através de regras que devem valer para todos, fica claro quem é melhor ou pior em determinado esporte.

Pela projeção da justiça e direitos iguais, princípios modernos e republicanos, o evento esportivo tem o poder de despertar o patriotismo, o sentido de pertencimento, aos membros de uma sociedade (GUEDES, 2001). A participação do Brasil em competições internacionais, por exemplo, tem figurado entre os principais momentos de expressão popular de símbolos nacionais como as cores da bandeira e o hino nacional. Conforme já abordado anteriormente, o brasileiro identifica-se com seus

atletas-heróis que “vestem a camisa” e competem de igual para igual com todas as nações do mundo. Salvaguardados pelas regras esportivas, eliminam-se as barreiras culturais e financeiras, vencendo o atleta ou equipe com o melhor desempenho. Além disso, em esportes de equipe, como o futebol, o “jeito brasileiro” de jogar é motivo de orgulho. Revela a singularidade, a diferença, demarca nossa identidade.

[...] o sucesso mundial do futebol brasileiro obrigou a mudar as velhas teses sobre a identidade nacional. Não foram, pois, os políticos, os formadores de opinião pública ou muito menos os intelectuais (quase todos racistas e favoráveis ao “branqueamento”) que começaram a acreditar no valor do Brasil e no Brasil como um valor. Paradoxalmente, foi esse jogo estrangeiro, claramente elitista, repleto de nomes desconhecidos e impronunciáveis pelo povo semi-analfabeto e monolíngüe do Brasil que, graças à força das redefinições culturais não previstas, provocadas pelo aculturativo, se transformava no principal agente de uma radical, porque positiva, redefinição dos modos de perceber as possibilidades e as capacidades do Brasil. Se o futebol não chegou a abalar as teorias elitistas de uma inferioridade nata da sociedade nacional, ele pelo menos tornou-se uma fonte de desabrido e comovente amor pelo Brasil. (DAMATTA, 2006, p.143-144).

DaMatta prossegue, lembrando que esse amor é considerado por muitos setores da “esquerda” com o “ópio do povo”, que eliminaria sua consciência crítica. Porém, advoga, um povo só pode transformar-se quando adquire confiança na sua capacidade, confiança esta proporcionada, por exemplo, pelo êxito adquirido nos esportes.

Em resumo, somos mais patriotas quando “o Brasil está jogando”. O fato de poder jogar de maneira singular, refletindo a forma como nos apropriamos socialmente de determinado esporte proporciona maior identificação de seu povo com tal esporte, tornando-se um símbolo de sua individualidade, algo que o destaca e singulariza. Somos mais patriotas quando nosso “jeito” é reconhecido, longe do anonimato e da impessoalidade, prerrogativas comuns do sistema capitalista.

O mesmo ocorre regionalmente, quando no futebol, por exemplo, uma equipe torna-se a expressão de nossa identidade, nos sentimos identificamos com os demais torcedores da mesma equipe, enfim, nos sentimos pertencentes a esta equipe. “Elos que recriam num nível moderno a idéia de família como comunidade que nos

engloba, é certo, mas agora, pelo time de futebol – essa comunidade que se escolhe voluntariamente (DAMATTA, 1994, p.16)”.

Pode-se afirmar, então, que o esporte nos proporciona uma profunda experiência de pertencimento, uma ligação espontânea que nos identifica e nos torna próximos uns dos outros, numa dimensão ampliada de nossa *casa*. O “time” de futebol, por exemplo, é algo que temos liberdade para escolher. Torna-se uma “família” por opção. Reunimo-nos e nos identificamos a centenas de “companheiros” desconhecidos que, juntos, num estádio de futebol torcem, choram a derrota e comemoram a vitória de sua equipe. Ao encontrar alguém que veste a camisa do “meu time” na rua, expressamos imediatamente: “bonita camisa!”, gesto prontamente respondido com um sorriso e frases como: “é meu traje de gala!”, “é o manto sagrado!”, entre outros. O *indivíduo* é prontamente transformado em *pessoa* por meio da identificação comum com uma equipe esportiva. As regras da modernidade são substituídas pelas regras da tradição, a *rua* transforma-se na *casa*.

### **3.3.3 Regras e Racionalidade**

Para DaMatta, conforme já foi dito, as regras presentes no esporte garantem uma experiência democrática, pois não podem ser mudadas em decorrência dos interesses individuais de uma equipe ou atleta. “[...] essas normas simples não podem mudar durante a partida e devem valer para todos, regras que institucionalizam, agenciam e legitimam o campo do esporte como um domínio especial e autônomo da vida social. (DAMATTA, 2006, p.139)”.

No entanto, o tempo/espaço onde vigoram tais regras é marcadamente o jogo, vivenciado como um domínio à parte da vida comum, socialmente constituída. Para DaMatta (1994, 2006) há uma clara separação entre o universo do esporte e seu conjunto de regras e as regras da sociedade na qual é praticado. Numa sociedade como a brasileira, onde as regras nem sempre garantem direitos iguais e a posição social ocupada por alguém pode interferir diretamente no resultado de um impasse, o “jeitinho” e a “malandragem” configuram-se como formas aceitáveis de navegação

social<sup>23</sup>. Em outras palavras, nossas regras sociais significam o “não pode!”, que limita qualquer demonstração de criatividade de alguns, e pode ser “moldada” para atender os interesses de outros, enquanto as regras esportivas determinam princípios únicos, claramente definidos e rigidamente seguidos.

Para DaMatta, então, não existe transferência direta (e cega) da obediência às regras esportivas para a obediência das regras sociais. Se “dentro de campo” assumimos o papel de “caxias”, isso se deve a percepção de justiça decorrente da aplicação correta das regras. Num ambiente que não apresente tal configuração, nosso comportamento muda.

Outro ponto que deve ser enfatizado é a questão da racionalidade prática. O esporte

[...] tem uma notável autonomia, sendo uma dimensão social marcada por normas, gestos, valores, objetos, vestimentas, espaços e temporalidades singulares que ultrapassam um mundo construído e rotinizado em torno do trabalho e do “econômico”, como base do progresso e eixo de redenção moral. [...] Com isso, os espetáculos esportivos promovem o abandono temporário das regras utilitárias que conformam a ideologia burguesa, propondo a separação entre meios e fins, essa norma de ouro da racionalidade moderna (DAMATTA, 2006, p.146-147).

Não há qualquer utilidade ou razão prática em lançar uma bola a uma meta, competir valendo-se apenas de habilidades manuais ou pedais, ou ainda, buscar superar um ambiente incomum para seres terrestres como a água ou o ar. Isso contraria as teorias sociais que creditam ao esporte uma dimensão funcionalista. No que tange ao trabalho e ao utilitarismo que definem a dinâmica social capitalista, o esporte está na contramão desta corrente.

O esporte tem um fim em si mesmo: a busca incessante pelo aprimoramento, superação e realização. No entanto, essa busca ocorre num ambiente como que “em suspenso” em relação à realidade social comum, numa atmosfera de divertimento, de ação espontânea, por prazer e não por dever. “Esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo. (DAMATTA, 1994, p.13)”.

---

<sup>23</sup> Conforme já apresentado em detalhes anteriormente.

A maioria esmagadora dos praticantes de esportes não compete a nível profissional e nem ao menos almeja isso. Para essas pessoas, o esporte ocupa o intervalo entre as “atividades úteis” da vida diária, não gera nenhum lucro e é independente da excelência. Um exemplo popular dessas atividades é a conhecida “pelada”, um jogo de futebol onde pessoas conhecidas ou não se encontram, formam duas equipes e competem, apenas pelo prazer do jogo. Normalmente tais eventos culminam numa “rodada de cerveja” onde os jogadores de ambas as equipes, bebendo juntos, relembram os lances do jogo em divertidas e jocosas narrativas.

O esporte, assim como a arte,

[...] é uma atividade que possui uma clara auto-referência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle. [...] Esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo. (DAMATTA, 1994, p.13).

Enquanto, no mundo do trabalho, a força física é vendida, devendo, portanto, ser direcionada, economizada e otimizada; no esporte a força física é veículo para a diversão, a competição sem lucro, o cansaço sem retorno financeiro. O esporte não tem utilidade, por assim dizer, visto pela lógica de mercado financeiro. A expressão corporal que se vê é totalmente diferente, de forma que “o que se observa e admira não é mais o corpo maltratado e deselegantemente liquidado pelo trabalho que o controla e consome, mas um corpo que desafia o tempo, o espaço e outros corpos (DAMATTA, 1994, p.15)”. No esporte, o corpo pode conciliar algo raro de ver-se em sociedades pós-industriais: a disciplina regrada com a beleza e o prazer.

### **3.3.4 Sorte e Destino**

A despeito de toda a crença de que a habilidade técnica e tática de um atleta ou equipe está estreitamente ligada com a vitória, no universo dos esportes, por vezes associam-se elementos curiosos como sorte e destino. Principalmente em jogos de

equipe, que concentram um elevado número de variáveis, os resultados freqüentemente são relacionados à predestinação ou fé. É comum observar-se um verdadeiro ritual precedendo os jogos, com ações tais como “benzer-se” ao pisar a arena, apontar para o céu na comemoração de um gol ou ponto ou fazer menção ao azar quando algo de errado ocorre durante o jogo. O futebol, sem dúvida, apresenta os exemplos mais comuns desses elementos. “Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuam as idéias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro [...] (DAMATTA, 1994, p.13)”.

Pode-se afirmar, então, que apesar de concebermos o esporte como algo moderno, onde habilidades técnicas e táticas obtidas através de treinamentos específicos são primordiais, no Brasil, acreditamos na interferência de aspectos metafísicos nos possíveis resultados dos jogos. Isso se deve à forma como nós, brasileiros, transitamos entre este e o “outro mundo<sup>24</sup>”, creditando ao “sagrado” um campo especial, com influência direta nos fatos da vida diária. Esta dimensão também é capaz de oferecer explicações aceitáveis para fatos inexplicáveis dentro lógica racional. A “lógica” do “outro mundo” foge completamente do nosso controle e comporta tranquilamente atribuições como a predestinação, graça e punição. Daí a presença constante de expressões como: “graças a Deus saímos com a vitória!”, ou “o que fizemos de errado para receber tal castigo!”, no discurso de atletas, profissionais ou não.

Segundo DaMatta (2000), em nossa relação com o “sagrado” seguimos a lógica presente nas relações de reciprocidade, ou seja, a reverência, o sacrifício e a oferenda fazem parte de um diálogo onde uma das partes propõe um acordo e, após cumprir sua parte, seguindo a mesma lógica, espera que o outro lado cumpra a sua. Justifica-se, portanto, nossa constante preocupação em reverenciar o sagrado, esperando o pronto atendimento de nossas “preces”.

Assim como a *casa* e a *rua* são complementares em nosso universo cultural, no esporte, este mundo (habilidade, técnica, treinamento, etc.) e o “outro mundo” (sorte, destino, graça, etc.), se complementam na construção do “jeito brasileiro” de jogar e pensar o esporte.

---

<sup>24</sup> Tema já abordado anteriormente.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 TIPO DE PESQUISA**

O presente trabalho apresenta uma pesquisa de campo de tipo descritiva, que utilizou métodos de inquirição sob a forma de opinião.

### **4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA**

Devido a suas particularidades, o lócus de nossa análise foi as Olimpíadas Escolares: competições, em princípio, de fundo pedagógico, formadoras de sociabilidades que, ao mesmo tempo, estão sujeitas à lógica específica do esporte de rendimento.

As Olimpíadas Escolares são competições que acontecem em nível municipal, estadual e nacional, tendo caráter classificatório e eliminatório em cada uma de suas etapas. Nessa perspectiva, compreende-se que as equipes representantes de seus respectivos estados na etapa nacional dos jogos, estariam mais adaptadas aos aspectos técnicos, táticos e ao conjunto de regras e regulamentos dos esportes de competição. Concluímos então que os participantes da etapa nacional das Olimpíadas Escolares são a população mais representativa desse segmento esportivo.

Em todos os seus níveis, as Olimpíadas Escolares são divididas em duas categorias: a primeira envolve estudantes de doze a quinze anos e a segunda, estudantes de quinze a dezessete anos. A categoria de quinze a dezessete anos foi escolhida para compor o presente estudo em virtude de um maior amadurecimento psicológico e possível aprofundamento temático.

A coleta de dados foi realizada durante a Etapa Nacional das Olimpíadas Escolares 2008, em João Pessoa - Paraíba, entre os dias 6 e 16 de novembro de 2008. Segundo dados oficiais do Comitê Olímpico Brasileiro – COB (disponíveis em

[http://www.cob.org.br/eventos/eventos\\_interna.asp?id=64](http://www.cob.org.br/eventos/eventos_interna.asp?id=64)), participaram da competição 2.850 (dois mil e oitocentos e cinqüenta) atletas de 22 (vinte e dois) estados brasileiros. Os estados que tiveram representação na competição foram: Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Rorâima, São Paulo e Sergipe.

As modalidades esportivas abrangidas pela competição compreendem, nos esportes coletivos: futsal, basquetebol, voleibol e handebol; e nos esportes individuais: xadrez, natação, judô, tênis de mesa e atletismo. O Quadro 2 apresenta o quantitativo máximo de atletas permitido por delegação estadual, dividido por modalidade.

<b>Modalidades</b>	<b>Alunos/atletas</b>	<b>Alunas/atletas</b>	<b>Técnicos</b>
Atletismo	13	13	02
Basquetebol	10	10	02
Futsal	10	10	02
Handebol	12	12	02
Judô	08	08	02
Natação	06	06	01
Tênis de Mesa	02	02	01
Voleibol	10	10	01
Xadrez	01	01	02
<b>Sub-total</b>	<b>72</b>	<b>72</b>	<b>15</b>
<b>Total</b>		<b>159</b>	

#### **QUADRO 2 – COMPOSIÇÃO DAS DELEGAÇÕES**

Fonte: Regulamento geral das Olimpíadas Escolares (2008).

A seleção da amostra foi direcionada, com o objetivo de alcançar a maior representatividade possível.

Os esportes coletivos respondem pelo maior número de atletas por estado – aproximadamente 58% (cinqüenta e oito por cento), ao passo que, os esportes individuais, correspondem a um número proporcionalmente menor – aproximadamente 42% (quarenta e dois por cento). Essa proporção foi observada na seleção da amostra.

A amostra contou com atletas das quatro modalidades coletivas presentes na competição, a saber: basquetebol, futsal, handebol e voleibol, e duas das cinco

modalidades individuais, a saber: judô e atletismo. O critério utilizado para a escolha considerou o número de atletas envolvidos nas modalidades e o número de atletas envolvidos desde a fase municipal da competição.

Nos esportes coletivos, a amostra selecionada incluiu todos os estados participantes da competição (22). Nas modalidades individuais, buscou-se atingir e todas as regiões participantes (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). Assim, 8 (oito) equipes de cada esporte coletivo receberam envelopes com o número de questionários relativo ao número de atletas da modalidade, sendo 4 (quatro) equipes masculinas e 4 (quatro) equipes femininas. Ao todo, foram distribuídos 288 (duzentos e oitenta e oito) questionários a atletas de esportes coletivos. Nos esportes individuais, onde as equipes compreendem a soma de atletas masculinos e femininos, incluindo seus vários níveis (modalidade, categoria), cada região brasileira recebeu 2 (dois) envelopes com o número de questionários relativo ao número de atletas da modalidade, sendo um envelope para a modalidade atletismo e um para a modalidade judô. Ao todo, foram distribuídos 210 (duzentos e dez) questionários a atletas participantes da modalidade esportes individuais.

No total, foram distribuídos 498 (quatrocentos e noventa e oito) questionários. Destes, 261 (duzentos e sessenta e um) foram respondidos e devolvidos (52% do total distribuído).

Foram ainda realizadas 21 (vinte e uma) entrevistas, envolvendo 7 (sete) atletas de modalidades individuais e 14 (quatorze) atletas de modalidades coletivas. Dentre os atletas entrevistados 11 (onze) eram do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino.

Na observação e filmagem dos jogos, igualmente foi considerada a distribuição da amostra. Todas as modalidades selecionadas para a aplicação do questionário foram observadas e filmadas em competição, envolvendo igualmente jogos femininos e masculinos.

## 4.3 COLETA DE DADOS

### 4.3.1 Dimensões Sociais Analisadas

Para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados, três dimensões gerais da vida em sociedade foram consideradas: a relação indivíduo-sociedade, a postura em relação às regras e a postura em relação à competição. A partir dessas dimensões, buscou-se a verificação empírica dos pressupostos teóricos apresentados nos capítulos anteriores.

CATEGORIA		TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE	TEORIA DO DILEMA BRASILEIRO <sup>25</sup>
1	Relação indivíduo/sociedade	<p>Promoção da crença na meritocracia, gerando a naturalização das diferenças sociais, e das condições de dominação de classe.</p> <p>Promoção do egocentrismo e do individualismo em detrimento da mobilização coletiva.</p> <p>Promoção da competição em detrimento da cooperação.</p> <p>Fungibilidade.</p>	<p>O esporte como reordenação momentânea da ordem: democrático, móvel, meritocrático e igualitário.</p> <p>O esporte como espaço de singularização da pessoa.</p>
2	Postura em relação às regras	<p>Aprendizado das regras como estruturas imutáveis.</p> <p>Promoção da obediência e do conformismo como valores orientadores.</p>	<p>As regras são uma barreira entre o objeto e o desejo (significam o “não pode”).</p> <p>Representam o impessoal e universal.</p> <p>Algo possível de ser contornado pelo “jeitinho” e pela “malandragem”.</p>
3	Postura em relação à competição	<p>Princípio do rendimento como valor orientador.</p> <p>Corpo-máquina: domínio, controle, sacrifício.</p> <p>Fungibilidade, perda da subjetivação e da autonomia.</p>	<p>Vivência democrática, reordenação momentânea da ordem.</p> <p>Meritocracia versus jogo, sorte, destino.</p> <p>Meio para a identidade coletiva.</p>

**QUADRO 3 – DIMENSÕES SOCIAIS *VERSUS* PRESSUPOSTOS DA TCE E DA TDB.**

<sup>25</sup> Em sua aplicação ao esporte.

O Quadro 3 apresenta de forma resumida, as assertivas da Teoria Crítica do Esporte – TCE, e da Teoria do Dilema Brasileiro – TDB, sobre os valores sociais mobilizados pelo e através do esporte<sup>26</sup> em relação a cada uma das dimensões da vida social a serem investigadas.

A partir desse cenário, foram elaboradas as afirmativas que compunham o questionário utilizado na coleta de dados.

#### **4.3.2 Cuidados Legais e Éticos**

Para que fosse possível realizar a coleta de dados na etapa nacional das Olimpíadas Escolares, na categoria 15 a 17 anos, inicialmente buscamos autorização junto ao Ministério do Esporte e ao Comitê Olímpico Brasileiro – COB, órgãos parceiros na realização das Olimpíadas Escolares, em sua fase nacional. Após obtenção da devida autorização, nossos contatos preliminares foram feitos diretamente com o COB, responsável pela realização do evento, na pessoa do Sr. Edgar Hubner, coordenador de eventos do COB. Após encaminhamentos gerais junto ao Sr. Edgar Hubner, nosso contato passou a ser o Sr. Jessé de Oliveira, coordenador geral das Olimpíadas Escolares em João Pessoa – PB<sup>27</sup>.

Fomos convidados, então, a apresentar os objetivos e metodologia do trabalho durante os congressos técnicos das modalidades esportivas, que ocorreram nos dias 6 e 11 de novembro. Participamos dos congressos técnicos de todas as modalidades (num total de 9), apresentando o trabalho, sanando dúvidas e solicitando a ajuda dos representantes das equipes para a aplicação dos questionários. Nessas reuniões participaram os chefes de delegações, professores e técnicos. Foram então distribuídos os envelopes contendo os questionários aos representantes das equipes, que assumiram a tarefa de aplicá-lo aos seus atletas,

---

<sup>26</sup> Neste estudo, conforme já apresentado na introdução, trabalhamos com a idéia de uma relação recíproca entre o esporte e outras esferas da vida em sociedade, enquanto diferentes planos/espacos que se influenciam mutuamente, compartilham valores e geram outros. Assim, os valores não seriam específicos do esporte, mas seriam mobilizados por este. Como as teorias que embasam este trabalho constantemente se referem aos valores *do* esporte, manteremos essa denominação na apresentação de seus pressupostos.

<sup>27</sup> Cabe aqui um agradecimento especial a toda a equipe do COB, principalmente ao Sr. Edgar Hubner e Sr. Jessé de Oliveira, bem como à equipe local envolvida no evento, pela pronta acolhida e presteza, que “abriu portas” para que fosse possível a realização deste trabalho.

entregando-os em seguida na portaria do hotel onde a delegação encontrava-se hospedada. Ao final da competição os questionários foram recolhidos. Ainda nesse momento solicitou-se a autorização dos responsáveis para a realização das entrevistas com os atletas, ao que foi prontamente assentiram.

Em todas as instâncias foi garantido aos envolvidos o completo anonimato das informações prestadas e do uso estritamente científico dos dados.

### **4.3.3 Estudo Piloto**

Com o objetivo de testar o questionário (principal instrumento de coleta de dados) construído para o presente estudo, foram realizados dois estudos pilotos. Os estudos pilotos ocorreram durante a realização dos Jogos Escolares da Rede Estadual – “Na Rede”, promovidos pela Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo.

No primeiro estudo piloto foram aplicados 50 (cinquenta) questionários, todos respondidos, entre os dias 20 e 26 de outubro de 2008, durante competições realizadas nas dependências do SESC - Serviço Social do Comércio, do município de Vila Velha - ES. Nos questionários aplicados, uma das possíveis respostas às afirmativas era “não entendi a questão”. Ainda com o objetivo de aprimorar o instrumento, alunos e professores participantes das competições foram consultados, expondo sua percepção quanto ao sentido e clareza das questões aplicadas.

A partir dos resultados obtidos neste primeiro estudo piloto, foram realizados ajustes e alterações no questionário, no intuito de torná-lo mais claro e objetivo.

Um segundo estudo piloto foi então realizado, entre os dias 27 de outubro e 1º de novembro de 2008, durante competições realizadas nas dependências do Centro de Treinamento da Secretaria de Estado de Esporte (SESPORT) e do Colégio Estadual de Vitória, ambos no município de Vitória – ES. Novamente foram aplicados 50 (cinquenta) questionários, tendo sido todos eles respondidos. Também nesses questionários, uma das possíveis respostas às afirmativas era “não entendi a questão”. Nenhum dos 50 (cinquenta) respondentes assinalou essa alternativa em

nenhuma das 20 (vinte) questões. Também nesse momento foram consultados alunos e professores quanto ao conteúdo e clareza das questões.

#### **4.3.4 Questionário**

A partir da realização dos estudos pilotos, tornou-se possível testar e aprimorar o questionário proposto, evoluindo então para a forma aplicada nas Olimpíadas Escolares, em João Pessoa – PB.

Assim, o principal instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário contendo vinte assertivas, compreendendo a seguinte escala de atitudes: (1) discordo totalmente; (2) discordo; (3) não tenho opinião formada; (4) concordo; e (5) concordo totalmente (APÊNDICE A).

Para investigar os valores orientadores de sociabilidade dos atletas, o questionário de escala de atitudes envolveu seis categorias de análise: ‘disciplina’, ‘modo de navegação social’, ‘fungibilidade’, ‘meritocracia’, ‘princípio do rendimento’ e ‘reordenação da ordem’. O Quadro 4 mostra a distribuição das categorias nas afirmativas que compunham o questionário.

Na elaboração do questionário, optou-se em não incluir questões relacionadas à classe social, religião ou localização geográfica dos respondentes. Esta opção se deve ao fato de que nenhuma das teorias utilizadas para analisar os dados coletados (TCE e TDB) apresenta distinção dessas categorias em seus pressupostos. Já as categorias ‘sexo’ e ‘modalidade esportiva’, foram incluídas. A primeira por se tratar de uma forma clássica de estratificação de amostras desse tipo, a segunda por ser apresentada como distintiva nos pressupostos da TDB.

<b>Nº</b>	<b>AFIRMATIVA</b>	<b>CATEGORIA</b>
1	As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	DISCIPLINA
2	As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	
4	Eu sempre obedeço às leis.	
5	Quando não vai por bem, vai no "jeitinho".	MODO DE NAVEGAÇÃO SOCIAL
6	Quando não vai por bem, vai na "malandragem".	
7	O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa.	FUNGIBILIDADE
15	O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer.	
3	As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos.	MERITOCRACIA
8	O que faz a diferença para o sucesso é a técnica.	
10	Os melhores vencem sempre.	
11	O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã.	
13	Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio.	PRINCÍPIO DO RENDIMENTO
12	Ganhar é a única coisa que importa.	
14	Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício.	
16	Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações.	REORDENAÇÃO DA ORDEM
9	O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação.	
17	O sucesso depende do trabalho.	
18	O sucesso depende da sorte.	
19	O sucesso depende do destino.	
20	O sucesso depende de Deus.	

**QUADRO 4 – AFIRMATIVAS DO QUESTIONÁRIO AGRUPADAS POR CATEGORIA.**

#### **4.3.4 Instrumentos Auxiliares**

No intuito de aprofundar questões presentes no questionário, foram realizadas vinte e uma entrevistas. O roteiro das entrevistas (APÊNCICE B) incluiu tanto questões referentes aos valores vivenciados no esporte, quanto nos valores socialmente vivenciados pelo atleta, com o objetivo de buscar evidências empíricas dos pressupostos das teorias que embasam nossas reflexões e testar sua correlação com os valores de sociabilidade reconhecidos pelo atleta.

Dos atletas entrevistados, sete praticam esportes individuais e quatorze esportes coletivos. Onze entrevistados são do sexo masculino e dez do sexo feminino. O tempo total de gravação das entrevistas foi de aproximadamente sete horas.

Ainda, como forma auxiliar de verificação de aspectos relevantes para a pesquisa, foram observados jogos e demais atividades nas quais os atletas estiveram envolvidos durante todos os dias da competição. Parte dessa observação foi filmada, totalizando aproximadamente oito horas de gravação.

As observações e filmagens tiveram o intuito de observar a atitude dos atletas em suas interações sociais, tanto durante os jogos quanto em momentos de descanso. O principal objetivo foi correlacionar a atitude dos atletas com os resultados obtidos no questionário.

#### 4.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Em análises estatísticas para variáveis quantitativas, são realizados cálculos de medidas centrais, como a média, a moda e a mediana; medidas de dispersão, como a variância, amplitude e o desvio-padrão; todas com a finalidade de conhecer o comportamento das observações. No caso de dados qualitativos, que é o caso do presente estudo, normalmente são realizadas análises de freqüências e porcentagens. No entanto, dependendo do tipo de planejamento da pesquisa, utilizam-se também testes mais específicos.

Após análise prévia do Laboratório de Estatística do Centro de Ciências Exatas da Universidade Federal do Espírito Santo – CCE/UFES, o teste Qui-Quadrado mostrou-se o mais indicado para a análise dos dados coletados nessa pesquisa. O teste Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ), têm por objetivo medir o grau de discrepância (associação) entre um conjunto de freqüências observadas e um conjunto de freqüências esperadas, ou seja, se existe ou não associação entre as variáveis relacionadas ao objetivo da pesquisa (THOMAS e NELSON, 2002; DORIA FILHO, 1999).

Para as variáveis pertencentes às categorias: ‘disciplina’, ‘modo de navegação social’, ‘fungibilidade’, ‘meritocracia’, ‘princípio do rendimento’ e ‘reordenação da

ordem', foi realizado o teste de associação Qui-Quadrado em relação ao 'sexo' e à "modalidade esportiva" (coletiva ou individual). Para tanto, foi estabelecido um nível de significância de 5% ( $\alpha = 0,05$ ), juntamente com análises gráficas e tabelas de freqüências.

Na análise dos dados do presente estudo foram utilizados os programas SPSS e Excel.

#### 4.4.1 O Teste Qui-Quadrado

A análise estatística do teste Qui-Quadrado é adequada para variáveis qualitativas, com duas ou mais categorias, para medir o grau de associação do fator com a variável de exposição.

Trata-se de uma medida da discrepância existente entre as freqüências observadas e esperadas, através da fórmula  $\chi^2$ .

$$\chi^2 = \sum_{j=1}^k \frac{(o_j - e_j)^2}{e_j}$$

Quando  $\chi^2 = 0$ , as freqüências esperadas e observadas concordam exatamente, enquanto que, quando  $\chi^2 > 0$ , isso não ocorre. Quando maior for o valor do  $\chi^2$ , maior será a discrepância entre as freqüências observadas e esperadas (THOMAS e NELSON, 2002; DORIA FILHO, 1999). O Quadro 4 apresenta um modelo estatístico do teste realizado.

		RESPOSTAS					Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	a (n1*m1)/n	b (n1*m2)/n	c (n1*m3)/n	d (n1*m4)/n	e (n1*m5)/n	n1=a+b+c+d+e
	Masculino	f (n2*m1)/n	g (n2*m2)/n	h (n2*m3)/n	i (n2*m4)/n	j (n2*m5)/n	n2=f+g+h+i+j
Total		m1=a+f	m2=b+g	m3=c+h	m4=d+i	m5=e+j	n=n1+n2

QUADRO 4 – MODELO ESTATÍSTICO DO TESTE QUI-QUADRADO.

Para cálculo do Qui-Quadrado utilizamos as observações obtidas (a, b, c, d, e, f, g, h, i, j) e seus respectivos valores esperados (em negrito) aplicados na fórmula citada anteriormente.

## **5 O ATLETA E OS VALORES SOCIAIS**

### **5.1 VISÃO GERAL DOS RESULTADOS**

A seguir são apresentados os dados obtidos com a aplicação do questionário em relação às frequências e percentuais gerais. Na Tabela 1 estão demonstrados os resultados, obedecendo à ordem de distribuição normal das questões, conforme observada no questionário (APÊNCICE A). Os mesmos resultados são apresentados na Tabela 2, porém com as questões agrupadas segundo as categorias de valores a que correspondem: 'disciplina', 'modo de navegação social', 'fungibilidade', 'meritocracia', 'princípio do rendimento' e, 'reordenação da ordem' (Quadro 3). Estas categorias serão analisadas individualmente no decorrer desse capítulo.

**Tabela 1 - Frequências e percentuais para as variáveis gerais.**

	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
1. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	37	14,2%	116	44,4%	16	6,1%	76	29,1%	16	6,1%
2. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	7	2,7%	32	12,3%	37	14,2%	147	56,3%	38	14,6%
3. As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos	19	7,3%	35	13,4%	35	13,4%	98	37,5%	74	28,4%
4. Eu sempre obedeço às leis	3	1,1%	35	13,4%	36	13,8%	129	49,4%	58	22,2%
5. Quando não vai por bem, vai no "jeitinho"	33	12,6%	57	21,8%	45	17,2%	100	38,3%	26	10,0%
6. Quando não vai por bem, vai na "malandragem"	74	28,4%	86	33,0%	41	15,7%	46	17,6%	14	5,4%
7. O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa	6	2,3%	21	8,0%	40	15,3%	82	31,4%	112	42,9%
8. O que faz a diferença para o sucesso é a técnica	7	2,7%	52	19,9%	41	15,7%	99	37,9%	62	23,8%
9. O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação	22	8,4%	69	26,4%	68	26,1%	77	29,5%	25	9,6%
10. Os melhores vencem sempre	100	38,3%	106	40,6%	20	7,7%	23	8,8%	12	4,6%
11. O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã	14	5,4%	39	14,9%	42	16,1%	84	32,2%	82	31,4%
12. Ganhar é a única coisa que importa	107	41,0%	90	34,5%	19	7,3%	27	10,3%	18	6,9%
13. Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio	5	1,9%	10	3,8%	13	5,0%	66	25,3%	167	64,0%
14. Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício	2	0,8%	17	6,5%	11	4,2%	84	32,2%	147	56,3%
15. O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer	5	1,9%	43	16,5%	32	12,3%	106	40,6%	75	28,7%
16. Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações	14	5,4%	52	19,9%	33	12,6%	94	36,0%	68	26,1%
17. O sucesso depende do trabalho	4	1,5%	5	1,9%	15	5,7%	107	41,0%	130	49,8%
18. O sucesso depende da sorte	40	15,3%	102	39,1%	26	10,0%	70	26,8%	23	8,8%
19. O sucesso depende do destino	25	9,6%	82	31,4%	53	20,3%	74	28,4%	27	10,3%
20. O sucesso depende de Deus	10	3,8%	20	7,7%	22	8,4%	65	24,9%	144	55,2%

**Tabela 2 - Frequências e percentuais gerais para as categorias de valores.**

	Discordo totalmente		Discordo		ñ tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
<b>DISCIPLINA</b>										
1. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	37	14,2%	116	44,4%	16	6,1%	76	29,1%	16	6,1%
2. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	7	2,7%	32	12,3%	37	14,2%	147	56,3%	38	14,6%
4. Eu sempre obedeço às leis	3	1,1%	35	13,4%	36	13,8%	129	49,4%	58	22,2%
<b>MODO DE NAVEGAÇÃO SOCIAL</b>										
5. Quando não vai por bem, vai no "jeitinho"	33	12,6%	57	21,8%	45	17,2%	100	38,3%	26	10,0%
6. Quando não vai por bem, vai na "malandragem"	74	28,4%	86	33,0%	41	15,7%	46	17,6%	14	5,4%
<b>FUNGIBILIDADE</b>										
7. O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa	6	2,3%	21	8,0%	40	15,3%	82	31,4%	112	42,9%
15. O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer	5	1,9%	43	16,5%	32	12,3%	106	40,6%	75	28,7%
<b>MERITOCRACIA</b>										
3. As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos	19	7,3%	35	13,4%	35	13,4%	98	37,5%	74	28,4%
8. O que faz a diferença para o sucesso é a técnica	7	2,7%	52	19,9%	41	15,7%	99	37,9%	62	23,8%
10. Os melhores vencem sempre	100	38,3%	106	40,6%	20	7,7%	23	8,8%	12	4,6%
11. O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã	14	5,4%	39	14,9%	42	16,1%	84	32,2%	82	31,4%
13. Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio	5	1,9%	10	3,8%	13	5,0%	66	25,3%	167	64,0%
<b>PRINCÍPIO DO RENDIMENTO</b>										
12. Ganhar é a única coisa que importa	107	41,0%	90	34,5%	19	7,3%	27	10,3%	18	6,9%
14. Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício	2	0,8%	17	6,5%	11	4,2%	84	32,2%	147	56,3%
16. Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações	14	5,4%	52	19,9%	33	12,6%	94	36,0%	68	26,1%
<b>REORDENAÇÃO DA ORDEM</b>										
9. O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação	22	8,4%	69	26,4%	68	26,1%	77	29,5%	25	9,6%
17. O sucesso depende do trabalho	4	1,5%	5	1,9%	15	5,7%	107	41,0%	130	49,8%
18. O sucesso depende da sorte	40	15,3%	102	39,1%	26	10,0%	70	26,8%	23	8,8%
19. O sucesso depende do destino	25	9,6%	82	31,4%	53	20,3%	74	28,4%	27	10,3%
20. O sucesso depende de Deus	10	3,8%	20	7,7%	22	8,4%	65	24,9%	144	55,2%

Após o levantamento das freqüências e percentuais gerais, o teste Qui-Quadrado foi realizado para medir-se a discrepância existente entre as freqüências observadas e esperadas, verificando-se a associação entre as afirmativas do questionário e a variável 'sexo'. A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos.

**Tabela 3 – Resultados do Teste Qui-Quadrado para a tabela de dupla entrada da variável 'sexo' versus as demais variáveis.**

	<b>Significância</b>
1. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	0, 770
2. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	0, 454
3. As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos.	0, 237
4. Eu sempre obedeço às leis.	0, 451
5. Quando não vai por bem, vai no "jeitinho".	0, 439
6. Quando não vai por bem, vai na "malandragem".	0, 367
7. O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa.	0, 082
<b>8. O que faz a diferença para o sucesso é a técnica.</b>	<b>0, 004</b>
<b>9. O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação.</b>	<b>0, 009</b>
10. Os melhores vencem sempre.	0, 249
<b>11. O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã.</b>	<b>0, 029</b>
12. Ganhar é a única coisa que importa.	0, 650
13. Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio.	0, 821
14. Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício.	0, 112
<b>15. O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer.</b>	<b>0, 001</b>
16. Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações.	0, 846
17. O sucesso depende do trabalho.	0, 183
18. O sucesso depende da sorte.	0, 226
19. O sucesso depende do destino.	0, 069
20. O sucesso depende de Deus.	0, 924

De acordo com os resultados obtidos, observa-se que, ao nível de significância de 5%, somente as variáveis<sup>28</sup> 8, 9, 11 e 15 possuem associação com o sexo do atleta, pois são as únicas que apresentam p-valor abaixo do nível estabelecido (0,004, 0,009, 0,029 e 0,001 respectivamente). A variáveis 8 e 11 dizem respeito à categoria

<sup>28</sup> As variáveis numéricas aqui descritas referem-se às afirmativas que compõe o questionário, na ordem em que estão ali apresentadas, conforme APÊNDICE A.

‘meritocracia’, a variável 9 está categorizada como ‘reordenação da ordem’, e a variável 15 está categorizada como ‘fungibilidade’. Os dados referentes às categorias ‘disciplina’, ‘modo de navegação social’ e ‘reordenação da ordem’ não apresentaram diferença significativa em relação ao sexo dos respondentes.

O teste Qui-Quadrado foi utilizado também para medir a discrepância existente entre as frequências observadas e esperadas, verificando-se a associação entre as afirmativas do questionário e a variável ‘modalidade esportiva’ (individual e coletiva) praticada pelo respondente. A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos.

**Tabela 4 - Resultados do Teste Qui-Quadrado para a tabela de dupla entrada da variável ‘modalidade esportiva’ versus as demais variáveis.**

	<b>Significância</b>
1. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	0,684
2. As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	0,349
3. As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos.	0,812
4. Eu sempre obedeço às leis.	0,860
<b>5. Quando não vai por bem, vai no “jeitinho”.</b>	<b>0,003</b>
<b>6. Quando não vai por bem, vai na “malandragem”.</b>	<b>0,000</b>
<b>7. O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa.</b>	<b>0,005</b>
<b>8. O que faz a diferença para o sucesso é a técnica.</b>	<b>0,004</b>
9. O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação.	0,696
<b>10. Os melhores vencem sempre.</b>	<b>0,004</b>
<b>11. O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã.</b>	<b>0,005</b>
12. Ganhar é a única coisa que importa.	0,094
13. Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio.	0,099
14. Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício.	0,540
15. O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer.	0,076
<b>16. Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações.</b>	<b>0,005</b>
17. O sucesso depende do trabalho.	0,712
<b>18. O sucesso depende da sorte.</b>	<b>0,017</b>
<b>19. O sucesso depende do destino.</b>	<b>0,048</b>
20. O sucesso depende de Deus.	0,482

De acordo com os resultados, observa-se que, ao nível de significância de 5%, as variáveis que possuem associação com a ‘modalidade esportiva’ (Coletiva ou

Individual) praticada pelo atleta, são: 5, 6, 7, 8, 10, 11, 16, 18 e 19, por apresentarem p-valor abaixo do nível estabelecido (0,003; 0,000; 0,005; 0,004; 0,004; 0,005; 0,005, 0,017 e 0,048 respectivamente). As variáveis que se associam à ‘modalidade esportiva’ são: ‘modo de navegação social’ – 5 e 6; ‘fungibilidade’ – 7; ‘meritocracia’ – 8, 10 e 11; Princípio do Rendimento – 16; e ‘reordenação da ordem’ – 18 e 19. Apenas os resultados referentes à categoria ‘disciplina’ não apresentaram nenhuma associação com a ‘modalidade esportiva’.

Na análise que se segue, serão priorizados os resultados obtidos com o questionário (principal instrumento de coleta de dados), sendo utilizados os dados obtidos com as entrevistas, observações e filmagens como meio de aprofundamento e clarificação dos resultados. A análise será realizada tomando por base as categorias de valores, considerando primeiramente os resultados gerais e em seguida a associação das respostas com o ‘sexo’ e com a ‘modalidade esportiva’.

## 5.2 DISCIPLINA

A forma como os respondentes se posicionam frente às hierarquias, leis e regras socialmente estabelecidas são o foco da investigação dessa categoria. A Tabela 5 apresenta as freqüências e percentuais gerais obtidos para a categoria ‘disciplina’.

**Tabela 5 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria ‘disciplina’.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
1	37	14,20%	116	44,40%	16	6,10%	76	29,10%	16	6,10%
2	7	2,70%	32	12,30%	37	14,20%	147	56,30%	38	14,60%
4	3	1,10%	35	13,40%	36	13,80%	129	49,40%	58	22,20%

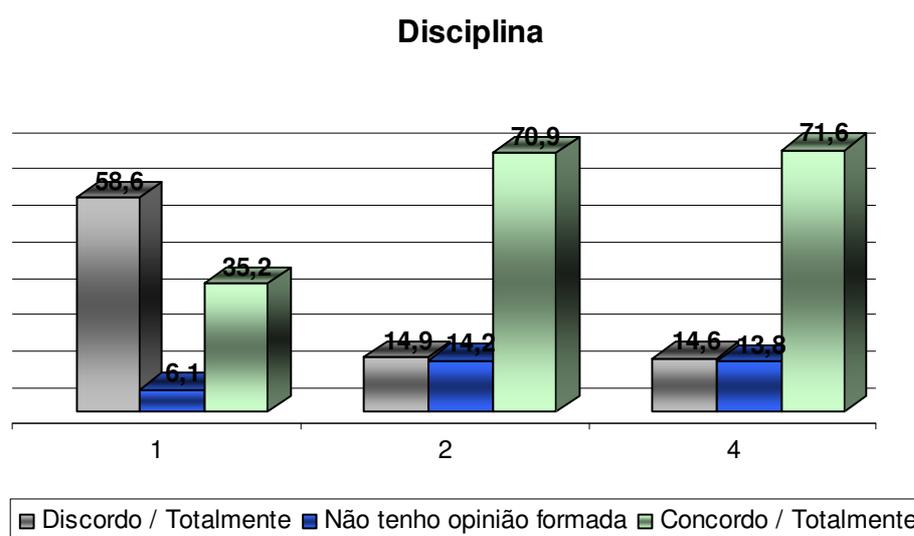
Percebe-se que há um alto percentual de concordância<sup>29</sup> com a afirmação “eu sempre obedeco às leis” (71,6%) e com o fato de que “as decisões dos superiores

<sup>29</sup> Para efeito de análise, foram agrupadas as respostas “discordo totalmente” com “discordo” e “concordo totalmente” com “concordo”. Isso permitiu-nos trabalhar com apenas três categorias: concordantes, e discordantes e abstêmios.

devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem” (70,9%) (questões 4 e 2, respectivamente). Isso corrobora com um dos pressupostos da TCE, segundo o qual a relação de pronta aceitação e submissão do praticante com as regras do esporte o condicionaria a aceitar leis e regras sociais como elementos imutáveis, naturais e justos, submetendo-se ao julgamento daqueles que detém o poder.

Porém, diferente do que afirma a TCE, essa aceitação não se daria de forma incondicional e sem questionamento. Isso é o que revela o nível de discordância dos respondentes à afirmação “as decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas” (58,6%). Apesar de respeitar a hierarquia socialmente estabelecida, independente de seus interesses pessoais, os respondentes demonstram não aceitar passivamente o erro cometido pelos hierarquicamente superiores (Gráfico 1). Em outras palavras, a condição para que uma regra impingida por alguém hierarquicamente superior seja aceita é que o indivíduo a reconheça como correta, justa. Esse dado parece indicar que, apesar de valorizar as regras socialmente estabelecidas e procurar segui-las, o indivíduo não perde sua criticidade, conforme pressupõe a TCE.

**Gráfico 1: Percentuais gerais<sup>30</sup> para categoria ‘disciplina’**



<sup>30</sup> Nos gráficos que serão apresentados nesse capítulo, para efeito de análise, foram somadas as respostas “concordo” com “concordo totalmente”, e “discordo” com “discordo totalmente”, conforme já mencionado anteriormente.

Resultados semelhantes foram observados nas entrevistas, quando se perguntou aos atletas sobre possíveis erros cometidos pela arbitragem esportiva. Todos os respondentes afirmaram que acatam as decisões do árbitro, e que temem ser advertidos se questionarem seu julgamento. Porém, a maioria absoluta afirmou que, cientes de uma injustiça cometida pelo árbitro, questiona, reclama, mesmo podendo sofrer advertência por isso.

### 5.2.1 Disciplina Versus Sexo

Não houve diferença significativa entre as respostas obtidas na categoria ‘disciplina’ em relação ao sexo dos respondentes. Os resultados observados para a categoria ‘sexo’ são apresentados nas tabelas 6, 7 e 8, apresentadas a seguir.

**Tabela 6 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 1.**

		As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	21 15,4%	56 41,2%	10 7,4%	40 29,4%	9 6,6%	136 100,0%
	Masculino	16 12,8%	60 48,0%	6 4,8%	36 28,8%	7 5,6%	125 100,0%
Total		37 14,2%	116 44,4%	16 6,1%	76 29,1%	16 6,1%	261 100,0%

**Tabela 7 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 2.**

		As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.					Total
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	2	18	22	72	22	136
		1,5%	13,2%	16,2%	52,9%	16,2%	100,0%
	Masculino	5	14	15	75	16	125
		4,0%	11,2%	12,0%	60,0%	12,8%	100,0%
Total		7	32	37	147	38	261
		2,7%	12,3%	14,2%	56,3%	14,6%	100,0%

**Tabela 8 – Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 4.**

		Eu sempre obedeço às leis					Total
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	3	17	18	65	33	136
		2,2%	12,5%	13,2%	47,8%	24,3%	100,0%
	Masculino	0	18	18	64	25	125
		0%	14,4%	14,4%	51,2%	20,0%	100,0%
Total		3	35	36	129	58	261
		1,1%	13,4%	13,8%	49,4%	22,2%	100,0%

Parece uma idéia largamente difundida que as mulheres sejam mais disciplinadas que os homens. Esse dado, no entanto, não é confirmado pela nossa pesquisa. Talvez isso represente certa uniformização dos conceitos relacionados à ‘disciplina’ provocada pela socialização do atleta no esporte. Em todo caso, essa uniformização demonstra a obediência às leis e às decisões dos hierarquicamente superiores, porém, a segunda, apenas quando há a percepção de sua correta aplicação.

### 5.2.2 Disciplina Versus Modalidade Esportiva

Assim como para a categoria ‘sexo’, também não houve diferença significativa entre as respostas obtidas na categoria ‘disciplina’ em relação à ‘modalidade esportiva’. Os resultados são demonstrados nas tabelas a seguir.

**Tabela 9 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 1.**

		As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.					Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
Esportes	Coletivo	27	93	14	60	14	208
		13,0%	44,7%	6,7%	28,8%	6,7%	100,0%
	Individual	10	23	2	16	2	53
		18,9%	43,4%	3,8%	30,2%	3,8%	100,0%
	Total	37	116	16	76	16	261
		14,2%	44,4%	6,1%	29,1%	6,1%	100,0%

**Tabela 10 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 2.**

		As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.					Total
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
Esportes	Coletivo	4	23	29	122	30	208
		1,9%	11,1%	13,9%	58,7%	14,4%	100,0%
	Individual	3	9	8	25	8	53
		5,7%	17,0%	15,1%	47,2%	15,1%	100,0%
	Total	7	32	37	147	38	261
		2,7%	12,3%	14,2%	56,3%	14,6%	100,0%

**Tabela 11 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 4.**

		Eu sempre obedeco às leis					Total
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.	Concordo totalmente	
Esportes	Coletivo	2	30	29	102	45	208
		1,0%	14,4%	13,9%	49,0%	21,6%	100,0%
	Individual	1	5	7	27	13	53
		1,9%	9,4%	13,2%	50,9%	24,5%	100,0%
	Total	3	35	36	129	58	261
		1,1%	13,4%	13,8%	49,4%	22,2%	100,0%

Um estudo feito por Tavares (1998) com atletas olímpicos brasileiros indicou que as atitudes dos indivíduos praticantes de modalidades individuais em relação à idéia de

uma ética do esporte (fair play) são significativamente diferentes daquelas dos atletas de modalidades coletivas. Tais resultados foram explicados como efeitos das diferentes dinâmicas esportivas em relação à arbitragem. O resultado alcançado nesse trabalho não legitima tais conclusões. Assim, podemos pensar que a idade, o tempo de prática ou mesmo uma mudança de valores sociais podem ser variáveis intervenientes nesse resultado. Esta questão certamente carece de novos estudos.

### 5.3 MODOS DE NAVEGAÇÃO SOCIAL

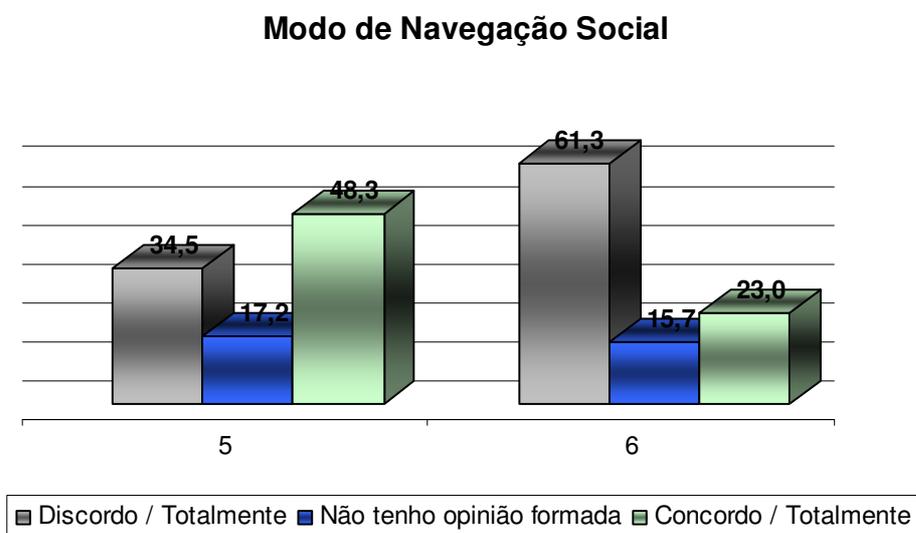
Os modos de navegação social são apresentados pela TDB como formas adotadas pelo indivíduo para transitar entre os espaços hierárquicos de uma sociedade tradicional e desigual, como, afirma, é o caso da sociedade brasileira. Na Tabela 12 está demonstrado o grau de concordância dos respondentes com duas formas de navegação social muito comuns em nossa sociedade: o “jeitinho” e a “malandragem”.

**Tabela 12 - Frequências e percentuais gerais para a categoria ‘modo de navegação social’.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
5	33	12,60%	57	21,80%	45	17,20%	100	38,30%	26	10,00%
6	74	28,40%	86	33,00%	41	15,70%	46	17,60%	14	5,40%

Conforme pode ser visualizado no Gráfico 2, as opiniões diferem-se completamente entre as duas questões de que trata essa categoria. Em relação à afirmação: “quando não vai por bem, vai no ‘jeitinho’”, a maior parcela das respostas demonstrou concordância (48,3%), porém também houve um número elevado de discordantes (34,5%). Já na afirmação de que “quando não vai por bem, vai na ‘malandragem’”, a maioria dos respondentes demonstrou discordância (61,3%).

**Gráfico 2: Percentuais gerais para categoria ‘modo de navegação social’**



Isso parece corroborar com assertivas da TDB, segundo as quais o brasileiro oscila entre a lei e o “jeitinho”.

Nas entrevistas realizadas, quando perguntados sobre o uso do “jeitinho”, a maioria absoluta dos entrevistados afirmou já ter feito uso dele e que não vê problema nisso, desde que seja algo simples, que não traga grandes prejuízos a terceiros. Já a “malandragem”, que conforme afirma a TDB é um adjetivo atribuído ao estereótipo do “malandro”, aquela pessoa que se utiliza de todos os meios para “burlar” as regras vigentes buscando sempre seu benefício próprio, esta não conta com a aprovação da maioria absoluta dos entrevistados. Uma atleta de futsal feminino respondeu: “Ah, eu acho que todo mundo já fez isso, né?! De querer dá um jeito... mas, não vai ficar a vida inteira também, esperando por isso. ‘Tipo assim’, uma vez... depois, tenta fazer do jeito correto” (Entrevistado 2). Em relação à mesma questão, um atleta de basquetebol masculino afirmou:

Dependendo da coisa pode até abrir-se uma exceção. Se for uma coisa simples, que não tenha problema. Agora, em termos de falsificação de documentos pra poder jogar uma competição, essas coisas, eu acho isso muito errado. Coisa assim que..., que seja contra a lei, eu acho muito errado. Agora, prá coisas mais simples eu não vejo nenhum problema. (Entrevistado 6)

Aparentemente os sujeitos da amostra têm uma posição ambivalente em relação ao uso do “jeitinho”, tendendo a sua aceitação indulgente. Porém, quando o “jeitinho” torna-se recorrente, ou seja, o eventual torna-se a regra (malandragem), o desaprovam. Parece correto afirmar que o uso do “jeitinho” é um artifício necessário, usado quando as regras são parciais ou demasiado cerceadoras, mas, segundo os respondentes, esse comportamento não deve tornar-se recorrente. Conforme observado em relação à ‘disciplina’, pode-se afirmar que o cumprimento das regras agrada mais aos respondentes que sua flexibilização, mesmo que seja necessário abdicar de benefícios pessoais. Apenas a percepção da má aplicação dela (quando os superiores estão errados), ou se excesso de rigidez autoriza o indivíduo a flexibilizá-la (uso do “jeitinho”).

Esses resultados se assemelham aos encontrados em estudos realizados por Almeida (2007), quanto ao uso do “jeitinho” em benefício próprio ou de alguma pessoa próxima, a qual aponta que as opiniões se dividem quanto a considerar o uso do “jeitinho” certo ou errado (em torno de 50%). Porém, a mesma pesquisa constatou que “algo em torno de 2/3 de toda a população brasileira já se utilizou desse tipo de recurso (p.48)”. Em outras palavras, apesar do julgamento moral do uso do “jeitinho” dividir opiniões, a aplicação prática do mesmo é comum à maior parte da população brasileira. Almeida (2007) demonstra ainda que, o uso do “jeitinho” encontra argumentos favoráveis como estratégia de navegação social, seja diante da burocratização estatal, da ineficiência de um serviço público ou privado, ou como quebra de hierarquias. Em casos que a ação é percebida socialmente como uma forma de corrupção, tal como utilizar a máquina pública para enriquecimento ilícito, ou fazer um “gato” de energia elétrica, cerca de 80% da população mostra-se contrária. . Assim, os dados obtidos em nosso estudo reafirmam estudos mais amplos sobre o mesmo objeto. Deste modo, indicam que as atitudes em relação às noções de ‘jeitinho’ e ‘malandragem’ não parecem ser afetadas por uma socialização específica do esporte.

### 5.3.1 Modo de Navegação Social Versus Sexo

Como pode ser observado nas Tabelas 13 e 14, não houve diferença significativa entre a opinião de respondentes do sexo masculino e feminino em relação à categoria 'modo de navegação social'. Ambos os sexos apresentam o mesmo nível de ambivalência em relação a essa categoria.

**Tabela 13 – Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 5.**

		Quando não vai por bem, vai no "jeitinho"				Total
		Discordo totalmente.	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.	
SEXO	Feminino	16 11,8%	25 18,4%	28 20,6%	54 39,7%	136 100,0%
	Masculino	17 13,6%	32 25,6%	17 13,6%	46 36,8%	125 100,0%
Total		33 12,6%	57 21,8%	45 17,2%	100 38,3%	261 100,0%

**Tabela 14 – Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 6.**

		Quando não vai por bem, vai na "mandragem"				Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo.	
SEXO	Feminino	40 29,4%	46 33,8%	24 17,6%	22 16,2%	136 100,0%
	Masculino	34 27,2%	40 32,0%	17 13,6%	24 19,2%	125 100,0%
Total		74 28,4%	86 33,0%	41 15,7%	46 17,6%	261 100,0%

Resultado semelhante foi encontrado por Almeida (2007), em sua Pesquisa Social Brasileira, envolvendo 2.363 entrevistados em 27 municípios brasileiros. Ao apresentar os resultados o autor afirma que “não foram identificadas diferenças importantes entre homens e mulheres, ou seja, o sexo não influi na classificação que as pessoas fazem das situações analisadas (ALMEIDA, 2007, p.60)”.

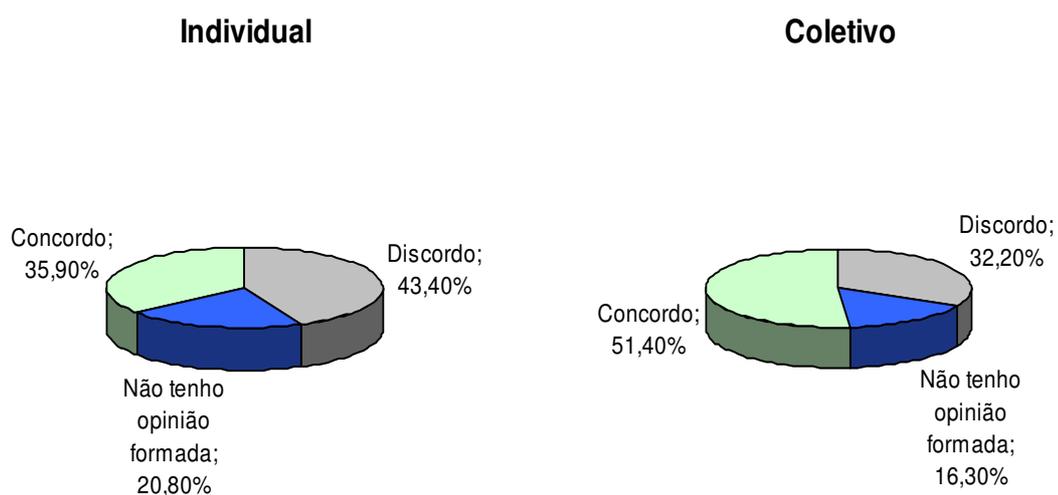
### 5.3.2 Modo de Navegação Social Versus Modalidade Esportiva

Ao nível de significância de 5%, ambas as questões possuem diferença significativa (0,003 e 0,000, respectivamente) em relação à opinião dos praticantes de esportes individuais e coletivos. A Tabela 15 apresenta o número de respondentes e o percentual para cada uma das opções de resposta da questão de número 5.

**Tabela 15 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 5.**

		Quando não vai por bem, vai no "jeitinho"				Total	
		Discordo totalmente.	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.		
Esportes	Coletivo	19 9,1%	48 23,1%	34 16,3%	82 39,4%	25 12,0%	208 100,0%
	Individual	14 26,4%	9 17,0%	11 20,8%	18 34,0%	1 1,9%	53 100,0%
Total		33 12,6%	57 21,8%	45 17,2%	100 38,3%	26 10,0%	261 100,0%

**Gráfico 3: Percentual: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 5**



Em relação à afirmação de que “quando não vai por bem, vai no ‘jeitinho’”, os praticantes de esportes coletivos apresentam um maior nível de concordância

(51,4%) do que os praticantes de esportes individuais (35,9%). Além disso, entre os praticantes de esportes individuais, o percentual de discordantes é maior do que os concordantes (43,4 %) e o percentual de abstêmios também é elevado (20,8%).

Em modalidades esportivas onde a ênfase maior é dada ao indivíduo, como é o caso dos esportes individuais (como a ginástica artística e o atletismo), vence o atleta que segue rigidamente um conjunto de exigências técnicas comuns a todos os competidores. A vitória, nesse tipo de esporte, parece estar associada muito mais a perfeição do movimento e ao cumprimento de pré-requisitos técnicos, do que a capacidade de improvisação, criatividade e adaptação. Isso pode ajudar a explicar o nível mais elevado de discordância com o uso do “jeitinho” entre os praticantes de esportes individuais. Já os esportes coletivos, permitiriam e até incentivariam maior grau de criação, improvisação e adaptação. Assim, pela sua especificidade, a dinâmica dos esportes coletivos proporcionaria a seu praticante a habilidade de buscar possíveis soluções para situações adversas num nível maior que aquele proporcionado nos esportes individuais. Esse dado parece, portanto, confirmar o pressuposto da TDB de que as modalidades individuais emulariam de maneira mais evidente valores típicos da modernidade enquanto que as modalidades coletivas seriam mais permissivas a presença do que a TDB chama de valores tradicionais.

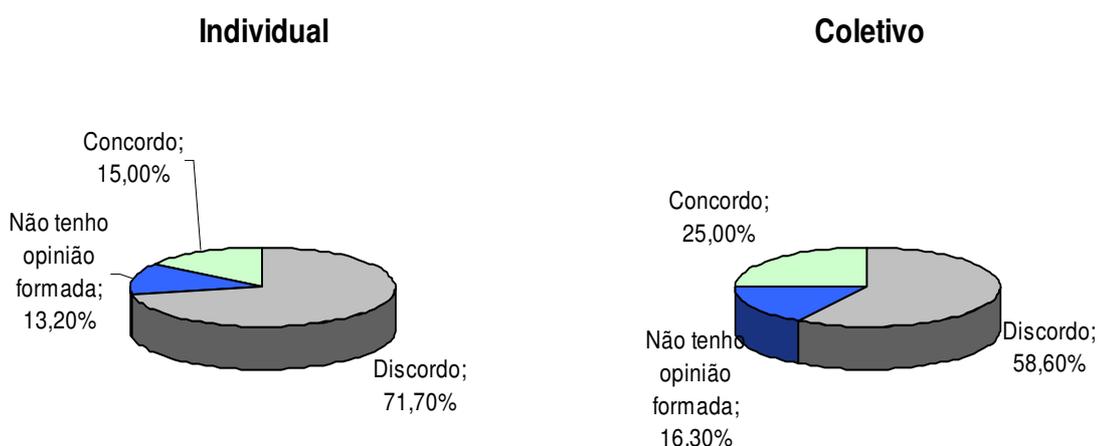
Em relação à afirmativa 6: “Quando não vai por bem, vai na ‘malandragem’”, o percentual de discordância nos dois grupos de esportes segue a tendência observada na resposta anterior. Os resultados estão representados na Tabela 16.

**Tabela 16 – Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 6.**

		Quando não vai por bem, vai na "malandragem"				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo.		Concordo totalmente
Esportes	Coletivo	45 21,6%	77 37,0%	34 16,3%	42 20,2%	10 4,8%	208 100,0%
	Individual	29 54,7%	9 17,0%	7 13,2%	4 7,5%	4 7,5%	53 100,0%
Total		74 28,4%	86 33,0%	41 15,7%	46 17,6%	14 5,4%	261 100,0%

Conforme pode ser observado no Gráfico 4, a discordância entre os praticantes de esportes individuais é de 71,7%, dentre os quais, 54,7% declararam discordar totalmente. Entre os praticantes de esportes coletivos o percentual de discordância total é de 58,6%, e desses, só 21,6% assinalaram a discordância total.

**Gráfico 4: Percentual: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 6**



Esse resultado reafirma o que foi dito em relação à questão anterior. Se atletas de esportes individuais já discordam do “jeitinho” como ‘modo de navegação social’, muito maior é a discordância do uso da “mandragem”. De igual forma, uma vez que os praticantes de esportes coletivos concebem o “jeitinho” de modo mais indulgente, também apresentam menor grau de discordância com a “mandragem”.

Nas entrevistas realizadas, embora as opiniões a respeito do “jeitinho” como ‘modo de navegação social’ não apresentem diferenças extremas, percebe-se uma maior tendência à sua aceitação por parte dos atletas de modalidades coletivas. Um atleta de futsal, por exemplo, respondeu: “Deve-se ver o lado da pessoa que não tá deixando você entrar. Você tenta, se ele negar você não vai falar: “pô, o cara é chato”! Mas você sempre tenta, né? Se num der... tentar faz parte! (Entrevistado 3)”. Já a resposta de uma atleta de judô foi muito mais radical: “Se não deram chance para uma pessoa, eles não têm o direito de dar chance para ninguém. Regras são regras, tem que seguir (Entrevistado 21)”.

Com base nos resultados obtidos, pode-se inferir que existe uma forte correlação entre a ‘modalidade esportiva’ e as atitudes em relação ao ‘modo de navegação social’. Os dados apontam para duas conclusões. A primeira delas é que os praticantes de esportes individuais encontram-se mais próximos do que pressupõe a TCE, em relação à assertiva de que ocorreria certa conformidade do atleta com as determinações socialmente estabelecidas, reconhecendo-as como estruturas imutáveis e naturais. A segunda delas, corroborando as assertivas da TDB, é que o praticante de esportes coletivos oscilaria mais entre a lei e o “jeitinho”, principalmente no ambiente social, uma vez que não identifica neste o mesmo ambiente justo e democrático que percebe no esporte.

#### 5.4 FUNGIBILIDADE

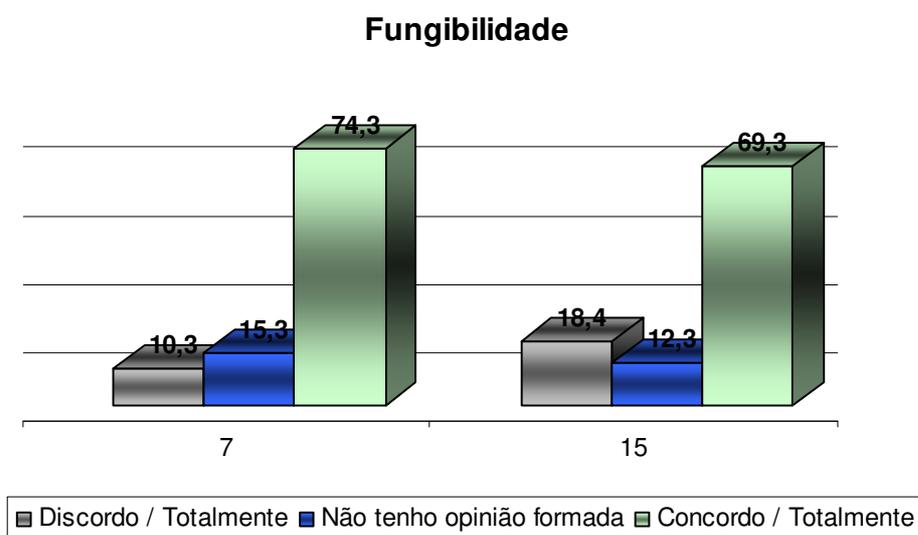
Segundo um dos pressupostos da TCE, o esporte levaria o praticante a perder sua subjetividade e autonomia, sendo absorvido pelo ambiente coletivo, passando a compor apenas mais uma “engrenagem” da máquina social, ou seja, incapaz de mudar o curso de sua ação. Na Tabela 17 é apresentado o grau de concordância dos entrevistados com as duas afirmativas abordadas no questionário com relação à categoria ‘fungibilidade’.

**Tabela 17 - Frequências e percentuais gerais para a categoria ‘fungibilidade’.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
7	6	2,30%	21	8,00%	40	15,30%	82	31,40%	112	42,90%
15	5	1,90%	43	16,50%	32	12,30%	106	40,60%	75	28,70%

Conforme pode ser visualizado no Gráfico 5, há um alto grau de concordância dos respondentes em relação a ambas as questões, sendo que, 74,3% concordam que “o trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa”, e 69,3% concordam que “o sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer”.

**Gráfico 5: Percentuais gerais para categoria ‘fungibilidade’**



Esses resultados confirmam o pressuposto da TCE de que os praticantes de esportes assumiriam os objetivos coletivos em detrimento de seus desejos pessoais e aceitariam as imposições do ambiente em detrimento de sua autonomia. Essas imposições, ainda conforme a TCE, subjagam o corpo tornando-o um objeto do qual o indivíduo se pode utilizar para alcançar os objetivos almejados.

Quando perguntados se haviam jogado ou treinado machucados ou sentindo dores, a maioria absoluta dos entrevistados disse que sim. Dentre os motivos que os levaram a agir assim, destacam-se a vontade de participar de um evento e a exigência técnica necessária para competir, que demanda grande tempo de treinamento. Os exemplos a seguir ilustram bem isso.

Já joguei várias vezes machucado com o tornozelo torcido, inchado, que doía, mas, sinceramente, na quadra você esquece um pouco. A hora em que bate de novo, dói, você vai pro banco, bota gelo, volta de novo, e se esforça... é normal. Eu acho que você tem que sentir dor. Acho que tudo o que é difícil, você sente um pouco de dor. A dor é algo que tá dizendo que tá chegando no limite, mas que não é o limite. É um meio de te informar que é um caminho difícil, mas que não é impossível (Entrevistado 7).

É difícil, às vezes não dá prá você correr, quando tem problema no joelho, mas você tem que se esforçar, você tá ali, você quer ganhar. Ainda mais quando a gente começa a treinar para os jogos, que é tudo ou nada. Buscando o melhor pro time a gente tem que ganhar, a gente não pode ficar

com dor de cabeça, com dor de barriga, dor nos dedinhos, tem que se esforçar (Entrevistado 4).

A idéia da superação dos limites físicos fica clara, corroborando novamente com o pressuposto da TCE de que o esporte promove um processo de ‘fungibilidade’.

Conforme será abordado em outros tópicos desse capítulo, esse dado encontra respaldo na grande aceitação dos respondentes de que a técnica, a dedicação, a superação de limites, o sacrifício e o trabalho são pressupostos para o sucesso.

#### 5.4.1 Fungibilidade Versus Sexo

Ao nível de significância de 5%, apenas a questão de número 15 possui diferença significativa (0,001) em relação à opinião de respondentes do sexo masculino e feminino (Tabela 18). Os resultados obtidos para essa categoria são apresentados a seguir.

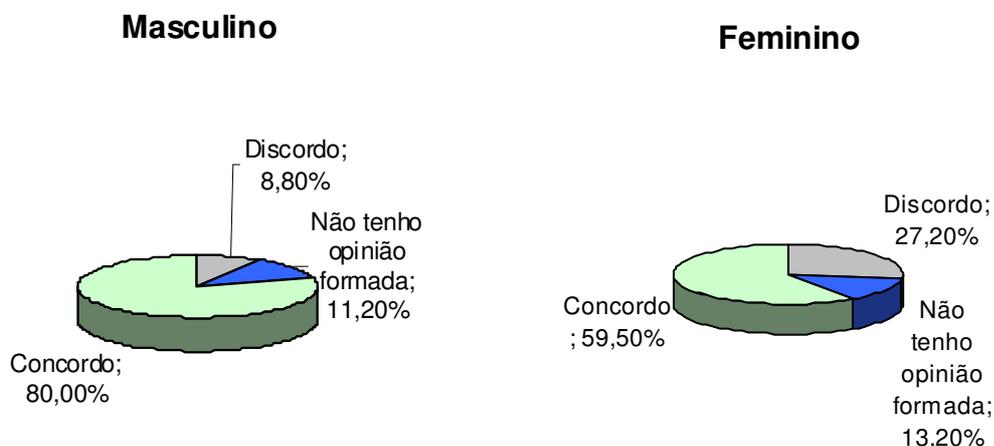
**Tabela 18: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 15.**

		O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	5 3,7%	32 23,5%	18 13,2%	52 38,2%	29 21,3%	136 100,0%
	Masculino	0 0,0%	11 8,8%	14 11,2%	54 43,2%	46 36,8%	125 100,0%
Total		5 1,9%	43 16,5%	32 12,3%	106 40,6%	75 28,7%	261 100,0%

Conforme indicado no Gráfico 6, os atletas do sexo masculino são muito mais favoráveis que as atletas do sexo feminino (80% e 59,5% respectivamente) com a afirmativa de que “o sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer”.

**Gráfico 6: Percentual: 'sexo' versus Variável 15**

---



---

A diferença existente entre a opinião de pessoas do sexo masculino e feminino denota que os primeiros parecem mais determinados a abrir mão de desejos pessoais, de sua autonomia e expressividade particular para atingir o sucesso. Entre as mulheres, apesar de a maioria concordar com esta afirmativa, um percentual importante delas discorda ou não expressou sua opinião (27,2% e 13,2% respectivamente).

Estudos realizados por Sanmartín (1995), envolvendo 515 sujeitos, alunos e professores, com idade entre 13 e 45 anos, confirmam essa tendência. Os dados recolhidos por ele apontam que as mulheres, mais que os homens, valorizam a expressão dos sentimentos como um dos objetivos do esporte. A categoria investigada por ele inclui itens como liberdade de expressão, desenvolvimento da criatividade, entre outros.

**Tabela 19: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 7.**

		O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa					Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo.	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	4 2,9%	12 8,8%	24 17,6%	49 36,0%	47 34,6%	136 100,0%
	Masculino	2 1,6%	9 7,2%	16 12,8%	33 26,4%	65 52,0%	125 100,0%
Total		6 2,3%	21 8,0%	40 15,3%	82 31,4%	112 42,9%	261 100,0%

Apesar da diferença não ser estatisticamente significativa, na tabela 19 percebe-se maior ênfase na concordância dos homens (52% concordam totalmente). Assim, parece ser possível afirmar que as mulheres preservam de maneira mais acentuada suas subjetividades. Talvez isto esteja também relacionado à possibilidade do assédio e do favor sexual, embora não possamos ter certeza disto. Se isto for verdade, parece ser necessária certa mediação em relação a um dos pressupostos mais caros a TCE.

#### 5.4.2 Fungibilidade Versus Modalidade Esportiva

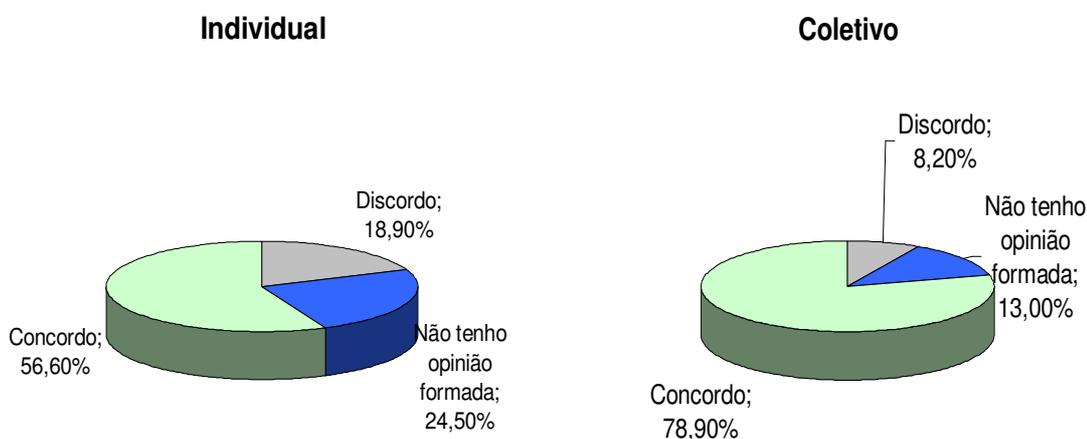
Ao nível de significância de 5%, apenas a questão de número 7 possui diferença significativa (0,005) em relação à opinião de praticantes de esportes individuais e coletivos.

**Tabela 20: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 7.**

		O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa					Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo.	Concordo totalmente	
Esportes	Coletivo	4 1,9%	13 6,3%	27 13,0%	64 30,8%	100 48,1%	208 100,0%
	Individual	2 3,8%	8 15,1%	13 24,5%	18 34,0%	12 22,6%	53 100,0%
Total		6 2,3%	21 8,0%	40 15,3%	82 31,4%	112 42,9%	261 100,0%

Conforme exposto no Gráfico 7, quase 80% dos praticantes de esportes coletivos colocam o grupo acima de seus interesses pessoais, entre os quais, 48,1% deles concordam totalmente (Tabela 20). Por outro lado, o resultado obtido demonstra uma tendência dos praticantes de esportes individuais a uma maior valorização da pessoa (18,9% discordam e 24,5% não tem opinião formada), embora a maioria concorde com a afirmativa (56,6%).

**Gráfico 7: Percentual: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 7**



Parece possível afirmar então que, para alcançar o sucesso, os praticantes de esportes coletivos estão mais dispostos do que os praticantes de esportes individuais a abrir mão de desejos pessoais em atendimento às necessidades grupais. Assim, pode-se afirmar que a tendência à fungibilidade é maior nos esportes coletivos, algo, aliás, altamente esperável, visto que nos esportes coletivos a dimensão sacrificial se acentua, uma vez que em certo sentido a pessoa se dilui no grupo.

Conforme pode ser observado na Tabela 21, não houve diferença significativa em relação à ‘modalidade esportiva’ praticada para a afirmativa “o sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer”. Apesar disso, percebe-se uma tendência maior de sua aceitação por parte dos praticantes de modalidades

coletivas. Isso corrobora com o dado observado na questão anterior, reforçando a tendência à maior fungibilidade nos esportes coletivos. Nesse contexto, o esporte, como forma de socialização específica é mais significativo em relação às atitudes construídas em relação ao binômio 'individual x coletivo' do que em relação as noções de sacrifício e anulação da subjetividade. Como pudemos identificar, tais atitudes parecem estar mais relacionadas às distinções entre o masculino e o feminino do que ao esporte propriamente dito.

**Tabela 21: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 15.**

		O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	3 1,4%	28 13,5%	26 12,5%	88 42,3%	63 30,3%	208 100,0%
	Individual	2 3,8%	15 28,3%	6 11,3%	18 34,0%	12 22,6%	53 100,0%
	Total	5 1,9%	43 16,5%	32 12,3%	106 40,6%	75 28,7%	261 100,0%

## 5.5 MERITOCRACIA

A partir das perspectivas sociológicas adotadas neste estudo, duas formas antagônicas de conceber a 'meritocracia' podem ser observadas. Para a TCE, a meritocracia gera o individualismo, legitima a desigualdade social e promove a competição em detrimento da cooperação. Para a TDB a meritocracia é justa quando baseada numa estrutura democrática, republicana e impessoal, sendo típica de um ambiente onde os julgamentos levam em conta os reais méritos do indivíduo, e estes o credenciam a ocupar determinado espaço ou status. Nessa perspectiva, seria a alternativa exatamente oposta ao tratamento injusto e parcial.

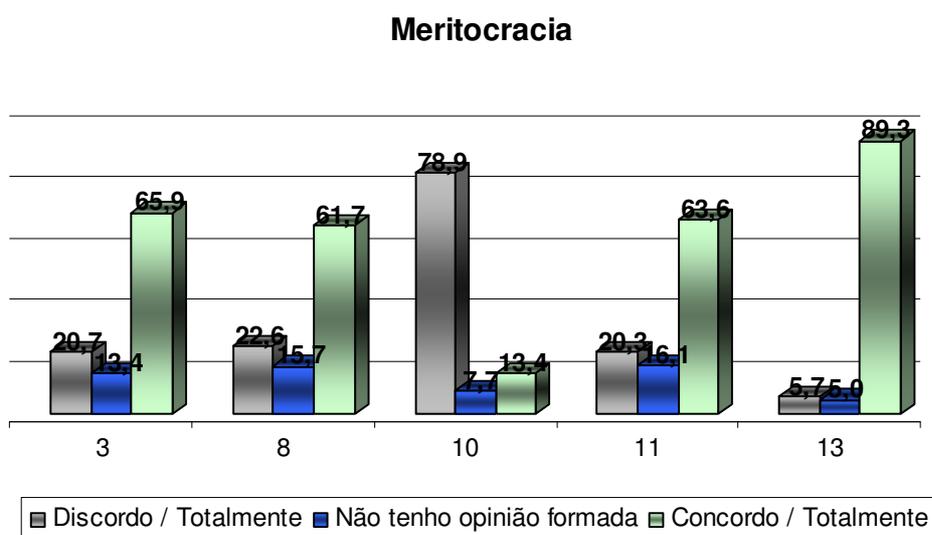
A Tabela 22 demonstra os resultados gerais obtidos para essa categoria.

**Tabela 22 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria 'meritocracia'.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
3	19	7,30%	35	13,40%	35	13,40%	98	37,50%	74	28,40%
8	7	2,70%	52	19,90%	41	15,70%	99	37,90%	62	23,80%
10	100	38,30%	106	40,60%	20	7,70%	23	8,80%	12	4,60%
11	14	5,40%	39	14,90%	42	16,10%	84	32,20%	82	31,40%
13	5	1,90%	10	3,80%	13	5,00%	66	25,30%	167	64,00%

Percebe-se um elevado grau de concordância dos respondentes com a idéia de 'meritocracia', o que é expresso na grande aceitação de afirmações como: "as leis e as regras garantem a igualdade de oportunidade a todos" (65,9%), "o que faz a diferença para o sucesso é a técnica" (61,7%), "o perdedor de hoje é o vencedor de amanhã" (63,6%) e "com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio" (89,3%) (Gráfico 8). Os resultados conduzem a um encadeamento lógico dessas afirmativas: uma vez que as regras garantem direitos e oportunidades iguais a todos, a técnica será o diferencial para o sucesso e, independente de sua história de vida ou posição atual, qualquer pessoa poderá tornar-se um vencedor no futuro, bastando para isso que se dedique ao máximo.

**Gráfico 8: Percentuais gerais para categoria 'meritocracia'**



Estas respostas confirmam os pressupostos da TCE, segundo os quais, os atletas adaptados a lógica meritocrática do esporte tendem a acreditar que o esforço individual e o aprimoramento técnico podem levar qualquer pessoa ao sucesso, independente da classe social a que pertence e sua atual condição (perdedor de hoje). Isso, para a TCE, legitimaria a idéia liberal de igualdade de oportunidades, levando o indivíduo a confiar apenas nos méritos individuais e não questionar as regras sociais vigentes, que estariam voltadas aos interesses burgueses dos “donos do poder”. Igualmente, a influência da estrutura social, que favorece os mais ricos e impede a ascensão dos mais pobres, é desconsiderada. Em outras palavras, reforça o credo liberal de que “todos são iguais, só não vence quem não quer”.

No entanto, como pode ser observado no Gráfico 8, uma das questões que tratam deste tema apresenta um resultado oposto às demais. Trata-se do alto percentual de discordância em relação à afirmação: “os melhores vencem sempre” (78,9%). Esse dado contraria uma das assertivas da TCE, e parece apontar para outro tipo de lógica: a dedicação, a técnica e a igualdade de oportunidades podem, mas não necessariamente garantem a vitória e o sucesso dos melhores. Em outras palavras, se “ser o melhor” não é garantia de sucesso, outros elementos também influenciam nesse resultado.

Nas entrevistas realizadas, confirmando os dados obtidos com o questionário, a maioria absoluta discorda de que o melhor seja sempre o vencedor. Segundo os entrevistados, no caminho para a vitória e sucesso há um conjunto de fatores passíveis de controle individual, incluindo técnicas, procedimentos e atitudes. No entanto, eles também indicam fatores que extrapolam a ação do individual, tais como a injustiça, a imposição pela força e a fatalidade. A dinâmica resultante desse conjunto de fatores resultaria na vitória ou derrota.

Existem aqueles que levam vitória porque o juiz rouba, às vezes porque partem pra violência. [...] muitas vezes as pessoas fazem tudo, tudo, tudo, tudo. Partem pra violência, fazem coisas erradas e eu acho que isso não é muito certo (Entrevistado 1).

[...] a pessoa às vezes, vamos colocar o nível social, a pessoa tem um nível social elevado mas tem pessoas que são melhores que ela e que não são reconhecidas, mas são melhores (Entrevistado 15).

Eu acredito que é o que tem mais força de vontade. Porque, às vezes, pra você chegar no topo, é fácil. Agora, pra você se manter no topo, é muito mais difícil, porque você tá com “salto alto”, então você acha: “ninguém me vence”, e tem um, oh... que tá treinando há muito tempo pra passar na sua frente. Quando você descuidar, ele já passou (Entrevista 10).

Não têm melhor, todos podem ganhar (Entrevistado 16).

Para a TDB, como já foi dito, um ambiente com leis e regras claras propicia um espaço democrático, com igualdade de oportunidades e imparcialidade, garantindo a premiação por mérito e a manutenção da justiça. No entanto, ainda segundo a TDB, a sociedade brasileira é tradicional e hierárquica, e a “posição” social de uma pessoa é fator determinante em seu trânsito entre os mais diferentes espaços, não se restringindo a contratos sociais pontuais, mas determinando todo tratamento recebido por este. Nessa perspectiva, a pessoa que ocupa determinado cargo ou tem alguma relação com alguém importante, procura valer-se desse status em todos os ambientes que frequenta e, conseqüentemente, recebe tratamento diferenciado por isso. Isso fica evidente no uso constante, seja ele explícito ou velado, do “você sabe com quem está falando?”. Como expressa poeticamente a letra de uma música brasileira: “todos iguais, todos iguais, mas uns mais iguais que os outros”<sup>31</sup>.

Isso explicaria a aparente incoerência nas respostas obtidas. O atleta tem uma experiência positiva com as regras no ambiente esportivo, onde percebe que o diferencial para o sucesso é a técnica mais apurada, e acredita que esta pode ser obtida por qualquer pessoa que se dedique e se empenhe. Mas, na realidade socialmente vivenciada, percebe que as regras não atingem todos da mesma forma, ou seja, ser o melhor em algo ou alguma coisa não garante o sucesso e a vitória naquele meio. Devido a isso, segundo a TDB, operamos de modo diferente em diferentes ambientes. A percepção de um espaço democrático e igualitário, gerido por regras justas, permite que o mais dedicado e melhor tecnicamente, vença. Nesse ambiente, acreditamos que o melhor se sobressai aos demais. Quando percebemos um ambiente desigual, hierárquico e parcial, não cremos na vitória do melhor e, portanto, operamos por meio de relações que buscam a personalidade, o tratamento diferenciado, o “jeitinho brasileiro”.

---

<sup>31</sup> Música “Ninguém = Ninguém”, de autoria de Humberto Gessinger, gravado pela banda Engenheiros do Hawaii, no ano de 1992.

Pode-se afirmar então que, para a população desta pesquisa, a ‘meritocracia’ é um valor social largamente difundido e aceito. Porém, apesar de adotar esse valor, o praticante de esportes preserva seu senso crítico-analítico, sendo capaz de identificar outras variáveis intervenientes no resultado. Ou seja, deter os maiores méritos, por si só, não é o bastante para garantir a vitória e o sucesso.

### 5.5.1 Meritocracia Versus Sexo

Ao nível de significância de 5%, apenas as questões 8 e 11 possuem diferença significativa (0,004 e 0,029, respectivamente) em relação ao sexo dos respondentes. A Tabela 23 demonstra os resultados obtidos com referência ao ‘sexo’ na questão de número 8: “o que faz a diferença para o sucesso é a técnica”.

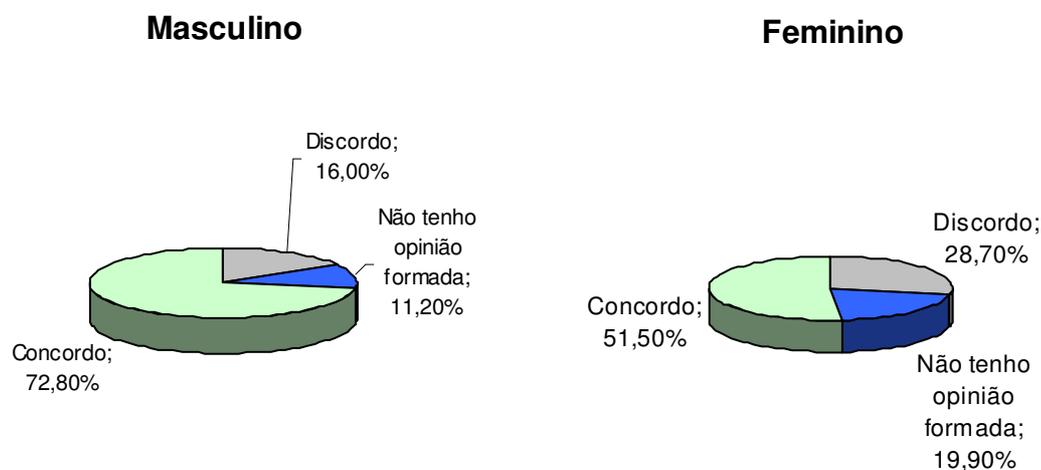
**Tabela 23: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 8.**

	O que faz a diferença para o sucesso é a técnica					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
Feminino	5	34	27	48	22	136
SEXO	3,7%	25,0%	19,9%	35,3%	16,2%	100,0%
Masculino	2	18	14	51	40	125
	1,6%	14,4%	11,2%	40,8%	32,0%	100,0%
Total	7	52	41	99	62	261
	2,7%	19,9%	15,7%	37,9%	23,8%	100,0%

Como pode ser visualizado no Gráfico 9, um percentual maior de atletas do sexo masculino concorda com a afirmação (72,80%), enquanto atletas do sexo feminino demonstram um maior percentual de discordância (28,70%) e abstenção (19,90%) do que aqueles.

**Gráfico 9: Percentual: 'sexo' versus Variável 8**

---



---

O nível técnico parece ser um elemento mais importante na vida masculina do que na feminina. Esse resultado reforça a questão 15 onde, o percentual de concordância dos homens em relação à afirmação “o sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer” foi muito maior que o das mulheres. Nesse sentido, é possível afirmar que, uma vez que os homens acreditam na técnica como algo determinante para o sucesso, seu aprimoramento deve ser constante (“fazer o que é necessário”) e estar acima dos desejos individuais (“o que se quer”).

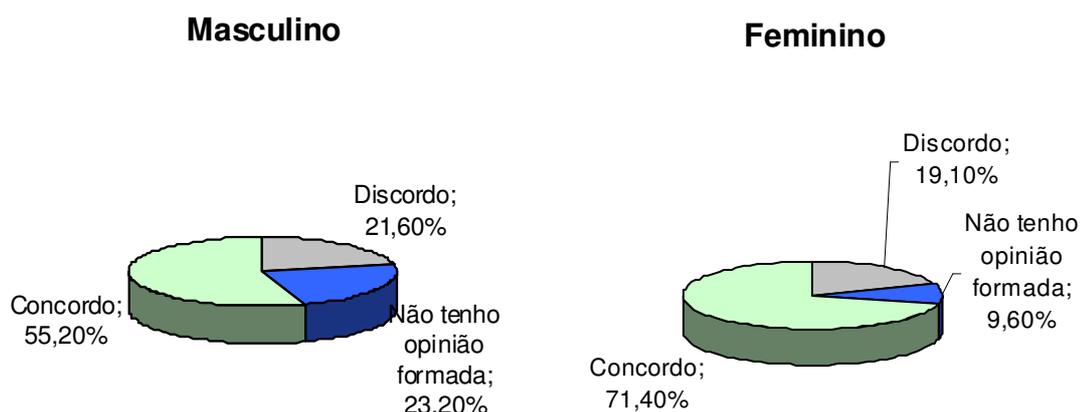
Resultado semelhante foi encontrado nas pesquisas realizadas por Sanmartín (1995), onde os homens demonstraram que valorizam o sucesso e o poder social de modo significativamente maior do que as mulheres. Para tanto, acenam positivamente à necessidade da busca de superação, treinar, demonstrar a maior destreza possível e jogar “duro” para ganhar, adquirir capacidade de suportar o sofrimento, entre outros.

Inversamente aos resultados da questão 8, na Tabela 24 observa-se que atletas do sexo feminino tem maior concordância que atletas do sexo masculino (71,40%; 55,20% respectivamente) em relação à afirmação “o perdedor de hoje é o vencedor de amanhã”, ao passo que os atletas do sexo masculino possuem um percentual maior de abstenção em relação às atletas do sexo feminino (23,20%; 9,60% respectivamente). Os dados são igualmente demonstrados no Gráfico 10.

**Tabela 24: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 11.**

	O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã					Total	
	Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente		
SEXO	Feminino	6 4,4%	20 14,7%	13 9,6%	50 36,8%	47 34,6%	136 100,0%
	Masculino	8 6,4%	19 15,2%	29 23,2%	34 27,2%	35 28,0%	125 100,0%
	Total	14 5,4%	39 14,9%	42 16,1%	84 32,2%	82 31,4%	261 100,0%

**Gráfico 10: Percentual: 'sexo' versus Variável 11**



A maior concordância das mulheres com a alternância de posições no âmbito das vitórias e derrotas reforça a posição indicada na questão anterior. Uma vez que quase metade delas discorda ou não tem opinião formada sobre o fato de a técnica representar o diferencial entre o sucesso e a derrota, pode-se afirmar que vislumbram outro universo de possibilidades influenciando nos resultados. Certamente a dedicação seria uma delas, já que afirmam aprox. 90% de concordância com a questão de número 13: “com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio” (ver Gráfico 8).

Para os homens, embora a maioria concorde que “o perdedor de hoje é o vencedor de amanhã”, esse percentual é bem menor do que entre as mulheres. Isso também confirma a tendência demonstrada na questão anterior. Uma vez que a técnica pode ser o diferencial para o sucesso, haverá menor oscilação de posições, pois parece lógico imaginar que o indivíduo que alcançou o sucesso em decorrência de um nível técnico elevado procurará manter e melhorar esse nível técnico a fim de garantir a manutenção desse sucesso. Para que “o perdedor de hoje” torne-se “o vencedor de amanhã”, ele precisará superar o vencedor atual. Uma vez que vencedor atual é melhor tecnicamente e que este continuará aprimorando-se, o perdedor terá um caminho muito maior a percorrer.

O resultado da junção dos resultados obtidos nas duas questões que apresentaram diferença significativa em relação ao sexo dos respondentes (8 e 11) é revelador. Os homens acreditam que a técnica é fundamental para o sucesso e, em virtude disso, crêem menos na alternância de posições. As mulheres dão uma importância menor à técnica na conquista do sucesso, logo, acreditam que é possível haver grandes mudanças nas posições ocupadas numa estrutura estratificada. Percebe-se, pois, uma relação antagônica entre influência técnica e oscilação hierárquica. Quanto mais os indivíduos crêem que o aprimoramento técnico promove o sucesso, menos acreditam numa inversão de posições, e vice-versa. Esse resultado põe em questão as assertivas da TCE, que afirmam que ambos os fatores exerceriam um reforço mútuo.

As questões 3, 10 e 13 não apresentaram diferença significativa em relação ao sexo dos respondentes, conforme demonstrado nas Tabelas 25, 26 e 27.

**Tabela 25: Tabela de dupla entrada: ‘sexo’ versus Variável 3.**

		As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos				Total	
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.	Concordo totalmente	
SEXO	Feminino	6 4,4%	20 14,7%	17 12,5%	57 41,9%	36 26,5%	136 100,0%
	Masculino	13 10,4%	15 12,0%	18 14,4%	41 32,8%	38 30,4%	125 100,0%
Total		19 7,3%	35 13,4%	35 13,4%	98 37,5%	74 28,4%	261 100,0%

**Tabela 26: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 10.**

		Os melhores vencem sempre				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	54 39,7%	58 42,6%	12 8,8%	8 5,9%	4 2,9%	136 100,0%
	Masculino	46 36,8%	48 38,4%	8 6,4%	15 12,0%	8 6,4%	125 100,0%
Total		100 38,3%	106 40,6%	20 7,7%	23 8,8%	12 4,6%	261 100,0%

**Tabela 27: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 13.**

		Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	3 2,2%	7 5,1%	7 5,1%	34 25,0%	85 62,5%	136 100,0%
	Masculino	2 1,6%	3 2,4%	6 4,8%	32 25,6%	82 65,6%	125 100,0%
Total		5 1,9%	10 3,8%	13 5,0%	66 25,3%	167 64,0%	261 100,0%

Conforme pode ser observado, os percentuais obtidos para ambos os sexos são bastante próximos, de forma que a tendência observada na análise geral parece não ser influenciada pelo sexo do respondente. Homens e mulheres acreditam que as leis e regras garantem oportunidades iguais, e que com dedicação se obtém sucesso, independente de qualquer determinação social. Porém, ambos acreditam que ser o melhor é não garantia de vitória.

### 5.5.2 Meritocracia Versus Modalidade Esportiva

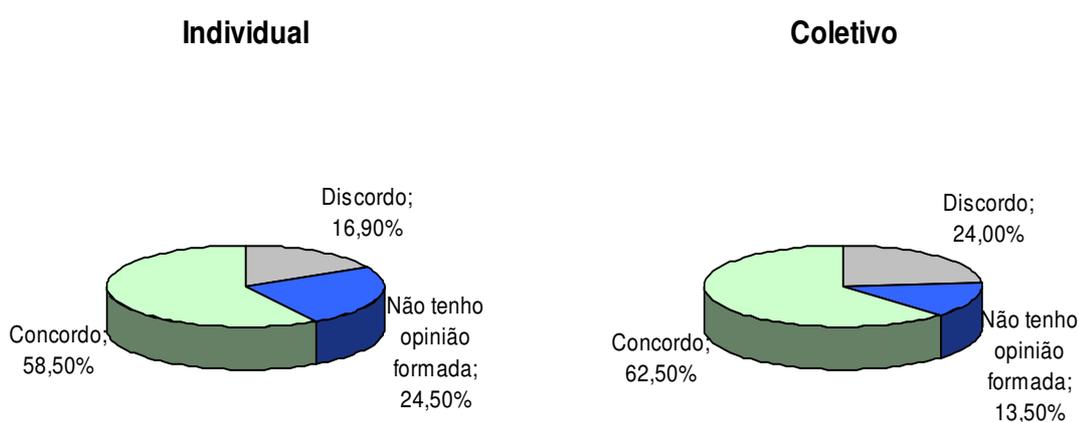
Ao nível de significância de 5%, as questões 8, 10 e 11 possuem diferença significativa (0,004, 0,004 e 0,005, respectivamente) em relação à 'modalidade esportiva' praticada pelo respondente.

**Tabela 28: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 8.**

		O que faz a diferença para o sucesso é a técnica				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		
Esportes	Coletivo	3 1,4%	47 22,6%	28 13,5%	84 40,4%	46 22,1%	208 100,0%
	Individual	4 7,5%	5 9,4%	13 24,5%	15 28,3%	16 30,2%	53 100,0%
Total		7 2,7%	52 19,9%	41 15,7%	99 37,9%	62 23,8%	261 100,0%

Conforme demonstra a Tabela 28, a técnica é vista como o fator de diferença para o sucesso nos dois grupos de esportes, sendo que os respondentes que praticam esportes coletivos apresentam 62,50% de concordância e o esporte individual apresenta 58,50%. A maior diferença, no entanto, é percebida em relação ao percentual de respondentes que discordam (24% nos esportes coletivos e 16,9% nos esportes individuais) e que dizem não ter opinião formada (24,50% nos esportes individuais e 13,50% nos esportes coletivos).

**Gráfico 11: Percentual: 'modalidade esportiva' versus Variável 8**



Conforme pode ser observado no Gráfico 11, o percentual de concordância dos praticantes de esportes coletivos e individuais é estatisticamente igual. A diferença maior está relacionada ao percentual de discordância e abstenção (diferença de 7,1 e 11 pontos percentuais, respectivamente). Percebe-se, portanto, maior discordância por parte dos praticantes de esportes coletivos e certa dificuldade de lidar com o conceito por parte dos praticantes de esportes individuais (24,5% sem opinião formada).

Na Tabela 29 são observadas as freqüências e percentuais relativos à ‘modalidade esportiva’ para a afirmativa: “os melhores vencem sempre”.

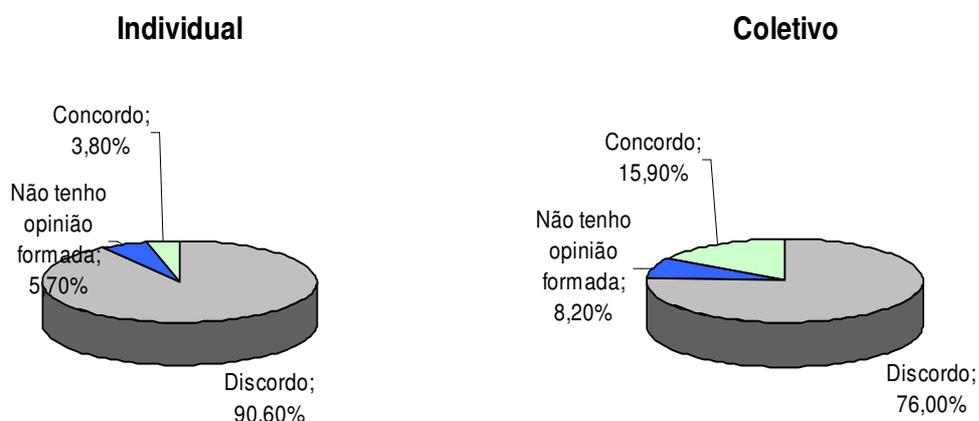
**Tabela 29: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 10.**

		Os melhores vencem sempre				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
Esportes	Coletivo	68 32,7%	90 43,3%	17 8,2%	21 10,1%	12 5,8%	208 100,0%
	Individual	32 60,4%	16 30,2%	3 5,7%	2 3,8%	0 ,0%	53 100,0%
Total		100 38,3%	106 40,6%	20 7,7%	23 8,8%	12 4,6%	261 100,0%

De acordo com o Gráfico 12, percebe-se que os atletas dos dois grupos não concordam, em sua maioria, com a afirmação da questão de número 10, sendo que o percentual é maior entre os praticantes de esportes individuais (90,6%) do que entre os praticantes de esportes coletivos (76%).

Os atletas praticantes de esportes individuais demonstram um altíssimo grau de discordância à afirmação de que “os melhores vencem sempre”, sendo que mais de 60% são enfáticos na resposta (discordam totalmente). Pode-se afirmar, portanto, que os praticantes de esportes individuais, apesar de, em sua modalidade esportiva, estarem ambientados a um sistema esportivo extremamente meritocrático, tem maior convicção do que os praticantes de esporte coletivos de que os méritos não são garantia certa de vitória. Ambos os resultados, no entanto, negam esse aspecto da ‘meritocracia’ pressuposto pela TCE.

**Gráfico 12: Percentual: 'modalidade esportiva' versus Variável 10**



Durante as entrevistas esse resultado é confirmado. Os atletas de modalidades individuais, freqüentemente atribuem a vitória ou a derrota a pequenos detalhes, enquanto atletas de modalidades coletivas atribuem-nas a um conjunto maior de fatores, suficientemente fortes para envolver todos os membros da equipe. Como exemplo, em relação à pergunta: “o melhor sempre vence?”, um atleta de judô respondeu: "ele é o 'bam, bam, bam' e vai com um cara que é fraquinho. Aí vai com o 'salto alto', vai se achando, aí dá um vacilo besta, aí o cara vai e aproveita. É a 'zebra' (Entrevistado 20)". Já um jogador de voleibol respondeu: “Nem sempre. Porque às vezes você pode ter melhor jogador do Brasil, mas se o grupo, o geral, não jogar junto, não vence (Entrevistado 13)”.

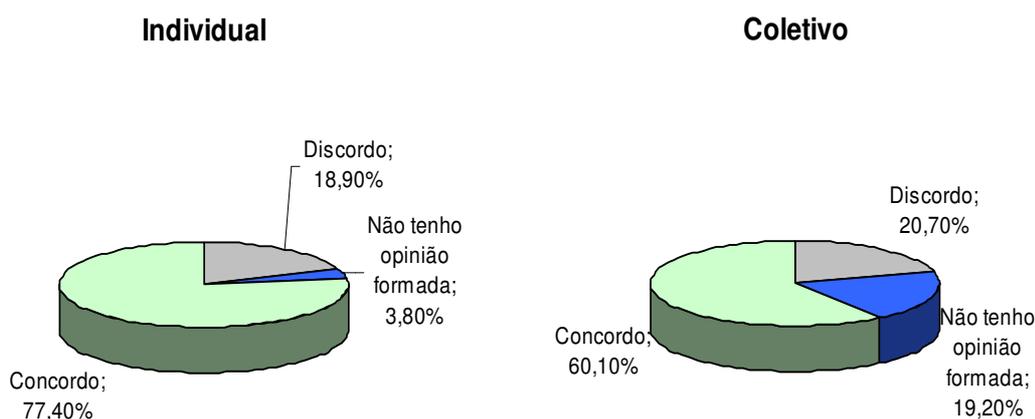
Na Tabela 30 são apresentados os percentuais relativos à afirmação: “o perdedor de hoje é o vencedor de amanhã”, relacionados à ‘modalidade esportiva’.

**Tabela 30: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 11.**

		O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	13 6,3%	30 14,4%	40 19,2%	69 33,2%	56 26,9%	208 100,0%
	Individual	1 1,9%	9 17,0%	2 3,8%	15 28,3%	26 49,1%	53 100,0%
Total		14 5,4%	39 14,9%	42 16,1%	84 32,2%	82 31,4%	261 100,0%

Conforme está demonstrado na tabela 30 e no gráfico 13, o número de atletas que concordam com essa afirmativa é alto nas duas modalidades esportivas, porém os praticantes de esportes individuais apresentam maior percentual de concordância (77,4) do que dos esportes coletivos (60,1%). Outra diferença significativa fica por conta do percentual de atletas que não têm opinião formada, sendo 19,2% nos esportes coletivos e apenas 3,8% nos esportes individuais.

**Gráfico 13: Percentual: 'modalidade esportiva' versus Variável 11**



Uma possível explicação para isso é o fato de que, conforme exposto na questão anterior, competindo sozinhos, os praticantes de esportes individuais observam com maior frequência que um pequeno erro pode representar a derrota. Esse fato

certamente pode gerar maior alternância nas colocações das provas. Já nos esportes coletivos, há maior possibilidade de o conjunto suprir uma falha individual da equipe, ou superar “estrelas” da equipe adversária. Devido a esse fato, haveria menor alternância de posições nos esportes coletivos.

As questões 3 e 13 não apresentaram diferença significativa em relação à modalidade praticada pelos respondentes. Os percentuais obtidos para essas afirmativas estão demonstrados nas Tabelas 31 e 32, respectivamente.

**Tabela 31: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 3.**

		As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos				Total	
		Discordo totalmente	Discordo.	Não tenho opinião formada	Concordo.		Concordo totalmente
Esportes	Coletivo	15	30	28	79	56	208
		7,2%	14,4%	13,5%	38,0%	26,9%	100,0%
	Individual	4	5	7	19	18	53
		7,5%	9,4%	13,2%	35,8%	34,0%	100,0%
Total		19	35	35	98	74	261
		7,3%	13,4%	13,4%	37,5%	28,4%	100,0%

**Tabela 32: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 13.**

		Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
Esportes	Coletivo	5	7	7	55	134	208
		2,4%	3,4%	3,4%	26,4%	64,4%	100,0%
	Individual	0	3	6	11	33	53
		,0%	5,7%	11,3%	20,8%	62,3%	100,0%
Total		5	10	13	66	167	261
		1,9%	3,8%	5,0%	25,3%	64,0%	100,0%

Assim como foi observado no cruzamento dessas afirmativas com a categoria ‘sexo’, aparentemente a ‘modalidade esportiva’ não tem influência sobre a opinião dos respondentes em relação à garantia de igualdade promovida pelas leis e regras, e à dedicação como promotora do sucesso, independente de condicionantes sociais.

## 5.6 PRINCÍPIO DO RENDIMENTO

Para a TCE, o 'princípio do rendimento' é uma das bases fundantes dos esportes de competição, e estes, por sua vez, são o modelo no qual se espelham todas as práticas esportivas (educacional, de lazer, de participação). Segundo esse princípio, o atleta é treinado para buscar a vitória a qualquer custo, independente de qualquer sacrifício de ordem física e moral na busca pela superação de limites para obtenção do sucesso. Ainda segundo a TCE, esta é a mesma lógica que rege as relações de trabalho do mundo industrializado.

Na Tabela 33 são apresentadas as freqüências e percentuais das respostas obtidas para a categoria 'princípio do rendimento', investigada através das questões: "ganhar é a única coisa que importa" (questão 12), "para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício" (questão 14) e, "competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações" (questão 16).

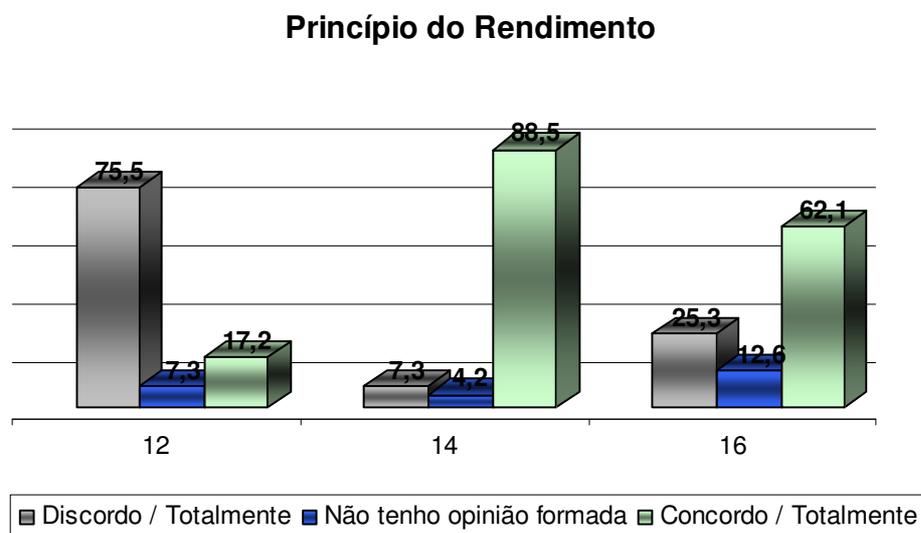
**Tabela 33 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria 'princípio do rendimento'.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
12	107	41,00%	90	34,50%	19	7,30%	27	10,30%	18	6,90%
14	2	0,80%	17	6,50%	11	4,20%	84	32,20%	147	56,30%
16	14	5,40%	52	19,90%	33	12,60%	94	36,00%	68	26,10%

A necessidade de superar limites, mesmo sacrificando-se, para obtenção do sucesso, apresenta 88,5% de concordância entre os respondentes, dos quais 56,3% afirmam concordar totalmente com a afirmação. A atribuição de um caráter de trabalho e obrigação à competição apresenta um percentual de concordância de 62,1%, com menor ênfase do que na questão anterior (26,1% concordam totalmente). Porém, numa tendência radicalmente oposta, 75,5% dos respondentes não acreditam que ganhar é a única coisa que importa, dentre os quais 41% são enfáticos na resposta.

No Gráfico14 esses resultados podem ser mais bem visualizados.

**Gráfico 14: Percentuais gerais para categoria ‘princípio do rendimento’**



Fica bastante evidente a crença dos respondentes no sucesso como resultado da superação de limites, mesmo que nesse processo seja necessário sacrificar-se. Esse dado confirma totalmente o pressuposto da TCE da existência de uma lógica sacrificial inerente à prática esportiva. Outra tendência dos respondentes é associar a competição com o trabalho e o cumprimento de obrigações, o que igualmente vai ao encontro de assertivas da TCE.

O desencadeamento lógico desses pressupostos é de que a prática esportiva estimularia o autoflagelo e o sadomasoquismo, a alienação e a submissão. Isso refletiria diretamente na forma como este indivíduo se comporta socialmente, acima de tudo, em relação ao tratamento abusivo, tanto físico quanto moral, cometido pelo capitalista contra a classe trabalhadora. Transfere-se para o indivíduo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso: se alguém não vence é porque não se esforçou o bastante para superar seus limites, não cumpriu suas obrigações, não se sacrificou. Nesse sentido, o esporte seria uma importante ferramenta de “domesticação” humana, naturalizando e legitimando práticas de abuso cometidas pelos “donos do poder”.

Na contramão dessa tendência está o resultado obtido para a afirmativa “ganhar é a única coisa que importa”. Mais de 3/4 dos entrevistados discordam dessa questão, entre os quais, 41% discordam totalmente. A lógica sacrificial apresentada

anteriormente tem como principal objetivo o sucesso absoluto, a superação a qualquer custo para a obtenção da vitória. Porém, para a população estudada, ganhar não é a única coisa que importa, logo, existem outros motivos para a superação de limites, o trabalho e o cumprimento de obrigações.

Aparentemente os sujeitos operam através de uma mediação entre valores morais e instrumentais. Superar limites e sacrificar-se, trabalhar e cumprir obrigações atende a apelos sociais de valor instrumental, enquanto, acreditar que só a vitória importa, o que pode significar “ganhar a qualquer custo”, implica valores morais. Segundo Lovisolo (1995), o esporte articula valores técnicos, éticos e estéticos. Nesse sentido, sua dimensão técnica incorporaria a superação de limites, o sacrifício, o trabalho e o cumprimento de obrigações. Já sua dimensão ética incluiria, entre outros, o respeito às regras e ao adversário, o que se opõe à postura de conceber a vitória como o único motivo relevante. Assim, parece ser possível afirmar que, embora envolvidos pela lógica do desempenho, onde o sucesso é resultado de muito esforço, dedicação e sofrimento, os atletas não perdem a dimensão ética, segundo a qual o sucesso só é percebido como algo bom, correto, quando obtido de forma lícita e sem danos a terceiros. Os dados obtidos para a categoria ‘disciplina’ reforçam essa hipótese (Gráfico 1), visto que os respondentes afirmam não compactuar com o erro cometido por seus superiores.

Confirmando essa tendência, todos os entrevistados afirmam que, durante uma competição, apesar do empenho e dedicação extrema em busca da vitória, não aprovam o uso da violência, do *doping*, do “roubo”, entre outras práticas moralmente condenáveis. Quando perguntados sobre o que “vale” e o que “não vale” para vencer, as respostas sobre o que consideram ser errado foram enfáticas:

Não vale machucar o outro, assim, por querer, e tal, pra tirar do jogo. Acho que não vale combinar resultado... eu não acho certo. Eu acho que o justo é entrar mesmo, e fazer a sua parte, fazer aquilo que você sabe (Entrevistado 2).

Violência eu acho que não deveria existir dentro do esporte. Acho que deve existir sim, a competitividade. É bom a gente ganhar dentro do regulamento. Para mim, se eu ganhar empurrando um colega, para mim não é bom, eu fico com a consciência pesada. [...] todos os atletas tem que ganhar treinando. O esporte ele é treino, treino e treino. Não é justo também eu tomar uma substância para alterar meu desempenho, e ganhar, e o outro

colega estar treinando, se matando “sol a sol”, aí eu chego e ganho dele fácil. (Entrevistado 17).

Quanto à dimensão estética, segundo a TDB, no esporte, uma equipe vencedora pode não ser motivo de orgulho nacional, ou vice-versa. Com uma classificação popularmente denominada “jogo bonito”, o brasileiro associa a “ginga” e a “malícia”, o que envolve plasticidade e configura uma atribuição moral (belo, bom) ao jeito brasileiro de jogar. Nessa lógica, para que uma equipe expresse a brasilidade em uma copa mundial, por exemplo, deve “jogar bonito”, e através dessa brasilidade manifesta, buscar sagrar-se campeã. Note-se que o “jogo bonito” aparece antes do resultado. Uma equipe que não represente satisfatoriamente essa brasilidade em sua atuação corre o risco de ter seu prestígio socialmente diminuído. Como exemplo pode-se citar a seleção brasileira de futebol de 1982, que até hoje é considerada perfeita, embora não tenha vencido a Copa do Mundo de Futebol.

Assim, parece necessário que haja um conjunto de fatores sociais associados, para que o sucesso de alguém seja visto como algo bom, belo, louvável. Conforme a TDB, nossa forma de conceber o universo social nos permite relativizar e categorizar as pessoas e os acontecimentos segundo diferentes conjuntos de valores. Isso nos permite formular argumentações tais como: “ele é rico, mas é corrupto”, “ele é pobre, mas é limpinho”, “ganho pouco, mas honestamente”. Portanto, a discordância à afirmativa “ganhar é a única coisa que importa”, aponta para uma mediação entre valores por parte dos respondentes, o que corrobora com os pressupostos da TDB.

### **5.6.1 Princípio do Rendimento Versus Sexo**

Não houve diferença significativa entre a opinião de respondentes do sexo masculino e feminino em relação a nenhuma das afirmativas da categoria ‘princípio do rendimento’. Os percentuais obtidos são apresentados nas tabelas 34, 35 e 36.

**Tabela 34: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 12.**

		Ganhar é a única coisa que importa				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
SEXO	Feminino	59 43,4%	43 31,6%	8 5,9%	16 11,8%	10 7,4%	136 100,0%
	Masculino	48 38,4%	47 37,6%	11 8,8%	11 8,8%	8 6,4%	125 100,0%
Total		107 41,0%	90 34,5%	19 7,3%	27 10,3%	18 6,9%	261 100,0%

**Tabela 35: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 14.**

		Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
SEXO	Feminino	1 ,7%	12 8,8%	2 1,5%	45 33,1%	76 55,9%	136 100,0%
	Masculino	1 ,8%	5 4,0%	9 7,2%	39 31,2%	71 56,8%	125 100,0%
Total		2 ,8%	17 6,5%	11 4,2%	84 32,2%	147 56,3%	261 100,0%

**Tabela 36: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 16.**

		Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
SEXO	Feminino	8 5,9%	24 17,6%	18 13,2%	48 35,3%	38 27,9%	136 100,0%
	Masculino	6 4,8%	28 22,4%	15 12,0%	46 36,8%	30 24,0%	125 100,0%
Total		14 5,4%	52 19,9%	33 12,6%	94 36,0%	68 26,1%	261 100,0%

Aparentemente o sexo do respondente não é determinante em sua opinião sobre essa categoria. Concordando com a análise geral apresentada anteriormente, ambos os sexos acreditam na lógica sacrificial e na relação entre competição e trabalho, e discordam do fato de que ganhar é a única coisa que importa.

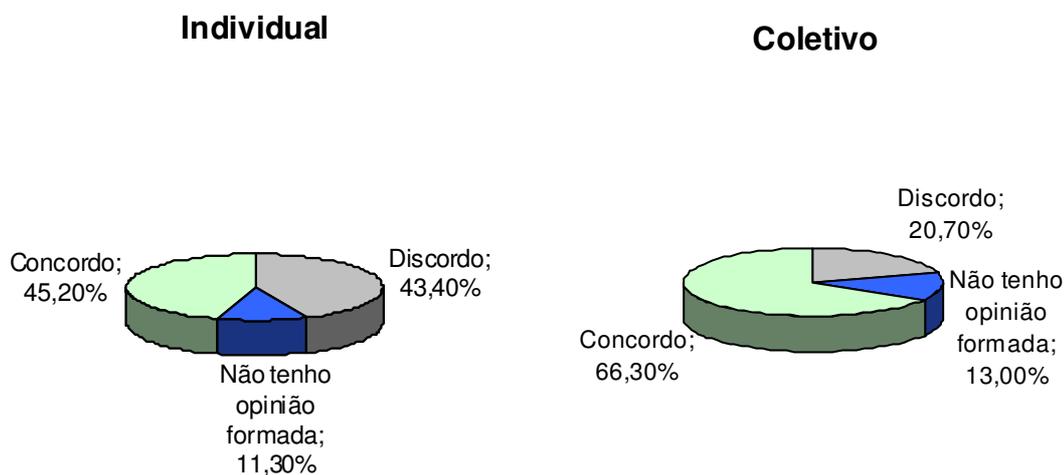
### 5.6.2 Princípio do Rendimento Versus ‘modalidade esportiva’

Ao nível de significância de 5%, apenas a questão de número 16 apresenta diferença significativa (0,005) em relação à opinião de praticantes de esportes individuais e coletivos.

**Tabela 37: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 16.**

		Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		
Esportes	Coletivo	7 3,4%	36 17,3%	27 13,0%	82 39,4%	56 26,9%	208 100,0%
	Individual	7 13,2%	16 30,2%	6 11,3%	12 22,6%	12 22,6%	53 100,0%
Total		14 5,4%	52 19,9%	33 12,6%	94 36,0%	68 26,1%	261 100,0%

**Gráfico 15: Percentual: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 16**



Analisando o gráfico 15, observa-se que no grupo dos praticantes de esportes individuais as opções de resposta, concordo e discordo, apresentam percentuais próximos (45,2% e 43,4%, respectivamente), ou seja, não há muita variabilidade.

Por outro lado, no grupo dos praticantes de esportes coletivos, 66,3% dos atletas concordam que a “competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações”, e apenas 20,7% discordam.

A lógica do trabalho, que segundo a TCE permeia o esporte, parece estar mais presente entre atletas de modalidades coletivas. Esse resultado confirma a tendência observada na afirmativa “o que faz a diferença para o sucesso é a técnica” (Gráfico 8), de modo que, para o aprimoramento técnico, exige-se do atleta “trabalho duro” e cumprimento de obrigações.

Em decorrência desse resultado, pode-se inferir que o indivíduo praticante de uma modalidade coletiva tem maior probabilidade de assumir uma postura mecanicista da competição, tanto esportiva quanto socialmente.

**Tabela 38: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 12.**

		Ganhar é a única coisa que importa				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	78 37,5%	76 36,5%	16 7,7%	25 12,0%	13 6,3%	208 100,0%
	Individual	29 54,7%	14 26,4%	3 5,7%	2 3,8%	5 9,4%	53 100,0%
Total		107 41,0%	90 34,5%	19 7,3%	27 10,3%	18 6,9%	261 100,0%

**Tabela 39: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 14.**

		Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	2 1,0%	15 7,2%	9 4,3%	70 33,7%	112 53,8%	208 100,0%
	Individual	0 0,0%	2 3,8%	2 3,8%	14 26,4%	35 66,0%	53 100,0%
Total		2 ,8%	17 6,5%	11 4,2%	84 32,2%	147 56,3%	261 100,0%

Como pode ser observado nas Tabelas 38 e 39, a exemplo do que ocorre com a categoria 'sexo', a 'modalidade esportiva' praticada não influencia na opinião do respondente em relação às afirmativas 12 e 14.

Ambas as categorias, 'sexo' e 'modalidade esportiva', aparentemente não exercem influência na opinião do atleta sobre a lógica sacrificial do sucesso, e na crença de que ganhar não é a única coisa importante. Vale à pena mencionar as atitudes ambivalentes das respondentes femininas quando comparamos suas respostas em relação às categorias 'fungibilidade' e 'princípio do rendimento'. No âmbito da primeira, observaram-se indicadores de uma preservação da vontade e da subjetividade. Na segunda, tais atitudes não se confirmaram. Isso parece indicar que esses valores encontram aceitação num âmbito maior do que o espaço/tempo do esporte ou as relações estratificadas por 'sexo', atingindo a sociedade brasileira de maneira ampla.

## 5.7 REORDENAÇÃO DA ORDEM

Conforme afirma a TDB, na dinâmica social brasileira observam-se tempos e espaços que, reordenam a ordem social, tais como os ritos de inversão, ritos que reforçam a ordem social e ritos sacros. Em decorrência disso, o brasileiro transitaria entre momentos distintos, tais como o carnaval, as festas formais e as procissões religiosas, com o mesmo nível de envolvimento e dedicação, sem que isso seja percebido como algo contraditório. Nessa perspectiva, oscilamos entre o moderno e o tradicional e nos utilizamos de diferentes conjuntos de valores em cada um dos espaços que ocupamos. O brasileiro comum é hora "folião" (malandro), hora "Caxias" (ordeiro) e hora "beato" (devotado, religioso).

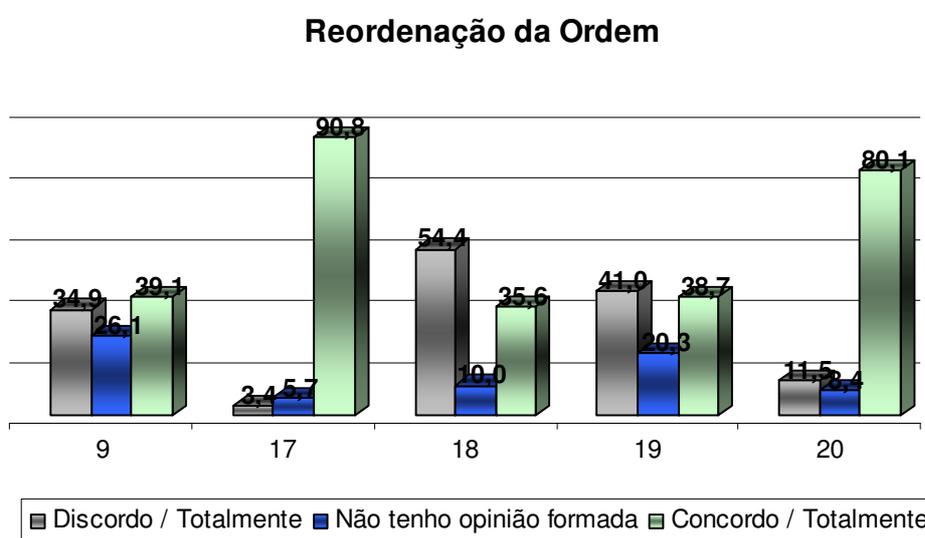
A Tabela 40 demonstra os resultados obtidos nas questões relacionadas à 'reordenação da ordem'.

**Tabela 40 - Freqüências e percentuais gerais para a categoria 'reordenação da ordem'.**

Questão	Discordo totalmente		Discordo		Não tenho opinião formada		Concordo		Concordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
9	22	8,40%	69	26,40%	68	26,10%	77	29,50%	25	9,60%
17	4	1,50%	5	1,90%	15	5,70%	107	41,00%	130	49,80%
18	40	15,30%	102	39,10%	26	10,00%	70	26,80%	23	8,80%
19	25	9,60%	82	31,40%	53	20,30%	74	28,40%	27	10,30%
20	10	3,80%	20	7,70%	22	8,40%	65	24,90%	144	55,20%

As afirmativas que obtiveram o maior percentual de concordância foram: “o sucesso depende do trabalho” (90,8%) e “o sucesso depende de Deus” (80,1%). A afirmativa “o sucesso depende da sorte” obteve o maior percentual de discordância (54,4%) dessa categoria, ainda assim, com alto grau de concordância (35,6%), o que denota certa ambivalência. Porém, a maior ambivalência pôde ser observada nas afirmativas “o que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação” e “o sucesso depende do destino”, conforme apresentado no Gráfico 16.

**Gráfico 16: Percentuais gerais para a categoria 'reordenação da ordem'**



Corroborando com pressupostos da TDB, o sucesso é atribuído com bastante ênfase ao trabalho e, simultânea e igualmente enfaticamente, a Deus. Segundo a TDB, o trabalho pertence ao espaço da “rua”, ao passo que a influência divina pertence ao tempo/espaço do “outro mundo”. Isso leva a constatação de que, por mais que acreditemos no trabalho como promotor do sucesso, também atribuímo-lo

a graça divina, que, como o próprio nome diz, independe do merecimento, é “de graça”. Essa aparente contradição só pode ser compreendida, segundo a TDB, se percebermos a forma natural como o brasileiro transita entre esses distintos tempos e espaços. No trabalho, a lógica da “rua” impera, compreendendo a impessoalidade e as hierarquias, o individualismo e as leis, que significam sempre o “não pode” cerceador. É nesse universo que nos arriscamos diariamente para “ganhar o pão de cada dia”, a fim de retornarmos para a “casa”, com o dinheiro que garante o sustento do grupo familiar, nosso “lar” e “refúgio”. Por outro lado, como que “em suspenso”, o sagrado nos acompanha o tempo todo e, em momentos especificamente destinados para tal ou em situações limítrofes<sup>32</sup>, é cultuado. Nesse sentido, a religiosidade configura-se como uma importante marca de nossa brasilidade, não se restringindo apenas a uma religião, mas ao contrário, envolvendo todas. Independente da fé proclamada pela pessoa, um profundo respeito é socialmente compartilhado. Essa peculiar característica torna possível, por exemplo, que um mesmo indivíduo assumisse simultaneamente como cristão e umbandista, por exemplo. O resultado dessas questões, portanto, confirma os pressupostos da TDB da natureza ambivalente do ambiente social brasileiro.

Em relação à crença no acaso (sorte) como algo determinante para o sucesso, as opiniões se dividem, havendo, no entanto, uma tendência maior a discordância. Observa-se ainda uma grande ambivalência nas questões relacionadas à predestinação (destino) e capacidade de improvisação do indivíduo.

A menor tendência a acreditar que o sucesso decorra da sorte, parece reforçar o conceito de que ele decorre de fatores como o trabalho, a técnica, a dedicação, anteriormente já abordado. Quanto à influência da capacidade de improvisação no sucesso, o resultado reafirma o que foi observado na questão 5, sobre o uso do “jeitinho”. Os respondentes oscilam entre seguir um conjunto pré-determinado de regras, técnicas e procedimentos, e a possibilidade de criar, inovar, buscar alternativas. Já a idéia de predestinação, que acompanha muitas crenças religiosas brasileiras, revela novamente nossa ambivalência social. Conforme já dito anteriormente, a influência divina é inequivocamente aceita, porém, a predestinação, que envolve apenas parte das crenças nacionais, divide opiniões.

---

<sup>32</sup> É recorrente o apelo ou invocação de alguma divindade em situações que apresentam riscos de vida, ansiedade, angústia ou medo extremos. São corriqueiramente utilizadas expressões como: “Oxalá, meu pai”, “Meu Deus do céu”, “Valei-me meu ‘padim’ Cícero”, entre muitos outros.

Nas três questões, o simples fato de haverem opiniões ambivalentes sobre os temas, indica a existência de diferentes conjuntos de valores norteadores, o que, segundo a TDB, configura o dilema social brasileiro.

### 5.7.1 Reordenação da Ordem Versus Sexo

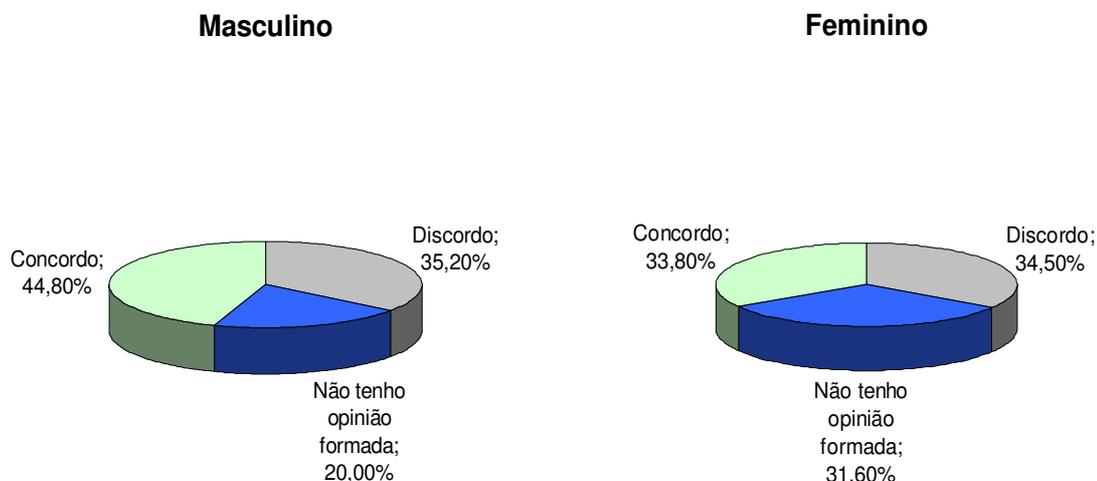
Ao nível de significância de 5%, apenas a questão de número 9 apresenta diferença significativa (0,009) em relação à opinião de respondentes do sexo masculino e feminino.

**Tabela 41: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 9**

		O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	6 4,4%	41 30,1%	43 31,6%	37 27,2%	9 6,6%	136 100,0%
	Masculino	16 12,8%	28 22,4%	25 20,0%	40 32,0%	16 12,8%	125 100,0%
Total		22 8,4%	69 26,4%	68 26,1%	77 29,5%	25 9,6%	261 100,0%

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 41, a diferença mais significativa é percebida no percentual de concordância dos homens, 11 pontos percentuais acima das mulheres. Essa mesma diferença (11,6%) é percebida em relação à abstenção, com as mulheres apresentando maior percentual desta opção. Esses resultados documentam uma ambivalência ou oscilação entre a valorização da técnica e a idéia de improviso. A primeira, bastante associada à própria natureza do esporte competitivo e altamente valorizada nesse ambiente. A segunda, claramente associada à noção de 'jeitinho'. Uma forma socialmente valorizada de contornar problemas, imprevidências e obstáculos. Positivamente associada à idéia de criatividade e uma espécie vantagem específica do povo brasileiro.

**Gráfico 17: Percentual: 'sexo' versus Variável 9**



Pode-se afirmar que existe maior tendência por parte dos homens em associar a capacidade de improvisação do indivíduo com seu sucesso. Isso parece indicar que, apesar de acreditar na técnica como promotora do sucesso (Gráfico 9), o homem não dispensa o uso da improvisação. Em outras palavras, apesar de valorizar mais do que as mulheres o treinamento e a aplicação técnica, o respondente do sexo masculino não abandona a improvisação, ou seja, a fuga dos padrões técnicos e táticos, como instrumento para conquista do sucesso.

Se compreendermos que a improvisação é utilizada apenas quando não estamos devidamente preparados para uma situação, ela se apresenta como uma opção à regra geral. Nesse sentido, o homem, apesar de empenhar-se mais no aprimoramento técnico, inclusive abrindo mão de desejos pessoais (Gráfico 6), dispõe-se a utilizar-se do improviso quando necessário.

De qualquer forma, ambos os sexos demonstram oscilar em relação ao uso da improvisação, o que confirma o pressuposto do TDB. Esse dado é igualmente observado em relação ao 'modo de navegação social', que apresentou igual ambivalência para ambos os sexos (Gráfico 2).

As afirmativas 17, 18, 19 e 20, não apresentaram diferença significativa em relação ao sexo dos respondentes. Os percentuais obtidos podem ser observados nas tabelas 42, 43, 44 e 45, respectivamente.

**Tabela 42: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 17.**

		O sucesso depende do trabalho				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	2 1,5%	4 2,9%	10 7,4%	61 44,9%	59 43,4%	136 100,0%
	Masculino	2 1,6%	1 ,8%	5 4,0%	46 36,8%	71 56,8%	125 100,0%
Total		4 1,5%	5 1,9%	15 5,7%	107 41,0%	130 49,8%	261 100,0%

**Tabela 43: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 18.**

		O sucesso depende da sorte				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	24 17,6%	59 43,4%	13 9,6%	31 22,8%	9 6,6%	136 100,0%
	Masculino	16 12,8%	43 34,4%	13 10,4%	39 31,2%	14 11,2%	125 100,0%
Total		40 15,3%	102 39,1%	26 10,0%	70 26,8%	23 8,8%	261 100,0%

**Tabela 44: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 19.**

		O sucesso depende do destino				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo		Concordo totalmente
SEXO	Feminino	17 12,5%	44 32,4%	20 14,7%	43 31,6%	12 8,8%	136 100,0%
	Masculino	8 6,4%	38 30,4%	33 26,4%	31 24,8%	15 12,0%	125 100,0%
Total		25 9,6%	82 31,4%	53 20,3%	74 28,4%	27 10,3%	261 100,0%

**Tabela 45: Tabela de dupla entrada: 'sexo' versus Variável 20.**

		O sucesso depende de Deus				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
SEXO	Feminino	5 3,7%	12 8,8%	12 8,8%	35 25,7%	72 52,9%	136 100,0%
	Masculino	5 4,0%	8 6,4%	10 8,0%	30 24,0%	72 57,6%	125 100,0%
Total		10 3,8%	20 7,7%	22 8,4%	65 24,9%	144 55,2%	261 100,0%

As idéias sobre a influência do trabalho e de Deus no sucesso, são igualmente fortes para ambos os sexos. Da mesma forma, em relação à influência da sorte e do destino no sucesso, ambos demonstram um mesmo nível de ambivalência. Isso parece confirmar os pressupostos da TDB, conforme análise geral apresentada anteriormente, visto que atinge ambos os sexos de forma igual.

### 5.7.2 Reordenação da Ordem Versus Modalidade Esportiva

Ao nível de significância de 5%, duas questões, as de número 18 e 19, apresentaram diferença significativa (0,017 e 0,048 respectivamente) em relação à opinião de praticantes de esportes individuais e coletivos.

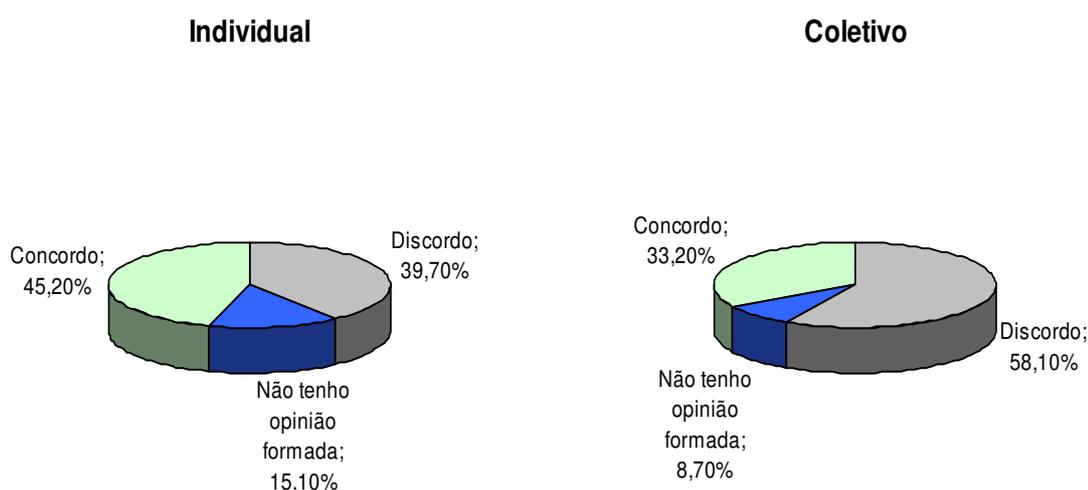
A Tabela 46 apresenta a distribuição das respostas e os percentuais obtidos para a afirmativa “o sucesso depende da sorte”, relativos à ‘modalidade esportiva’ praticada pelo respondente.

**Tabela 46: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 18.**

		O sucesso depende da sorte				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	29 13,9%	92 44,2%	18 8,7%	51 24,5%	18 8,7%	208 100,0%
	Individual	11 20,8%	10 18,9%	8 15,1%	19 35,8%	5 9,4%	53 100,0%
Total		40 15,3%	102 39,1%	26 10,0%	70 26,8%	23 8,8%	261 100,0%

Conforme se observa no Gráfico 18, no grupo de esportes individuais as opções de resposta, concordo e discordo, apresentam percentuais bastante próximos (45,2% e 39,7%, respectivamente), com uma maior tendência à concordância. Enquanto isso, no grupo de esportes coletivos há um grau bem maior de discordância da afirmação.

**Gráfico 18: Percentual: 'modalidade esportiva' versus Variável 18**



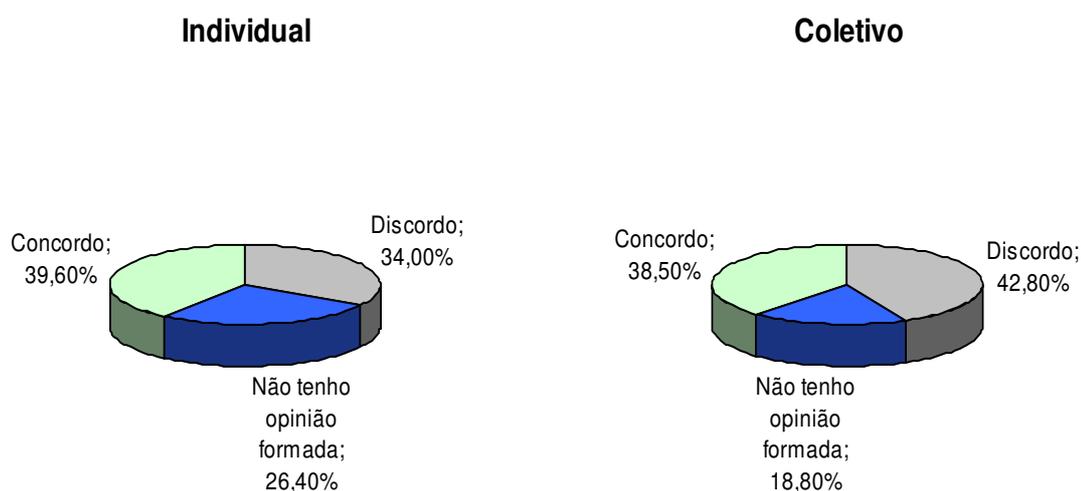
Na Tabela 47 está representada a distribuição das respostas e os percentuais obtidos para a afirmativa “o sucesso depende do destino”, relativos à ‘modalidade esportiva’ praticada pelo respondente.

**Tabela 47: Tabela de dupla entrada: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 19.**

		O sucesso depende do destino				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	16 7,7%	73 35,1%	39 18,8%	58 27,9%	22 10,6%	208 100,0%
	Individual	9 17,0%	9 17,0%	14 26,4%	16 30,2%	5 9,4%	53 100,0%
Total		25 9,6%	82 31,4%	53 20,3%	74 28,4%	27 10,3%	261 100,0%

O percentual de atletas que concordam com a afirmação “o sucesso depende do destino”, tanto no grupo de atletas de esportes individuais quanto coletivos, é considerado estatisticamente igual (39,60% e 38,50% respectivamente). Já em relação à discordância a esta afirmação, os atletas do grupo de esportes coletivos representam maior percentual do que aqueles (42,80% e 34%, respectivamente).

**Gráfico 19: Percentual: ‘modalidade esportiva’ versus Variável 19**



O resultado de ambas as questões (18 e 19) indicam uma mesma tendência: maior discordância por parte de quem pratica modalidades coletivas. Aparentemente, na medida em que os atletas praticantes de esportes coletivos encontram-se inseridos

num ambiente que envolve um grupo, onde o resultado é a soma da atuação do conjunto de atletas, estes apresentam menor tendência em acreditar no acaso ou, principalmente, na pré-destinação, como determinantes do sucesso. Por outro lado, nos esportes individuais, as opiniões dos respondentes encontram-se bastante divididas. Sorte e destino parecem tornar-se tanto mais plausível quanto mais individual se torna a atividade. Não podemos deixar de considerar que para um atleta de modalidade individual, existem muito poucas opções de transferência de responsabilidade. Assim, os resultados, desejáveis ou não, tem muitas vezes a marca do imponderável. O destino e a sorte podem ser perfeitamente válvulas de escape ou discursos consoladores para as derrotas que de outro modo só poderiam ser atribuídas a um desempenho inferior ou, no máximo, à arbitragem.

Pode-se afirmar, então, que existe um espaço maior para a transferência de responsabilidades pelos indivíduos ou uma menor crença na interferência de forças exteriores entre os praticantes de esportes coletivos. Isso confirma a tendência observada na questão 11, e 8, onde os praticantes de modalidades coletivas demonstram maior valorização da técnica e menor crença na alternância de posições sociais.

As afirmativas 9, 17, e 20, não apresentaram diferença significativa em relação à 'modalidade esportiva' praticada pelos respondentes. Os percentuais obtidos podem ser observados nas tabelas 48, 49 e 50, respectivamente.

**Tabela 48: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 9.**

		O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação					Total
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo	Concordo totalmente	
Esportes	Coletivo	16 7,7%	54 26,0%	58 27,9%	60 28,8%	20 9,6%	208 100,0%
	Individual	6 11,3%	15 28,3%	10 18,9%	17 32,1%	5 9,4%	53 100,0%
	Total	22 8,4%	69 26,4%	68 26,1%	77 29,5%	25 9,6%	261 100,0%

**Tabela 49: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 17.**

		O sucesso depende do trabalho				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	3 1,4%	4 1,9%	14 6,7%	86 41,3%	101 48,6%	208 100,0%
	Individual	1 1,9%	1 1,9%	1 1,9%	21 39,6%	29 54,7%	53 100,0%
	Total	4 1,5%	5 1,9%	15 5,7%	107 41,0%	130 49,8%	261 100,0%

**Tabela 50: Tabela de dupla entrada: 'modalidade esportiva' versus Variável 20.**

		O sucesso depende de Deus				Total	
		Discordo totalmente	Discordo	Não tenho opinião formada	Concordo totalmente		
Esportes	Coletivo	9 4,3%	16 7,7%	20 9,6%	53 25,5%	110 52,9%	208 100,0%
	Individual	1 1,9%	4 7,5%	2 3,8%	12 22,6%	34 64,2%	53 100,0%
	Total	10 3,8%	20 7,7%	22 8,4%	65 24,9%	144 55,2%	261 100,0%

Aparentemente, a opinião dos atletas em relação à capacidade de improvisação, ao trabalho e à influência divina, como fatores determinantes do sucesso, não sofre influência significativa do ambiente esportivo ao qual está socializado. Esse dado, a exemplo do que ocorreu em relação à categoria 'sexo', parece confirmar os pressupostos da TDB de que a sociedade brasileira percebe com a mesma importância as diferentes dimensões em que vive (a *casa*, a *rua* e o *outro mundo*), independente do espaço/tempo em que se encontra ou estrato social a que o sujeito pertence.

## 6 CONCLUSÕES

O impulso inicial para a realização deste trabalho partiu de uma lacuna, ao que nos parece, em relação à existência de dados que possam comprovar os pressupostos das teorias sociais que têm o esporte como seu objeto de estudo. São inúmeras as afirmações a respeito dos valores mobilizados pelo e através desse, sem que haja comprovação empírica suficientemente forte para respaldá-las.

Segundo nossas investigações, a teoria social que mais se dedicou ao estudo da relação entre o esporte e a sociedade foi a Teoria Crítica do Esporte. Seus pressupostos tornaram-se mundialmente conhecidos e encontram grande aceitação na Educação Física Escolar brasileira. Uma de suas principais assertivas é de que o esporte é um importante instrumento de socialização, com grande poder de mobilização de valores sociais, “moldando” seus praticantes para atuarem em outras esferas da vida social. Como contraponto à generalidade da Teoria Crítica do Esporte, utilizamos a Teoria do Dilema Brasileiro, que busca dar conta da dinâmica social específica de nosso país, utilizando o esporte como uma de suas “ferramentas” de análise.

Assim, nosso objetivo foi testar os corolários dessas teorias através de proposições relacionadas às atitudes e valores da prática social de praticantes de esportes. Investigamos, pois, não exclusivamente a percepção dos respondentes em relação aos valores presentes no esporte, prática comum em pesquisas desse tipo, e sim os valores sociais dos respondentes de maneira ampla.

Nossa hipótese central de certa ambivalência entre valores sociais contrapostos foi confirmada através dos dados, conforme análise apresentada no capítulo 5.

Assim, a partir dos resultados obtidos no decorrer deste estudo, pode-se concluir que, o indivíduo socializado no esporte:

1. Respeita a decisão de seus superiores, mesmo quando essas decisões não o favorecem, porém, questiona e não respeita tais decisões se julgá-las como sendo erradas;
2. Acredita que as leis garantem oportunidades iguais a todos e procura sempre obedecê-las, porém, constantemente utiliza-se do “jeitinho” para

conseguir algo, relativizando e flexibilizando a lei a seu favor. Apesar disso não aprova a “malandragem”, ou seja, “a arte de tirar vantagem de tudo”;

3. Coloca os interesses do grupo acima dos seus próprios interesses e, para obter sucesso, faz o que é necessário abdicando de desejos particulares;
4. Acredita que, com dedicação, qualquer pessoa pode vencer na vida, de forma que o perdedor pode vir a se tornar um vencedor;
5. Acredita que o domínio técnico faz a diferença para o sucesso, porém, não acredita que os melhores vencem sempre. Além disso, para ele, ganhar não é a única coisa que importa;
6. Acredita que a competição envolve trabalho e obrigações;
7. Associa o sucesso à superação de limites, ao sacrifício e ao trabalho, e, com a mesma intensidade associa-o a Deus.
8. Têm opiniões ambivalentes sobre a influência da capacidade de improvisar, da sorte e do destino na obtenção do sucesso.

Portanto, foram confirmados muitos dos pressupostos da Teoria Crítica do Esporte, em relação à ‘disciplina’, ‘fungibilidade’, ‘meritocracia’ e ‘princípio do rendimento’. Dentro dessas categorias, algumas assertivas foram postas em questão, tais como o respeito incondicional às regras e hierarquias, a crença na vitória como produto de mérito pessoal, e a vitória como o objetivo último.

Em relação à Teoria do Dilema Brasileiro, foram confirmados seus pressupostos referentes ao ‘modo de navegação social’, à ‘meritocracia’ e à ‘reordenação da ordem’. Particularmente em relação à categoria ‘meritocracia’, sua interpretação, conforme já discutido, apresenta uma análise diferente da Teoria Crítica do Esporte em relação aos mesmos dados.

Em face desse quadro, sugerem-se algumas questões, indicando a necessidade da realização de futuras investigações:

- Existem diferenças significativas entre os valores mobilizados pelo atleta em sua prática esportiva e os valores mobilizados por este em sua vivência social?
- Existem diferenças significativas entre os valores sociais de indivíduos socializados no ambiente esportivo, e o restante da população?

## 7 REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. *A Cabeça do Brasileiro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOUDON, Raymond e BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- BRACHT, Valter. Esporte, História e Cultura. In: PRONI, M. W. e LUCENA, R. F. *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p.191-205.
- BRACHT, Valter. *Esporte na Escola e Esporte de Rendimento*. Revista Movimento. Porto Alegre: UFRGS, Ano VI, nº 12, p. 14-19, 2000/1.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre, Magister, 1992.
- BRACHT, Valter. "A Criança que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo... Capitalista". In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *Fundamentos Pedagógicos – Educação Física: flexões e reflexões*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- CAPARROZ, Delma A. S. *Educação Física Escolar: educar em valores*. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 3., 2006, Linhares. *Anais...* Linhares: CBCE, 2006. 1 CD-ROM.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. A Função Cultural do Esporte e suas Ambigüidades Sociais. In: DACOSTA, Lamartine Pereira. *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. Rio de Janeiro: Palestra, 1981. p.301-319.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *Olimpíadas Escolares: regulamento geral da competição*. Etapa Nacional: 15 a 17 anos. João Pessoa: COB, 2008.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2004.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DACOSTA, Lamartine P., et. al. *Manual Valores do Esporte – SESI: fundamentos*. Brasília: SESI - Departamento Nacional, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A Bola Corre mais que os Homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio*. Revista USP: Dossiê Futebol. São Paulo, 22, jun./ago. 1994.

DAMATTA, Roberto. *O que faz do brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DÓRIA FILHO, Ulysses. *Introdução à Bioestatística: para simples mortais*. São Paulo: Negócio Editora, 1999.

FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GONÇALVES, Carlos. *O Espírito Desportivo e os Jovens Praticantes Desportivos*. 2 ed. Oeiras, Portugal: Câmara municipal de Oeiras – Serviço de Desportos, 1996.

GONÇALVES, Carlos. *O Pensamento dos Treinadores Sobre o Espírito Esportivo na Formação dos Jovens Praticantes*. Oeiras, Portugal: Câmara municipal de Oeiras, 1996.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. Malandros, Caxias e Estrangeiros no Futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES, L. G.; BARBOSA, L.; DRUMMOND, J. A. *O Brasil não é*

*para Principiantes: carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois.* 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1986.

LOVISOLO, Hugo e LUCERO, Felipe. *Educação Física Escolar: esporte, competição e talento*. Lecturas: Educación física y deportes, Revista Digital, ISSN 1514-3465 - Buenos Aires - Año 10 - n° 92, 2006.

LOVISOLO, Hugo. *Sociologia do Esporte: viradas argumentativas*. In: Reunião Anual Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 26. 2002, Caxambu –MG. *Anais...* São Paulo: AMPOCS, 2002. 1 CD-ROM.

LOVISOLO, Hugo. *Educação Física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

SANMARTÍN, Melchor Gutiérrez. *Valores Sociales y Deporte: la actividad física y el deporte como transmisores de valores sociales y personales*. Madrid: Gymnos, 1995.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

TAVARES, Otávio. *Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador*. Tese (doutorado) Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003.

TAVARES, Otávio. *Mens Fervida in Corpore Lacertoso?: as atitudes dos atletas olímpicos brasileiros frente ao Olimpismo*. 1993. Dissertação (Mestrado)-PPGEF/UFG, Rio de Janeiro, 1998.

THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, Luis Henrique *Futebol e Teoria Social: Aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)*. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. n. 52, 2º. semestre de 2001, p. 133-165.

TORRI, Danielle e VAZ, Alexandre Fernandez. *Do Centro à Periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil*. In: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. BIB, São Paulo, v. 28, n. 1, p.185-200, setembro 2006.

TORRI, Danielle e VAZ, Alexandre Fernandez. *Teoria Crítica do Esporte: apontamentos*. Revista Virtual EFArtigos - Natal/RN – v. 03 - número 15 - dezembro – 2005.

TURNER, Jonathan H. *Sociologia: conceitos e aplicações*. São Paulo: Pearsons Education do Brasil, 2000.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Teoria Crítica do Esporte: desdobramentos, críticas e possível atualidade*. In: Encontro Anual da ANPOCS, *Anais...* Caxambú, 2003. Revista Esporte e Sociedade, Ano 3 - Número 7 - Nov.2007/Fev.2008.

VAZ, Alexandre Fernandez. DaMatta: o futebol como drama e mitologia. In: PRONI, Marcelo W., LUCENA, Ricardo F. *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p.139-164.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Técnica, Esporte, Rendimento*. Revista Movimento. Porto Alegre: UFRGS, v. 7, n. 14, p. 87-99, 2001.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Treinar o Corpo, Dominar a Natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal*. Cadernos Cedes. Campinas: UNICAMP, ano XIX, n. 48, p. 89-108, Agosto/1999.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A - Questionário

### IDENTIFICAÇÃO

Idade:  15 anos  16 anos  17 anos

Sexo:  Masculino  Feminino

Está cursando:  Ensino Fundamental  Ensino Médio

Esporte que pratica:

Atletismo  Judô  Natação  Xadrez  Tênis de Mesa  
 Futsal  Voleibol  Handebol  Basquetebol

### QUESTÕES ESPECÍFICAS

Queremos saber sua opinião a respeito de algumas frases que apresentamos abaixo. Elas têm um caráter geral, não se referindo exclusivamente ao esporte. Lembre-se que não existem repostas certas ou erradas, apenas sua opinião sincera. Após ler com atenção, dê sua opinião sobre cada uma das questões, marcando com um **X** sua opção. Marque apenas uma opção para cada afirmativa e evite rasurar.

As possibilidades de repostas às afirmações são:

**1** = Discordo totalmente.

**2** = Discordo.

**3** = Não tenho opinião formada.

**4** = Concordo.

**5** = Concordo totalmente.

1	As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando estão erradas.	1	2	3	4	5
2	As decisões dos superiores devem sempre ser respeitadas, mesmo quando não me favorecem.	1	2	3	4	5
3	As leis e as regras garantem igualdade de oportunidade a todos.	1	2	3	4	5
4	Eu sempre obedeco às leis.	1	2	3	4	5
5	Quando não vai por bem, vai no "jeitinho".	1	2	3	4	5
6	Quando não vai por bem, vai na "malandragem".	1	2	3	4	5
7	O trabalho em grupo é mais importante do que a pessoa.	1	2	3	4	5
8	O que faz a diferença para o sucesso é a técnica.	1	2	3	4	5
9	O que faz a diferença para o sucesso é a capacidade de improvisação.	1	2	3	4	5
10	Os melhores vencem sempre.	1	2	3	4	5
11	O perdedor de hoje é o vencedor de amanhã.	1	2	3	4	5
12	Ganhar é a única coisa que importa.	1	2	3	4	5
13	Com dedicação se obtém sucesso, não importa de onde você veio.	1	2	3	4	5
14	Para ter sucesso, é necessário superar os limites, independente de qualquer sacrifício.	1	2	3	4	5
15	O sucesso exige que se faça o que é necessário e não o que se quer.	1	2	3	4	5
16	Competição é, acima de tudo, trabalhar e cumprir obrigações.	1	2	3	4	5
17	O sucesso depende do trabalho.	1	2	3	4	5
18	O sucesso depende da sorte.	1	2	3	4	5
19	O sucesso depende do destino.	1	2	3	4	5
20	O sucesso depende de Deus.	1	2	3	4	5

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas

### IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo:

Série que está cursando:

Esporte que pratica:

### QUESTÕES

1. O que mais lhe agrada e o que mais lhe desagrada no esporte?
2. O que o esporte te ensinou?
3. Quando você está competindo e o árbitro comete um erro prejudicando você/sua equipe, o que você faz?  
E se o erro beneficiar você/sua equipe?
4. Quando estamos competindo “o que vale” e “o que não vale” fazer para ganhar? Vale usar a “catimba”? Vale usar a violência? Vale usar doping? Por quê?
5. No esporte, o melhor sempre vence? Por quê?
6. Você já jogou ou treinou machucado ou sentindo dores? Por quê?
7. Se um atleta for o melhor da equipe, deve ter tratamento diferenciado?
8. O que é uma competição emocionante? Quando uma competição decepciona ou desanima?
9. É possível “vencer na vida” através do esporte? Por quê?
10. Para você, o que significa “vencer na vida”? O que é necessário para alguém “vencer na vida”?
11. Porque algumas pessoas não conseguem “vencer na vida”?
12. Em várias situações da vida, quando uma regra ou uma lei diz: “Não pode!”, freqüentemente alguém argumenta: “quebra meu galho”, “me ajuda aí”, “só dessa vez”. Você já fez isso? O que você pensa sobre isso?